Ie ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

70 $

8/37 rel. 30 fr.

Raro

A

PATRIA PAULISTA

POR

ALBERTO SALLES

CAMPINAS

TYP. A VAPOR DA «GAZETA DE CAMPINAS».

1887

A PATRIA PAULISTA

POR

ALBERTO SALLES

CAMPINAS

TYP. A VAPOR DA «GAZETA DE CAMPINAS».

1887

Embora vos accusem, vos condemnem, vos prendam e vos enforquem, publicae sempre os vossos pensamentos. O fazel-o não é um direito, é antes um dever; obrigação restricta para todos os que têm idéas, é communical-as aos outros para o bem commum. A verdade inteira perlence a todos: o que entenderdes que é util, podeis sem receio pnblical-o.

PAULO LUIZ COURIER.

A' imprensa, ao congresso e aos chefes do partido republicano paulista.

Escrevendo este livro, assim o fiz debaixo de minha unica responsabilidade, por uma inspiração puramente pessoal e sem audiencia de quem quer que seja; creio, portanto, ter o direito e a liberdade de dizer aquillo que penso, sem attender a outra conveniencia, a não ser o interesse geral da causa republicana, sobre uma questão que reputo capital e da maxima importancia para o futuro politico de minha patria.

E' bem possivel que espiritos timoratos e mais ou menos imprevidentes, presos ainda

aos preconceitos dos velhos partidos monarchicos, julguem a minha tentativa por demais prematura e até algum tanto intempestiva, em attenção ao momento historico de nossa evolução social e politica ; por minha parte, porém, o declaro, com toda a candura de uma alma francamente democratica, que eu não tenho, como dizia o grande historiador inglez, uma doutrina *esoterica* para os iniciados e outra *exoterica* para o vulgo : a minha politica é a politica da sinceridade e da franquesa. Poderei desagradar aos individuos, mas nunca prejudicar a causa do meu partido.

Bem sei que a imprensa republicana nesta provincia tem se conservado em attitude medrosa e de mera espectativa, em face da questão de que neste modesto trabalho me occupo ; e aqui justamente é que começa o meu reparo.

Quantas vezes em identicas circumstancias não se tem ella achado e quantas vezes por

isso mesmo não temos visto seriamente assaltada a bandeira do novo partido ? !

Longe de mim a ingrata pretenção e a antipathica tarefa de accusar levianamente a todos quantos entre nós se tem empenhado nas lutas quotidianas e inglorias do jornalismo, em defesa dos principios republicanos ; ao contrario, sou o primeiro a louvar a dedicação exemplarissima com que muitos dentre esses individuos têm sabido se manter, ainda mesmo a custa de enormes sacrificios, na attitude correcta e nobre do verdadeiro patriota.

O que. porém, eu condemno, por não me ter parecido regular e conveniente, e isto sem a minima referencia a quem quer que seja, pois que as personalidades para mim desapparecem, em face da grandeza dos principios, é essa vacillação perenne, que denota mais fraqueza do que prudencia, mais incerteza do que circumspecção, mais receios de uma acariação do que manobra politica, e que não

tem deixado de comprometter a nossa bandeira.

A imprensa republicana na provincia, diga-se desde já em abono da propria verdade, tem representado e continúa ainda a representar um factor de pequena valia na grande obra da propaganda politica. Por mais de uma vez as circumstancias têm sido, por uma espontaneidade verdadeiramente inexplicavel, tão propicias quanto rasoavelmente se poderia desejar, para o derramamento de novas idéas e de novos principios no seio fecundo do generoso espirito popular; entretanto, nenhuma vez, ao menos com proveito real, tem sabido a imprensa tirar partido dessas circumstancias para o alargamento das novas doutrinas.

Bem sei que não é por falta de um preparo conveniente da parte daquelles que têm se collocado á frente do jornalismo republicano e nem por uma direcção mal combinada que tal cousa tem succedido; o que, porém,

é um facto innegavel, ainda que doloroso de reconhecer-se, é que essa falta lamentavel, além de ser bastante visivel para poder ser apontada por todos, tem sido para a nova aggremiação politica de consequencias extremamente prejudiciaes, quer no ponto de vista moral, quer no ponto de vista exclusivamente partidario.

O resultado que d'ahi tem apparecido é essa falta hoje tão generalisada, entre os membros do novo partido, de uma comprehensão mais ou menos exacta das suas doutrinas e, conseguintemente, a formação perigosa desse amalgama pouco coherente, sem uma base solida de disciplina, a não ser o prestigio occasional das personalidades, e por isso mesmo sem a minima garantia de estabilidade e permanencia.

Só este facto é para mim mais que sufficiente para pôr em toda a sua triste evidencia essa especie de attitude meramente contemplativa que, em face dos interesses da propa-

ganda, tem tido a imprensa republicana em nossa provincia. E' absolutamente necessario, é mesmo urgentissimo que, em vez dessa norma de completa passividade, que tem sido até hoje quasi que inteiramente esteril para o partido, assuma a imprensa republicana uma posição mais activa, mais corajosa, mais intrepida e mais na altura de sua elevada missão evangelisadora.

Atirar cegamente á margem a aspiração separatista, que com tanta pujança parece brotar no espirito e no coração de nossos comprovincianos, sem ao menos conceder-lhe as honras de uma discussão superficial, ou é proceder com pouca cautela e sem a minima circumspecção politica, ou então é dar uma lamentavel demonstração publica de indifferença e de abandono, na grande obra da nova orientação politica. O dilemma é fatal.

A todo orgam corresponde uma funcção e a toda funcção corresponde sempre uma responsabilidade. E' esta a doutrina da mo-

ral social. Uma imprensa que se furta a esta responsabilidade, ou por falta de enthusiasmo, ou por falta de energia e coragem, é um orgam de valor negativo no funccionamento geral do organismo social e por isso mesmo inutil. E' preciso, portanto, para que a imprensa republicana não chegue a estes extremos, que atire-se com mais ardor no campo da lucta e que defenda com mais enthusiasmo a bandeira do novo partido.

E já que toquei na imprensa, que me seja permittido tambem dizer alguma cousa sobre o congresso. Esta instituição é talvez uma das mais importantes na organisação politica do partído republicano. Como centro de convergencia de opiniões e como meio de introduzir a ordem nas diversas evoluções do partido, coordenando e systematisando as diversas resoluções suggeridas e reclamadas pela urgencia do momento, incontestavelmente pode o congresso prestar um

grande auxilio á causa da expansão democratica na provincia.

Creio mesmo que foi esse o intuito capital que presidiu á sua organisação; porque, pela forma porque foi delineado, estava destinado a constituir-se o centro supremo das mais graves e das mais importantes deliberações do partido. A sua acção, portanto, no desenvolvimento harmonico e systematico da propaganda republicana na provincia devia necessariamente ser fecunda em beneficas e salutares consequencias politicas.

Entretanto, o que é hoje e o que tem sido o congresso?

Não quero desfazer em uma instituição que se organisou debaixo de tão favoraveis auspicios, simplesmente pelo prazer de censurar; mas o que eu penso, e digo sob minha unica responsabilidade, é que o congresso, apezar de novo e de ter sahido do seio de um partido tambem novo, já é hoje uma instituição fossilisada.

A esterilidade, esse mal canceroso que roe as entranhas do parlamento nacional e que constitue a caracteristica mais saliente das instituições em decrepitude, que caminham apressadas para uma phase de franca dissolução, de ha muito que se tornou a feição predominante, na vida cansada e artificial que vae penosamente arrastando o congresso republicano.

Excepção feita das duas ou tres primeiras reuniões, em que o congresso se occupou de questões importantes, como foi, por exemplo, a discussão das *Bases* para a constituição do Estado de S. Paulo, documento politico de valor notabilissimo, nada mais se pôde registrar de merecimento real nos trabalhos posteriores daquella instituição.

Em vez dos grandes problemas de organisação democratica, que são as questões que mais interessam ao desenvolvimento pratico das doutrinas republicanas e que mais podem servir ao trabalho de reconstrucção nacional

que tenta o novo partido, nada mais tem feito o congresso, principalmente nestes ultimos tempos, do que deliberar e resolver sobre assumptos meramente eleitoraes, aconselhando e sanccionando com sua autoridade planos de combate nas campanhas eleitoraes.

Muitos pontos importantissimos das *Bazes*, que demandam maiores desenvolvimentos, como sejam a organisação judiciaria do Estado e a organisação completa do poder municipal, que apenas se acham esboçadas naquelle projecto, têm sido inteiramente esquecidos. E como estas, muitas outras questões que precisavam e precisam de ser cuidadosamente estudadas têm sido postas á margem, unicamente para dar lugar a assumptos eleitoraes !

E' realmente digno da mais severa censura semelhante procedimento. Um partido que se diz bem intencionado e que procura reconstruir a nacionalidade brazileira, sob bases

francamente liberaes e democraticas, não tem o direito de crusar os braços, em frente dos problemas mais palpitantes da organisação politica, para voltar toda a sua attenção exclusivamente para os expedientes de occasião, reclamados muito embora pelas necessidades da luta nas campanhas eleitoraes.

E' força, todavia, reconhecer que para tudo isto muito têm collaborado os chefes do novo partido. Olhando com pouco interesse para a questão do doutrinamento partidario, todos, sem excepção, têm voltado a sua actividade para os trabalhos materiaes do alistamento eleitoral, ambicionando ardentemente elevar a força do partido na escala da votação, mas descuidados completamente da urgente necessidade do esclarecimento das consciencias, na comprehensão e na assimilação das novas doutrinas.

E tal tem sido o abandono a que se deixaram cahir, em relação ao ensinamento dos novos adeptos, seduzidos apenas pelo brilho

apparente e illusorio do numero crescente das adhesões, que ninguem, em boa consciencia, me contestará, si eu disser que, actualmente nesta provincia, já não se occupam mais os chefes politicos do partido republicano, sinão de trabalhos meramente eleitoraes.

A corrente das idéas democraticas, pode-se dizer com franqueza, tem-se avolumado e tem se dirigido, abrindo cada dia no coração e no espirito das massas populares um sulco cada vez mais largo e mais profundo, mais levada por um impulso espontaneo, do que dirigida e guiada pela orientação dos chefes.

Na generalidade pouco previdentes e as mais das vezes conduzidos antes pelos impulsos generosos do coração do que pelas luzes da razão e do saber, ninguem deixará de reconhecer que os chefes do partido republicano, illudidos por uma perspectiva seductora, mas ao mesmo tempo perigosa, mais de uma vez têm se visto em serias difficulda-

des para não deixar soffrer a bandeira do novo partido.

E quantas vezes, mesmo por essa lamentavel imprevidencia, não têm se extinguido em pura perda movimentos de reacção social e politica, que mais cautelosamente dirigidos, poderiam ter sido largamente utilisados em proveito da propaganda democratica e do crescimento do novo partido ?

Não quero de modo algum fazer recriminações ; mas o que estou vendo passar se ainda agora com a agitação separatista, que aliás é uma manifestação symptomatica fecundissima, como se verá claramente no correr deste trabalho, desde que seja convenientemente dirigida, me faz acreditar piamente que aquillo de que antes de tudo necessita o partido republicano é que seus chefes, ao lado das luctas eleitoraes, não se esqueçam tambem da obra do doutrinamento.

De cabalistas eleitoraes já não precisa mais o partido, que os tem até demais ; do que

elle precisa e isso com a maxima urgencia possivel, é de uma imprensa que se incumba da divulgação das suas doutrinas, de um congresso que saiba fundir essas mesmas doutrinas em leis organicas fundamentaes e de chefes que o queiram dirigir e orientar no meio da actividade politica da provincia.

Eis o que almejo e o que todo o bom republicano deve almejar para o seu partido.

Campinas – 1887.

ALBERTO SALLES.

PARTE PRIMEIRA

O SEPARATISMO

EM FACE

DA

SCIENCIA

I

O Problema

Um eminente escriptor republicano, que é tambem um dos chefes mais conceituados do mesmo partido, rompendo com a tibiesa lamentavel e compromettedora de seus collegas, mas ainda assim algum tanto tolhido pelo receio da censura, teve no entanto a coragem precisa para proferir de uma tribuna de conferencias populares as palavras que aqui transcrevemos :

« Sejam quaes forem as difficuldades do problema que sob uma ou outra fórma está lançado nas provincias, cumpre resolvel-o. Os gritos de revolta que a espaços

tem se levantado no Pará, pela voz unanime da imprensa, no Rio Grande do Sul pela palavra do tribuno Silveira Martins, o movimento paulista, e tantos outros indicios mostram que está para breve o termo dos expedientes. Não esqueçamos, todavia, que somente são fecundas e duradouras as reformas, quando penetram em todas as consciencias e conquistam todas as vontades.

« Não sei, nem tenho competencia para dizer qual seja a opinião do partido republicano sobre a separação. A meu vêr, á ferrenha unidade actual é bem possivel, e até muito provavel, que succeda a desaggregação das provincias, para depois constituir-se definitivamente a federação.

« Creio que a republica, como aconteceu á independencia, ha de ser proclamada em algum ou alguns pontos do paiz, para propagar-se a todos, com mais ou menos celeridade. Esperar uma transformação subita, de extremo a extremo do Brazil, equi-

vale a acreditar em milagres. A propaganda separatista não é obra de partido algum e a todos está influenciando ; talvez não esteja longe de apoderar-se delles e transformal-os. Quanto a nós, que queremos estados federados, não me parece desacerto começar por fazer estados, para depois fazer federação. »

Essas palavras definem claramente a questão. Já não é mais licito duvidar : a aspiração separatista é uma realidade, é um phenomeno que existe no seio da provincia, que se complica cada vez mais, que faz rapido caminho no dominio das consciencias, que encontra adherentes por toda parte, que falla ao coração, que estimula os brios e os preconceitos locaes, que cresce espontaneamente, vertiginosamente,que se avoluma a olhos vistos, que se generalisa, que se impõe ao pensamento e ao sentimento da provincia e que parece até mesmo, como o declarou sem reservas o sr Ubaldino do Amaral, apoderar-

se de todos os partidos e transformal-os radicalmente.

Cumpre resolver o problema desde jà, ou seja por um modo ou seja por outro, emquanto as suas condições ainda o permittem. Deixal-o que se torne cada vez mais complexo, mais melindroso, mais enredado, será preparar um desastre para o proprio partido republicano, será comprometter ineptamente a causa da democracia.

A nosso vêr, a aspiração separatista, como uma manifestação do máo estar que em geral começam a sentir as provincias no regimen atrophiante da centralisação monarchica, tem todos os caracteristicos de uma revivescencia politica que, por isso mesmo que se pode tornar profunda e generalisada no espirito publico, precisa de ser convenientemente aproveitada, como uma nova accumulação de forças sociaes, que ainda poderão ser dirigidas e encaminhadas em beneficio da republica, quando as circumstancias

do momento o permittirem ou talvez o exigirem.

Consentir, porém, que essa poderosa elaboração politica, que tão espontaneamente e com tanta pujança se opera no seio de nossa provincia, se dissolva inutilmente e se desfaça por si mesma, unicamente por falta de um partido que saiba systematisal-a convenientemente, offerecendo-lhe as condições de convergencia necessarias e dirigindo-a no sentido de uma reconstrucção completa da patria, nos parece que será antes a politica da inercia do que a politica do patriotismo e do progresso.

E' preciso que todos aquell s que carregam publicamente com a responsabilidade da direcção do partido republicano se convençam, de uma vez para sempre, que o primeiro preceito da arte politica, despida ao menos de sua roupagem empirica e irracional, consiste em seguir invariavelmente, no desdobramento successivo do progresso na-

cional, a linha da maior segurança, que é a linha da menor resistencia. E será seguir este salutarissimo preceito deixar que essa nova força politica se entregue, por falta de orientação, a uma tendencia dispersiva funesta e que desse modo se dissolva em pura perda para a provincia? Parece-nos que não.

Assim como o bom medico procura, sempre que é possivel, nas crises morbidas mais serias, tirar partido das reacções que nessas occasiões se manifestam no organismo do enfermo, assim tambem o bom politico não póde ficar inerte em face das crises sociaes, sob pena de ser apontado como um simples charlatão.

A agitação separatista está justamente nestes casos. E' um problema gravissimo, que cumpre resolver o quanto antes e do modo que fôr mais conveniente para o advento definitivo da democracia em nossa patria. Bem sabemos que o partido republicano parece que-

rer affastar de si a responsabilidade dessa solução ; a nós, porém, affigura-se a questão de tal modo importante e tão irregular a conducta politica dos directores do partido, que este livro nada mais é do que uma tentativa individual, fraca muito embora, no sentido de supprir essa falta na conducta dos chefes.

Ignoramos se a nossa solução será aceita igualmente por todos ; o que, porém, podemos assegurar é que trata-se de um problema politico, que reputamos gravissimo e cujas consequencias interessam mui de perto, não somente as condições de vida do partido republicano, como ainda e muito principalmente, o futuro da patria brazileira em geral e especialmente da patria paulista.

Pretendemos, pois, estudal-o em face da sciencia politica, com animo desprevenido e inteira imparcialidade, antes de formular a solução que mais adequada nos parece; e para isso começaremos pela analyse das condições biologicas que nelle se acham envolvidas.

II

A lei do progresso em biologia.

Tão intima é a relação que existe entre os phenomenos sociaes e biologicos, tal é o condicionamento geral em que se acham os differentes factores que a uns e outros determinam, que é hoje quasi impossivel estudar-se scientificamente um facto qualquer que se reproduz no seio do corpo social, sem attender se especialmente áquellas duas ordens de factores. E como o problema de que pretendemos nos occupar particularmente é por sua natureza essencialmente politico e diz respeito muito directamente a lei do pro-

gresso social, é claro que, antes de tudo, já em razão das exigencias do methodo, já para maior clareza e melhor comprehensão, é preciso mostrar, tão succintamente quanto possivel, em que consiste em biologia a lei do progresso.

Herbert Spencer, a encarnação mais poderosa do pensamento moderno, procurando estabelecer, em um de seus mais interessantes ensaios, as leis geraes da physiologia transcendente, tornou bem saliente a grande lacuna que até bem pouco tempo ainda existia, entre os proprios homens de sciencia, na concepção que geralmente se formava acerca do processo biologico do desenvolvimento. « Diz-se commumente, observa elle, que esse processo consiste em uma serie de mudanças que differenciam as partes. A meu vêr esta definição é incompleta. Todo o physiologista o sabe, a evolução dos organismos não comporta sómente uma separação de partes, mas tambem a união de

certas partes. Além da desaggregação, ha uma aggregação. »

São esses os dois aspectos fundamentaes de toda evolução organica. São essas as duas tendencias predominantes que se desenvolvem parallelamente no seio dos organismos e que constituem juntamente a lei do progresso em biologia. A toda desaggregação corresponde necessariamente uma aggregação parallela, a toda separação, uma integração correlativa. E' assim que se opera a passagem do homogeneo para o heterogeneo e que se effectua a evolução dos organismos.

A lei geral da divisão physiologica do trabalho, que é hoje uma das concepções predominantes em biologia, nada mais é do que a expressão viva desse processo constante de differenciação e integração successivas, que se encontra sempre em acção entre todos os seres da longa escala zoologica e que constitue a lei fundamen-

tal do aperfeiçoamento organico dos animaes

Milne-Edwards, estudando esta tendencia que se observa na serie animal para a localisação das funcções e para a divisão do trabalho physiologico, diz que « á principio é o mesmo instrumento que sente, que move-se, que absorve do exterior as materias nutritivas, que respira e garante a conservação da especie ; mas á medida que a machina animal se aperfeiçoa, a divisão do trabalho physiologico faz progresso e a vida do individuo resulta do concurso de um numero cada vez mais consideravel de orgams variados, funccionando cada um de um modo especial. »

Esta especialisação crescente de orgams, acompanhada de uma localisação correspondente de funcções, outra cousa não é mais do que uma consequencia natural desse phenomeno geral, que se observa no mundo organico e que consiste na passagem do esta-

do homogeneo para o heterogeneo, por meio de desaggregações e aggregações successivas. Dois exemplos bastarão para illustrar convenientemente este processo.

O figado, como todos sabem, é uma das grandes viceras inferiores, que se acha situada do lado direito, acima do estomago e embaixo do diaphragma, ao qual se prende. Como annexo do tubo digestivo, é uma glandula perfeitamente distincta, que não se confunde com qualquer outro orgam e que tem funcções especialissimas, como seja, por exemplo, a secreção da bilis, que se faz por meio de canaes tambem especiaes que convergem todos para um só de diametro maior e que vai ao duodeno.

Esta glandula é formada de um tecido, que se compõe de pequenas glanulações, chamadas lobulos, que por sua vez são constituidas por um grande numero de celulas. A formação e desenvolvimento deste orgam se acham hoje perfeitamente estudados. gra-

ças aos admiraveis progressos da anatomia comparada ; de modo que é possivel fazer-se presentemente a historia detalhada e completa do figado, atravez de suas diversas metamorphoses, do mesmo modo por que se faz a historia das differentes transformações por que tem passado a terra, para chegar ao estado em que actualmente se acha.

Essa historia é a confirmação plena do processo organico que acima ficou esboçado. Assim, ha uma phase em que as celulas hepathicas existem espalhadas pela superficie intestinal, n'uma promiscuidade completa e cobrindo uma grande parte do estomago. Tal é o que revela a anatomia comparada nos seres inferiores. Mais tarde, subindo-se na escala zoologica, essas celulas vão se separando pouco a pouco das outras, vão se reunindo em pequenos grupos, até que em uma classe já bastante desenvolvida, se originam os lobulos e a glandula se constitue independente e com funcções especiaes.

Um outro exemplo pode ser fornecido pela glandula pancreatica. Esta glandula, como diz Letourneau, « existe já nos vertebrados os mais inferiores, nos peixes ; mas é então geralmente menor e de uma estructura mais simples. O pancreas de diversos vertebrados (lagarto, etc.) acha-se soldado ao baço, como nos mamiferos superiores, a glandula biliosa se acha soldada a glandula glycogenica. Um gráo de confusão glandular ainda maior se observa na *chimera monstro*, em que o pancreas se acha soldado ao mesmo tempo ao baço e ao figado. »

No desenvolvimento destes dois orgams se observa bem claramente illustrado, não somente o processo de desaggregação, como ainda o processo de integração que lhe é correlativo. Todavia, para bem se comprehender a lei do desenvolvimento organico é preciso procurar a causa que determina a desaggregação e aquella que produz a aggregação. Sem isto o

processo não se acha convenientemente explicado.

Herbert Spencer, a quem temos seguido nesta rapida exposição, mostra que a causa da separação e, conseguintemente, da desintegração, é a differença, não só na qualidade, como tambem na quantidade das influencias exteriores a que o organismo se acha exposto ; emquanto que o processo de integração é determinado pela identidade de funções

Assim, desde que uma massa celular se ache exposta a influencias thermicas ou chimicas differentes, nos differentes pontos de sua superficie, ha de necessariamente dar-se uma separação no seio da mesma massa ; e como certas celulas, em virtude mesmo dessa separação, começam a exercer certas funcções, é evidente que todas aquellas que exercerem funcções identicas hão de forçosamente reunir-se em um mesmo grupo.

Tal é, em resumo, a lei do progresso em biologia ; lei em virtude da qual se verifica que toda a evolução organica parte do homogeneo para o heterogeneo, por meio de desaggregações e aggregações correspondentes.

III

Analogia entre o organismo biologico e o organismo social.

Chegados a este ponto, cumpre-nos antes de tudo, como uma condição preliminar indispensavel, mostrar que no estudo de um phenomeno social qualquer, mesmo em rasão de sua extrema complexidade, somos forçados a lançar mão de processos logicos especiaes que, apesar de excessivamente perigosos e de muito difficeis de serem manejados, entretanto são os unicos que podem com proveito real ser empregados. Taes são os processos logicos da analogia.

Dissemos que o problema de que nos occu-

pamos affecta directamente a lei do progresso politico ; é forçoso, conseguintemente, que, depois de termos demonstrado em biologia em que consiste a lei do progresso, mostremos tambem, antes de entrarmos propriamente no terreno dos factos politicos, que,entre o organismo physiologico e o organismo social, ha muitos pontos de contacto que, uma vez que sejam criteriosamente illuminados pelos processos logicos da analogia, podem se tornar recursos admiraveis de interpretação,aos olhos do sociologista prudente e sagaz.

Convém,todavia,não illudir as difficuldades innumeras da questão. A analogia póde trazer vantagens extraordinarias, uma vez que seja legitimamente conduzida ; mas tambem pode ser uma fonte perenne de erros nas mãos de um investigador inexperiente e ainda pouco familiarisado com os grandes recursos do methodo positivo. E' preciso não perder de vista que cada sciencia domina

uma cathegoria especial e irreductivel de phenomenos, e que si entre ellas ha uma lei de interdependencia constante, entretanto não se póde explicar os phenomenos de um certo aggregado da materia pelas leis especiaes de um aggregado inferior.

E' com esta reserva indispensavel que recorremos aos processos analogicos. Bem sabemos que ha uma analogia transcendente, filha directa da concepção dynamica do universo, que por sua vez se funda no conceito mechanico da transformação e conservação das forças, que pretende reduzir todos os phenomenos ao phenomeno unico do movimento. Não é, porém, desta analogia, que aliás reputamos perigosissima, por isso que aniquilla a distribuição seriaria das sciencias e admitte á possibilidade da interpretação de um phenomeno extremamente complexo pelas leis de um outro de natureza simplissima, que poderemos colher bons resultados.

Sabemos tambem que ha uma outra analogia, já não puramente objectiva como esta, mas totalmente subjectiva, que, por um exagero semelhante e tão condemnavel como o primeiro, faz gerar na consciencia o falso conceito da perfeita identidade dos phenomenos, quando, entretanto, por seu proprio condicionamento, na maioria dos casos pelo menos, constituem grupos distinctos e irreductiveis. Tal é a analogia verbal, de que infelizmente se costuma tanto abusar.

Ao lado, porém, dessas duas, ha uma outra analogia, que, como observa Roberty, não vae atrás da chimerica identidade fundamental dos phenomenos e que, « devidamente verificada, póde conduzir ao estabelecimento de uma relação de semelhança ou identidade e nos auxiliar, desse modo, a formar classificações racionaes ; esta pode nos incitar a descobrir leis particulares e empiricas e nos facilitar esta descoberta ; emfim,

pode nos auxiliar a relacionar as leis particulares ou empiricas dos phenomenos com as leis geraes ou theoricas.»

Temos encontrado escriptores bem preparados, e dignos do mais elevado conceito, affirmando, por exemplo, que, assim como existe no individuo um orgam respiratorio, um tubo digestivo, um systhema nervoso, um cerebro, assim tambem nas sociedades se encontram perfeitamente determinados, não sómente esses mesmos orgams, como tambem as funcções especiaes que lhes são correlativas.

Desde que a analogia chega a este ponto de ultrapassar francamente os seus legitimos limites, já não pode ser artificio salutar, senão uma fonte de erros para o espirito. O que se dá na realidade e o que é facil de verificar é que os grandes phenomenos de crescimento, de funcção e de estructura, que se observam no individuo, encontram-se egualmente nos agrupamentos

sociaes, muito embora sob uma forma diversa e não tão concreta como no individuo.

E' neste sentido e unicamente neste sentido que adoptamos a expressão, já hoje consagrada pela sciencia, de que a sociedade é um organismo. Não se trata aqui de um organismo, cujos orgams especiaes podem ser vistos e observados anatomicamente, como no individuo; trata-se, como diz Spencer, de analogias que se referem unicamente aos systemas ou aos processos de organisação.

Assim, por exemplo, observando-se o organismo biologico, verifica-se que elle não é um simples mechanismo, como o diz Maudsley, « mas uma unidade physiologica que possue um consenso perfeito e intimo de suas funcções. » No meio dessa unidade, conserva cada orgam sua independencia propria, exercendo cada um sua funcção respectiva, mas ligados todos entre si por laços de sympathia tão estreitos, que um elemento morbido qual-

quer que surge em um delles reflecte-se quasi sempre nos outros, principalmente naquelles em que a interdependencia é maior e as relações mais directas e immediatas.

Pois bem; este phenomeno de irritação reflexa, que é bem accentuado no organismo animal, tem o seu analogo, no organismo social, na reacção constante que se observa entre as diversas partes da constituição politica do Estado. E' assim que se tem verificado que a fórma do governo geral, por exemplo, influe poderosamente sobre a fórma dos governos locaes.

Desta analogia entre as duas ordens de phenomenos, não obstante a differença enorme que os separa no ponto de vista da sua complexidade especial, é claro que podemos chegar a uma conclusão importantissima, que muito facilitará as nossas investigações posteriores e que vem a ser que o organismo nacional não é um simples mechanismo, producto arbitrario da vontade humana, mas uma verdadeira unidade social, que possue

um consenso perfeito e intimo de suas funcções.

Esta concepção, que pode ser eminentemente fecunda em consequencias salutares e que pode até mesmo dar lugar a uma orientação completamente nova no desenvolvimento da actividade politica, uma vez que seja devidamente comprehendida e applicada ao governo das sociedades, nos foi, entretanto, revelada pelos processos logicos da analogia, sem comtudo sahirmos dos seus legitimos limites.

Applicando-se o mesmo processo ao modo de desenvolvimento dos orgams no corpo animal e verificando-se que elle se effectua neste caso na rasão directa da funcção, chegaremos a conclusões não menos importantes em relação ao corpo politico, pelas analogias que ahi encontraremos. Herbert Spencer, que é justamente quem melhor tem manejado este processo, fallando particularmente desta lei disse que « ella é o fundamento de todas as maximas e methodos racionaes de educação,

tanto intellectual, como moral e physica ; e no dia em que os politicos chegarem a comprehender esta verdade, esta lei constituirá a base de toda a legislação racional.»

A' vista do que fica dito facilmente se comprehenderá a rasão pela qual começamos o nosso estudo, determinando primeiramente a lei do progresso em biologia. Uma vez que se trata de um problema politico importante, mas circumscripto a uma ordem particular de phenomenos, tinhamos necessidade de lançar mão dos recursos da analogia, não sómente para chegarmos mais facilmente a determinar a sua lei especial, como ainda para podermos com mais segurança relacional-a com a lei geral dos phenomenos sociaes.

Assim, pois, affectando a questão que nos occupa a lei do desenvolvimento politico, que é uma lei particular, e tendo nós já enunciado a lei do desenvolvimento biologico, para seguirmos os processos da legitima analogia, devemos agora estudar a lei geral do pro-

gresso em sociologia, para depois determinarmos, por uma relacionação necessaria, a marcha especial do progresso no dominio dos phenomenos politicos. E' o que passamos a fazer.

IV

A lei do progresso em sociologia.

A' vista das poucas analogias que deixamos enumeradas no capitulo anterior, já se deverá ter presentido que a marcha do desenvolvimento nos organismos sociaes não poderá ser, em fundo, senão a mesma que se encontra nos organismos biologicos, apenas mais complexa. E de facto, todas as cousas eguaes, póde-se dizer que essa serie de modificações successivas que se effectuam constantemente no seio dos agrupamentos sociaes, e que se traduzem pelo progresso, nada mais são do que a passagem necessaria

e gradual do estado homogeneo para o heterogeneo, por via de desintegrações e integrações parallelas.

« Quando se reconhece que o progresso é a tendencia a fazer predominar cada vez mais as idéas geraes, observa Littré, comprehende-se a causa do desenvolvimento das sociedades, tal como a historia nol-o mostra. » Esta noção historica do progresso não é, entretanto, bastante clara e comprehensiva. Ella exprime perfeitamente o *sentido* dessa longa elaboração mental, em que as concepções humanas vão se generalisando cada vez mais, a medida que se sobe na escala do tempo, mas não deixa entrever os *processos de organisação* que se encontram em jogo no seio dos agrupamentos sociaes. E' uma concepção abstracta que domina a massa inteira dos factos historicos, que traduz a lei do movimento na historia, mas que não penetra de modo algum nas condições de desenvolvimento das differentes instituições sociaes.

Assim, por exemplo, é fora de duvida que a concepção republicana representa em politica uma grande generalisação e, conseguintemente, um grande progresso sobre outra qualquer; mas o que aquella grande generalisação não nos explica, o que ella não nos esclarece de modo algum, aquillo sobre que ella passa em completo silencio, é o *como*, a maneira, a serie de processos que conduziram áquella generalisação. Em uma palavra, a noção do progresso que nos foi offerecida por Littré é uma noção puramente empirica, verdadeira unicamente em face da corrente extrinseca da historia, mas insufficiente e vaga de mais no ponto de vista puramente scientifico.

O progresso social, como o progresso biologico, dá-se por via de desaggregações e aggregações correlativas, com uma differença, porém, e que vem a ser que, neste caso, aquelle processo de differenciação de orgams e de localisação de funcções, que é para assim dizer palpavel no organismo physiologi-

co, não se encontra de um modo tão claro, tão distincto, tão concreto, si bem que seja o mesmo, em fundo, no organismo social. Feito este reparo, porém, a analogia é completa.

Costuma-se geralmente dizer que uma sociedade progride, á medida que cresce em riqueza, em poder, em instrucção, ou que se desenvolvem a sua industria, o seu commercio, as suas artes e a sua sciencia. Penetremos, porém, um pouco mais fundo, pondo de parte esses factos apparentes, que são os primeiros a attrahir a nossa attenção e veremos que tudo isso nada mais é do que uma consequencia natural de uma serie ininterrupta de modificações organicas.

Remontemos por um momento, por uma vista retrospectiva, ás phases primitivas de uma dada população. O que a observação nos depara como o primeiro residuo reconhecivel é esse estado de aggregação incipiente, fragil e susceptivel de romper-se a cada momento, que se chama a tribu. Os

elementos de cohesão social, por isso mesmo que se fundam unicamente em um parentesco rudimentar, incompleto, real ou ficticio, são então extremamente fracos.

E' verdade que já se encontra um principio de desaggregação na organisação da familia, que então se manifesta em germens ainda muito rudimentares ; mas o que é verdade tambem é que a caracteristica predominante desse estado imperfeito de aggregação social é a homogeneidade. Só mais tarde, depois que a desaggregação familista tem se tornado bem accentuada, é que surge a *cidade* como uma aggregação social mais consistente, mais perfeita e mais poderosa. Na cidade romana, as *familias* formam as *gentes*, estas as *curias* e as curias constituem as *tribus*.

Por aqui se verifica que, ao mesmo tempo que se opera uma desintegração, se effectua parallelamente uma integração, á medida que o agrupamento social se desenvolve ; de mo-

do que ainda neste caso, como já anteriormente dissemos, as modificações partem do homogeneo para o heterogeneo. A cidade, em que a aggregação social é mais forte, offerece ao mesmo tempo uma heterogenia muito maior do que a tribu.

Ainda mais. No seio mesmo da cidade continúa em acção o mesmo processo. As classes se originam, desenvolvem-se e organisam se regularmente, cada uma com as suas funcções especiaes, com seus privilegios, com suas prerogativas, como organismos distinctos e separados, apenas ligados pelos laços de uma solidariedade puramente defensiva. Taes são, por exemplo, a classe militar, que avoca para si todos os privilegios das funcções governamentaes e a classe agricola, que se constitue o orgam unico das funcções productivas.

E' em virtude destas desintegrações e integrações successivas que se opera o crescimento e o desenvolvimento das sociedades

humanas. Ainda hoje se observam perfeitamente accentuados esses lentos, mas incessantes phenomenos de integração, no seio dos organismos nacionaes. Sabe-se, por exemplo, graças aos trabalhos estatisticos modernos, que ha em todas as nações, com pequenas differenças de intensidade, uma corrente continua de população dos campos para as cidades.

Ora, o que é que sobresahe nesse movimento, nesse phenomeno de deslocação no seio mesmo da massa geral da população, que se dirige continuamente dos campos para as cidades ? Não será, de um lado, a desaggregação da massa celular, para usarmos de uma metaphora, ainda em estado de promiscuidade nos campos, e, de outro, a sua aggregação nos grandes centros populosos, onde vão dar incremento ás diversas classes que já lá existem, como outros tantos orgams da actividade industrial ?

Parece-nos, pois, que podemos com segu-

rança affirmar, á vista dos factos, fundados na observação analogica, que a lei do progresso em sociologia, á parte a complexidade caracteristica das propriedades irreductiveis dos aggregados sociaes, ainda consiste no duplo processo de desintegração e integração successiva de partes.

V

Consequencias politicas da lei estabelecida.

Si a lei do progresso, que deixamos enunciada no capitulo anterior,é verdadeira em sociologia, ella deve abranger, sem excepção, todas as cathegorias de phenomenos sociaes ; portanto, deve applicar-se do mesmo modo ao commercio, á industria, ás artes, ás sciencias, ás religiões, e aos governos ; isto é, os phenomenos politicos em particular hão de seguir em sua evolução a mesma marcha ascendente do homogeneo para o heterogeneo, atravez de uma serie indefinida de differenciações.

Assim, a constituição das nacionalidades, que é um phenomeno politico, muito embora appareça rodeado de um sem numero de circumstancias especiaes e apezar de sua extrema complexidade, ha de, em ultima analyse, postas de parte as multiplas condições que o rodeiam e o tornam mais ou menos complicado, poder ser reduzido a este processo essencial de differenciações de partes e de integrações correspondentes.

E' verdade que trata-se de um facto de ordem importantissima e que traz em si englobados muitos elementos igualmente importantes e até de naturezas diversas; isso, porém, não impede que, na sua apreciação scientifica, se possa reduzil-o unicamente ás suas mais elementares, mais simples e mais genericas condições de existencia. Desde que se eliminem os seus factores particulares e de minima importancia, a sua interpretação simplifica-se de um modo extraordinario.

Assim, attendendo-se aos modificadores do solo, da raça, da civilisação e outros, facilmente se percebe que o organismo nacional, como outro qualquer, é um producto directo de uma longa elaboração historica, de uma serie de modificações anteriores, de uma evolução constante,em que estiveram em jogo os mesmos processos que já deixamos estudados.

Tal é a conclusão *á priori* a que naturalmente se chega pelo emprego do methodo deductivo. Si em sociologia, como já ficou demonstrado satisfactoriamente, todas as modificações se operam por via de uma evolução que parte sempre do simples para o complexo, do homogeneo para o heterogeneo, não se póde duvidar de que essa seja tambem a marcha dos phenomenos politicos. Conseguintemente, a constituição das nacionalidades, a ser verdadeira a inducção que fizemos nos capitulos anteriores, ha de necessariamente ser comprehendida nos limites da mesma lei.

De um mesmo tronco ou de uma mesma raça podem brotar diversos ramos e sub-raças, que por fim venham a constituir-se centros differentes de cultura social. Os desmembramentos inevitaveis produzidos, já pela insufficiencia da alimentação, já pela escassez do territorio, já pela fraca consistencia da propria aggregação social, já pelo crescimento da população, auxiliados ainda mais pelas differenças de clima e do solo, pelas guerras de absorpção, pelo cruzamento e mil outros modificadores biologicos e sociaes, hão de forçosamente dar origem, com o correr dos tempos, a formação de novas raças ou sub-raças, prezas muito embora a origem commum.

Temos um exemplo historico deste interessantissimo phenomeno na emigração aryana para o occidente europeu. Vindos, segundo se pensa, dos elevados platós da Asia central, invadiram o continente europeu e e ahi se espalharam como senhores e domi-

nadores do solo, trazendo comsigo seus costumes, sua lingua e sua civilisação. Ignora-se precisamente a época em que teve logar a invasão, mas ninguem duvida da sua existencia.

Pois bem, desse grande tronco, dessa raça unica, graças «ás circumstancias exteriores, como diz Littré, isto é, ao clima, á época, á historia e sobretudo á educação civilisadora» surgiram com o tempo, e depois de uma serie de modificações profundas, todos esses ramos que mais tarde appareceram na historia com os nomes de hellenos, latinos, celtas, germanos e slavos, todos differentes uns dos outros e possuindo mesmo caracteres distinctos.

Ora, não é evidente que nesta desaggregação do grande tronco aryano se encontram todos os factores que mais tarde vieram a dar origem a essas poderosas nacionalidades, que hoje occupam o occidente europeu e que

têm desenvolvido e elaborado em seu seio uma civilisação tão magestosa, tão deslumbrante e tão cheia de vida ?

Podemos, pois, affirmar, de posse deste facto, que, si a lei do progresso em sociologia consiste em um processo de desintegração e integração correspondente de partes, o problema politico da constituição das nacionalidades não pode ter outra explicação scientifica ; isto é, as nacionalidades se constituem por separação e por aggregação de partes. Quer dizer, os processos evolutivos são neste caso precisamente os mesmos.

Os organismos nacionaes, conseguintemente, a ser verdadeira a nossa conclusão, devem revelar, tanto na sua desaggregação, como na sua integração, as mesmas leis ou as mesmas causas determinadoras dessas duas ordens de phenomenos. Si no organismo biologico são as influencias exteriores e a identidade de funcções que determinam a marcha do processo evolutivo, nos organismos

nacionaes serão ainda essas as condições do desenvolvimento.

E de facto. As condições exteriores, como o disse Littré, foram as causas determinadoras da formação das sub-raças aryanas ; foram ellas que pouco a pouco, pela sua acção lenta e constante, não somente produziram o desmembramento do grande tronco, como ainda deram origem a essa serie de caracteres ethnicos secundarios que, sem apagarem os traços communs, vieram, todavia, a distinguir claramente as sub-raças umas das outras, dando, para assim dizer, a cada uma, uma entidade diversa e assignalando-lhes da mesma forma uma cultura social especifica.

Entre essas condições exteriores, comtudo, convem não esquecer aquella que resulta da grande lucta pela existencia, da selecção natural, talvez a mais importante de todas, nesse phenomeno admiravel de differenciação ethnica e quem sabe si mesmo a mais poderosa tambem na formação e desenvolvimento dos

organismos nacionaes. E' a necessidade urgente da adaptação ao meio que se faz sentir sem piedade sobre os agrupamentos humanos e que apparece então como um dos mais energicos modificadores sociaes.

Quanto ao phenomeno de integração, é necessario ir buscar ainda a sua causa na lei geral da selecção. Trata-se, porém, aqui de uma selecção puramente psychica e moral ; de sorte que a condição biologica da identidade funccional tem neste caso o seu equivalente, na identidade de idéas, de sentimentos e de cultura social.

Um escriptor contemporaneo, estudando estas condições psychologicas geraes, que entram como factores indispensaveis na fusão e assimilação dos agrupamentos humanos, chegou a estas duas conclusões :— *1.ª que a assimilação é tanto mais facil quanto mais inferior é a phase da evolução em que se acham as sociedades; 2.ª que a assimilação é tanto mais facil quanto mais differentes são as phases em que se acham*

as sociedades, quando essas phases se approximam mais.

Destas leis geraes de integração social se podem deduzir as leis de desintegração. Assim, é evidente, attendendo-se ainda ás condições psychologicas, que quanto mais uma sociedade se avantaja sobre outra no seu gráo de cultura geral, no desenvolvimento de seu intellecto, de suas faculdades affectivas e activas, ou a superior submette por fim a inferior, ou então separam-se de uma vez. Ainda mais, onde quer que appareça uma superioridade psychologica, enfraquecem-se os laços de sympathia.

A propria selecção psychica pode, pois, vir a dar lugar, conforme as circumstancias do meio, a uma desaggregação social ou politica. Desde, por exemplo, que uma sociedade tenha assimilado completamente as idéas e os sentimentos de uma outra, que não aquella a qual se acha ligada por laços politicos, ou procura desaggregar-se, para

ligar-se áquella a qual se prende por laços psychologicos energicos e espontaneos, ou então para tornar-se independente e constituir um organismo politico separado.

Parece-nos, por isso, que a differenciação psychologica, quando apparece no seio de uma sociedade e que chega a accentuar-se claramente, como uma disposição adquirida pela educação, ao ponto de tornar-se uma aptidão verdadeiramente caracteristica, é um elemento de desaggregação que, ajudado por qualquer outra circumstancia, como sejam os accidentes geographicos ou as differenças climatericas, póde dar logar a uma desintegração politica.

Tendo, porém, reconhecido *á priori* que a evolução politica se effectua por meio de desintegrações e integrações correspondentes, como uma deducção da lei geral do progresso social, e tendo mostrado igualmente as condições especiaes dessas modifi-

cações, resta-nos agora verificar a legitimidade de nossas conclusões, em face da historia.

Eis justamente o que passamos a fazer.

VI

Comprovação historica

Seja o nosso primeiro exemplo tirado da historia da França, aliás geralmente mais conhecida do que outra qualquer. E para mais simplificarmos o nosso trabalho, tomemos em consideração, como ponto de partida de nossas observações, o ultimo periodo da monarchia carlovingia, na occasião em que o celebre capitular de Kiersy-sur-Oise já havia consagrado a hereditariedade dos cargos e beneficios e o feudalismo se achava definitivamente organisado, encontrando-se a autoridade real quasi sem prestigio algum,

em face da nobreza feudal, então justamente no seu periodo de franco florescimento.

A dieta de Tribur havia deposto Carlos o Gordo e o imperio carlovingio recebera o seu ultimo golpe. E' a época da aclamação dos soberanos nacionaes. Em França apparece o conde de Eudes e na Germania, Arnulfo. E' precisamente então que surgem os grandes feudos e que começam a dominar os grandes senhores, sobresahindo principalmente os ducados de França, Normandia, Borgonha e Aquitania, e os condados de Flandres, Vermandois, Bretanha, Anjou, Tolosa e Barcelona.

O territorio nacional se havia fragmentado inteiramente e com essa fragmentação viera o desmembramento da autoridade governamental. O poder soberano, que antes era forte e que tivera energia bastante para conter, debaixo do mesmo jugo, populações tão distinctas, agora não passava de um mero simulacro, sem consideração e sem pres-

tigio, completamente subordinado a influencia dos grandes senhores feudaes. Já Carlos o Calvo, quando quizera apoderar-se da Italia, não encontrára mais o apoio de nenhum dos grandes senhores.

Era a desaggregação politica que se manifestava e então tinha chegado ao seu maior auge. Em logar da realeza, que não passava de uma sombra sem significação e sem prestigio, pode-se dizer que os verdadeiros depositarios da autoridade eram os duques e os condes. A desintegração era completa ; e para quem não conhecesse as leis da historia, nada seria mais facil do que acreditar na impossibilidade de surgir d'aquelle cahos um organismo nacional qualquer.

Entretanto, foi o que aconteceu. Ao lado daquella *dispersão* geral das forças politicas se operava lentamente uma *concentração* das funcções governamentaes e preparava se o terreno para um novo regimen ; isto é, parallelamente com o processo de desaggrega-

ção caminhava uma integração politica constante, que, apesar de lenta e pouco sensivel, nem por isso deixava de ir produzindo grandes modificações no regimen que então se havia espalhado e imposto a todos os povos do occidente europeu.

Do meio mesmo d'aquelles grandes feudos começam a brotar os elementos de integração politica. E' assim que, d'entre todos, nota-se uma certa *supremacia dos duques de França*. Eudes, com a deposição de Carlos o Gordo, foi aclamado rei e como tal reconhecido por todos. Roberto occupou tambem o throno depois da queda de Carlos-o-Simples. Hugo o Grande conservou sempre o throno em suas mãos, si bem que não o occupasse de facto. De modo que o ducado de França, depois do desmoronamento do imperio carlovingio, fora se tornando cada dia mais influente e mais poderoso, ao ponto de fazer-se Hugo Capeto aclamar *rei de França* em uma assembléa de bispos e grandes senhores feudaes.

O ducado de França foi, portanto, o ponto de partida para a futura integração politica ; foi d'alli que surgiu mais tarde, graças aos esforços de Luiz VI, Luiz VII e Luiz IX, e principalmente devido ao genio de Luiz XI, aquella poderosa monarchia centralista, de que tanto se vangloriava Luiz XIV e que tanta influencia exerceu nos destinos sociaes e politicos dos povos do continente.

Por uma absorpção lenta e gradual de todas as funcções politicas e sociaes, conseguiram os reis da dynastia capetingia aniquilar um por um todos os grandes senhores feudaes e concentrar em suas mãos, depois de uma lucta secular, todas as attribuições governamentaes que anteriormente se achavam desaggregadas nas pessoas dos mais poderosos representantes da nobreza feudal.

Com Carlos-o-Temerario extinguiu-se a ultima casa que disputava ao rei a supremacia politica da França e Luiz XI conseguiu a unificação da nacionalidade ; de sorte que,

ao mesmo tempo que o poder real se constitue como um verdadeiro centro de absorpção de todas as attribuições politicas e sociaes, completa-se tambem a integração do territorio nacional. Quer dizer : — do pequeno ducado de França, por integrações successivas, surge a nação franceza ; e dos duques de França, por uma absorpção de attribuições importantes, surge a realeza.

A historia da França, portanto, confirma plenamente as nossas deducções anteriores, uma vez que nos mostra, na formação da monarchia capetingia, o processo de desaggregação social e politica acompanhado parallelamente de uma integração correspondente, justamente como o exige a lei da evolução politica. Tomemos, porém, ainda outros exemplos e vejamos si a mesma lei se verifica.

A formação do reino de Portugal é um caso bellissimo de *separação*, por differenciação geographica e ethnologica. Desde a constituição do condado portucalense, como um

desmembramento da Galliza, até a sua organisação definitiva em reino independente, observam-se phenomenos de desaggregação e de aggregação politica que têm todos por base, de um lado o condicionalismo geographico, de outro o condicionalismo ethnico.

Nem de outra forma se poderia comprehender como, do seio de tantos reinos independentes, em que se achava dividida a peninsula iberica, depois do desmembramento do califado de Cordova, vieram a surgir unicamente duas nacionalidades, a portugueza e a hespanhola, aquella sob o sceptro de Affonso Henriques e esta sob o de Fernando-o-Catholico, si não pudessemos subordinar esse processo de desintegração e de integração politica ao criterio do condicionalismo ethnico e geographico.

A historia da confederação helvetica é outro caso não menos notavel de evolução politica, que confirma plenamente as nossas deducções anteriores, como se poderá vêr das palavras

de Duruy, que aqui transcrevemos fielmente :

« A Suissa, comprehendida originariamente no reinado de Arles, havia sido cedida, com este reino, ao imperio germanico em 1033. Um feudalismo leigo e ecclesiastico alli se havia fortemente estabelecido. Entretanto, as cidades, no seculo decimo segundo, adquiriram importancia. Zurich, Basiléa, Berne, Fribourgo, fizeram um grande commercio e obtiveram privilegios municipaes. *Tres pequenos cantões*, perdidos nos centros das montanhas helveticas, conservavam sobretudo um espirito de *independencia indomavel*. Alberto da Austria, feito imperador, quiz com arrogancia aniquilar esta independencia. Tres heroes das montanhas, cada um com dez amigos de sua escolha, conjuraram para repellir o jugo.

« A tyrannia de Gesler e o tiro de flecha de Guilherme Tell foram o signal para a insurreição. A morte violenta de Alberto deixou a

Leopoldo, seu successor no ducado de Austria, o cuidado de submetter os rebeldes. Não conseguiu e foi completamente vencido em Mortgarten, a *Marathona* da Suissa. A' confederação dos *tres primeiros cantões* juntaram-se Lucerna (1332), Zurich e Glaris (1351), Zug (1352), e Berne (1353). São esses os oito antigos cantões da Suissa. Só 125 annos mais tarde foi que seu numero *augmentou-se*. A batalha de Sempach consolidou o que tinha sido começado em Mortgarten. Um outro duque Leopoldo ahi foi morto com 676 condes ou senhores. Uma terceira derrota dos austriacos em Nœfels os obrigou a deixarem em paz aquelles rudes montanhezes.»

Todavia, o exemplo mais caracteristico, e o que melhor illustra o processo peculiar da evolução politica, nos é fornecido pela formação dessa maravilhosa republica Norte-Americana, que é hoje uma das mais fortes potencias do mundo, uma das nações mais importantes da terra, já pela sua crescida popu-

lação, já pelo seu commercio, já pela sua industria e pela sua sciencia, que rivalisam com as das mais adiantadas e mais ricas nações do continente europeu.

Em fins do seculo passado, quando ergueu-se em Boston o brado da independencia, achavam-se confederados apenas os estados de New-Hampshire, Massachussetts, Rhode-Island, Connecticut, New-York, New-Jersey, Pennsylvania, Delaware, Maryland, Virginia, Carolina do Norte e do Sul e Georgia ; pouco a pouco, porém, o seu territorio foi se dilatando por integrações parciaes e isoladas, e hoje comprehende toda a zona do continente norte-americano, limitada pelos parallelos 25 e 49, que se estende do Atlantico ao Pacifico, com uma superficie superior a sete milhões de kilometros quadrados e uma população de mais de sessenta milhões de habitantes.

Nunca se viu nos tempos modernos, um caso de integração politica tão rapido, tão perfeito e tão completo como este. E' realmente as-

sombrosa a marcha que alli tem seguido a evolução politica. Em 1773 eram apenas 13 os *Estados Confederados* ; hoje a grande republica conta nada menos de 38 estados e 10 territorios, que não estão longe de ser elevados á cathegoria de estados. E tudo isto, toda esta obra de organisação nacional, obra verdadeiramente monumental e que parece exceder ás forças humanas, tem se feito pelos mesmos processos que anteriormente indicamos. E', pois, indubitavel que as nossas deducções encontram na historia uma comprovação plena e cabal.

VII

O separatismo

Podemos agora abordar francamente a questão e analysal-a debaixo de todos os seus differentes aspectos. O nosso estudo anterior é uma garantia sufficiente de que os elementos essenciaes do problema já se acham claramente determinados ; é preciso, portanto, mostrar em que consiste scientificamente o separatismo, como póde elle ser legitimamente interpretado, uma vez que só assim se poderá dar-lhe uma solução positiva e extreme de todo e qualquer preconceito partidario.

Como, porém, o nosso ponto de vista é

puramente scientifico e por consequencia aspira antes de tudo a uma solução francamente desapaixonada e generica, é necessario observarmos que a selecção psychologica, já enumerada entre os mais poderosos factores de differenciação social e politica e, conseguintemente, entre os mais energicos elementos que podem produzir o desmembramento das sociedades, vem frequentemente acompanhada de um outro factor biologico que a torna ainda, na maioria dos casos, muito mais sensivel do que naturalmente é ou podia ser. Tal é o phenomeno espontaneo do cruzamento.

Este phenomeno não é, como se sabe, caracteristico particular desta ou d'aquella raça humana ; todas ellas se cruzam em mais ou menos larga escala. Na Europa, por exemplo, não ha um unico povo que seja inteiramente homogeneo em sua constituição ethnica; todos, absolutamente todos, são resultados de misturas de diversos elementos. O mesmo

facto se reproduz na America e aqui sobretudo com muito maior intensidade, graças ao phenomeno espontaneo da emigração.

E' admiravel o cruzamento que, nos Estados-Unidos da America do Norte, se opera entre inglezes, irlandezes, allemães, francezes, etc., etc. Descendentes todos do mesmo tronco e possuindo, para assim dizer, com pequena differença, o mesmo gráo de cultura, aquelles povos se approximam uns dos outros por muitos pontos de fortes analogias ethnicas e mentaes. D'ahi o maravilhoso progresso daquelle povo; d'ahi ainda a espantosa consistencia daquella nacionalidade.

Ha, comtudo, casos em que o cruzamento se faz fóra destas condições de approximação e de analogia e em que a mistura se opera entre typos inteiramente differentes, quer sob o ponto de vista anthropologico, quer sob o ponto de vista psychologico. Taes são, por exemplo, os cruzamentos en-

tre brancos, negros e indigenas, como se deram em larga escala, tanto na America hespanhola, como na America portugueza. Então, a mistura é mais prejudicial do que util.

Darwin, observando as consequencias psychologicas do cruzamento que é assim effectuado, diz o seguinte: — « Ha muitos annos tenho observado que na America Meridional os homens provenientes de cruzamentos entre negros, indios e hespanhóes raramente apresentam uma boa physiognomia. Livingstone observa que é inexplicavel que os mestiços sejam *mais crueis* do que os portuguezes, mas que o facto existe. »

Acompanhando a mesma corrente de idéas, diz Gustavo Le Bon que « quando as duas raças que se cruzam são muito differentes, tanto em relação ao seu estado actual de civilisação, como em relação ao passado, o branco e o negro, por exemplo, muitos casos podem apparecer, mas em todos elles os resultados são sempre prejudiciaes e mostram

que o maior perigo para um povo consiste na presença, em seu solo, de raças muito diversas.»

Herbert Spencer diz positivamente que «a mistura entre duas raças inteiramente dissemelhantes produz um typo mental sem valor. Ao contrario, povos da mesma origem dão, por via de cruzamento, um typo mental superior a certos respeitos.» Assim, um povo pode ser essencialmente apto para os commettimentos da civilisação e no entanto dar um producto máo quando se cruza com uma raça que ainda se acha collocada no ultimo degráo da escala social. Os mestiços de portuguezes e chinezes que existem em Macáo e os mestiços de holandezes que existem em Java, são exemplos muito significativos deste facto.

Assim, pois, o facto pelo cruzamento, que por si só é um energico modificador biologico, capaz de differençar raças de origem commum, ao ponto de affastal-as uma das outras como typos distinctos, pode concorrer poderosa-

mente para apressar ainda mais o processo da separação mental, aliás vivamente estimulado pela selecção psychologica. E como a selecção psychologica, uma vez attingindo a um tal gráo de intensidade que venha cavar uma differença profunda e quasi especifica no seio do mesmo organismo nacional, póde se tornar um factor de desmembramento, é evidente que, ajudada pelo cruzamento, ella pode dar logar a serios perigos de desaggregação social e politica.

Attendendo-se a todos estes elementos e procurando-se determinar de um modo geral as causas que podem dar logar a uma desaggregação social e politica, para uma integração correspondente, mas sob uma forma diversa, chega-se naturalmente á conclusão de que essa desaggregação pode ser produzida, ou por uma differenciação ethnica, ou por uma differenciação geographica, ou por uma differenciação psychologica. Quasi sempre se acham estes tres elementos mais

ou menos regularmente combinados; mas um delles ora prepondera sobre os outros.

Assim, ás vezes são os caracteristicos da raça que, por se tornarem muito vivos, determinam a desintegração e a formação de novos organismos; outras vezes são as condições geographicas auxiliadas pelas differenças de raça, ainda que fracas, ou pelas vantagens economicas e politicas; outras vezes ainda são as differenças psychologicas, estimuladas tambem, ou pelo condicionamento geographico ou pelo condicionamento ethnologico.

Todas as vezes, portanto, que qualquer um destes factores apparecer no seio de uma sociedade, adquirindo de dia em dia uma intensidade cada vez mais consideravel, é evidente que um desmembramento social e politico, muito embora caminhando surdamente, mas minando constantemente a organisação governamental estabelecida, se approxi-

ma fatalmente. Qualquer que seja a causa d'esse desmembramento, ou seja uma aspiração economica e politica, fundada em uma grande differenciação psychologica, ou seja qualquer outro motivo, a desaggregação é inevitavel.

Ora, a aspiração separatista, que tão espontaneamente brota em nossa provincia, segundo o nosso modo de pensar, é um resultado inevitavel de um destes factores, como havemos mais tarde de demonstrar ; conseguintemente, tem em si todos os elementos que a justificam plenamente, em face da evolução politica. Não vemos, portanto, porque o partido republicano não ha de systematisal a convenientemente em proveito proprio.

O separatismo assim comprehendido, torna-se, á luz dos principios indiscutiveis da sciencia, um dos mais legitimos processos da evolução politica, e, por isso mesmo, uma das soluções mais rasoaveis, mais sensatas, mais aceitaveis do grande pro-

blema da reconstrucção da nossa nacionalidade.

O separatismo não pode ser senão o processo de desintegração empregado fatalmente como inicio indispensavel da integração ; é o primeiro passo, a primeira phase da evolução politica, que encontrará logo depois, na aggregação correlativa, o seu complemento necessario. E' o consenso unanime da historia, é a propria voz da sciencia.

Está visto, portanto, que o nosso modo de comprehender a aspiração separatista, differe muito da interpretação que outros lhe dão ; e em vez de trazer comsigo esse elemento de antipathia entre as differentes provincias do paiz, é o meio mais rapido e mais seguro de se obter a felicidade commum.

Si a nossa provincia tem se avantajado tanto das outras suas irmans, que possa em breve proclamar a sua independencia, para o fim de tornar-se mais tarde um novo centro de aggregação social e politica, como o fo-

ram os tres primitivos cantões suissos, *perdidos no centro das montanhas helveticas*, ou os treze primeiros estados da America do Norte, não vemos porque assim não ha de acontecer, uma vez que a separação tem, em face da sciencia, todas as condições de legitimidade.

O separatismo, portanto, é um processo natural de evolução politica ; e já que elle surge inconscientemente no pensamento e no sentimento popular, é preciso systematisal-o em proveito da republica. Repetindo, pois, as palavras do sr. Ubaldino do Amaral, diremos : — si queremos estados federados, não nos parece desacerto começar por fazer estatados para depois fazer federação.

Bem sabemos que a aspiração separatista tem sido estudada de modo inconveniente, attendendo-se unicamente a sua face mais popular, que é a face economica ; é por isso talvez que ella vae se tornando algum tanto antipathica ás outras provincias. E', porém, justamente por isso que julgamos indeclina-

vel a obrigação do partido republicano em systematisal-a scientificamente, dando-lhe o seu caracter puramente politico, afim de evitar que uma aspiração tão legitima se torne fonte de odios e de rancores partidarios ou provincianos.

Desde que o separatismo filia-se naturalmente, como processo politico especial, á lei geral do progresso em sociologia, é dever do partido republicano não continuar obstinadamente no erro de querer tentar *d'emblée* ou de um só jacto a republica no Brazil, repudiando desse modo os conselhos salutares da sciencia e os fecundos ensinamentos da historia. Essa obstinação póde ser fatal para a democracia.

De duas uma. Ou a republica é um grande progresso politico, que o partido almeja ver realisado n'este paiz no praso mais breve possivel, ou então é uma simples substituição governamental, sem alcance pratico e simples aspiração platonica. No primeiro caso, não ha

remedio senão aceitar a solução separatista e trabalhar em seu favor ; no segundo é operar no vacuo, é caminhar sem norte e sem objectivo certo e determinado.

Si a republica concretisa um progresso politico e si todo o progresso politico se effectua por separação e integração parallela, é evidente que, sendo o separatismo o inicio, a phase espontanea dessa evolução ou desse processo, querer proceder de modo diverso é simplesmente tentar improficuamente inverter a ordem natural das cousas, mudando os factores do problema e creando propositalmente obices e difficuldades, que antes deveriam ser evitados do que accumulados obstinadamente.

E' possivel que haja no seio do partido republicano quem pense de modo differente ; mas o que nos parece é que quem assim persiste em condemnar o separatismo, ou é porque não o comprehende devidamente, ou então é porque não possue a sinceridade pre-

cisa e caracteristica de um verdadeiro patriota. Muito principalmente aquelles que carregam com a responsabilidade da direcção têm necessidade de estudo e reflexão, para não commetter levianamente desacertos desta ordem, que podem trazer comsigo consequencias muito desagradaveis.

E' preciso que se convençam de uma vez para sempre que o separatismo é um simples processo natural e legitimo de progresso politico, reconhecido e aconselhado pela sciencia, dentro dos limites que ella prescreve e, conseguintemente, só apto para produzir na pratica, todas as vezes que se dêm as condições que o legitimam, resultados eminentemente favoraveis a força expansiva da civilisação do povo que delle se serve, como aliás o demonstram exuberantemente os innumeros exemplos tirados da historia.

O separatismo não é nenhum phantasma aterrador, de vestes ensanguentadas e bandeira vermelha, que traz empunhado o facho

do incendio e da discordia ; concebel-o por essa forma, ou é dar uma triste copia de si e fazer jus a um diploma de inepto, ou então é querer introduzir o panico na scena politica, com o malevolo intento, ou de conseguir o triumpho inglorio de uma vaidade pessoal, ou de impedir que se dê mais um passo no caminho do progresso. E' isto que queremos evitar.

O que é preciso, porém, para dar-se á aspiração separatista o seu verdadeiro caracter politico, afim de tornal-a uma grande e poderosa força social, capaz de promover e realisar entre nós um grande progresso politico ? O que é preciso fazer, para não deixar que ella se torne um pomo de discordia, habilmente explorado pelos descontentes ou pelos ambiciosos vulgares ? Unicamente uma cousa. E' preciso systematisal-a convenientemente, definil-a, tiral-a da confusão e do meio dos preconceitos communs, dar-lhe a formula politica, dirigil-a no sentido da menor resistencia.

Eis o que nós entendemos necessario e o que os chefes do partido republicano julgam inutil. Quem estará em erro? Nós ou elles? A experiencia o dirá, talvez mais cedo do que geralmente se espera. Em todo o caso, porém, aqui fica o nosso protesto. Temos ao menos a coragem de nossas convicções, e anima-nos o sagrado amor da patria.

PARTE SEGUNDA

VANTAGENS PRATICAS

DO

SEPARATISMO

I

Autonomia politica.

Supponhamos agora, depois que já conhecemos a theoria, que o separatismo é applicado á nossa provincia e que ella passa, de um momento para outro, de simpels feitoria imperial a constituir um estado independente, completamente separado do resto da communhão brazileira, com sua vida governamental á parte, sua administração particular e na plena posse de si mesma, quer em relação a gerencia de seus negocios internos, quer no tocante ás suas relações exteriores. Quaes seriam nessas condições, as

consequencias que d'ahi poderiam resultar para S. Paulo ?

E' evidente que a primeira consequencia seria a autonomia politica da provincia. Uma vez desligada do imperio, isolada ou não, é fóra de duvida que a sua organisação governamental seria inteiramente independente. Seria um novo organismo politico que surgiria, um estado perfeitamente constituido, com suas instituições particulares, adaptadas ás suas condições de vida especiaes e, conseguintemente, mais uma individualidade nacional, que affirmaria a sua existencia e que traria claramente traçada a sua rota, nos futuros combates pela vida.

Sendo assim, é fóra de duvida que o novo meio em que começaria a mover-se a provincia só poderia ser-lhe favoravel, quer no ponto de vista do seu progresso material, quer em relação aos melhoramentos de suas condições moraes de existencia, pelas beneficas e salutares reacções que necessariamen-

te haveriam de se estabelecer, de um lado no seio mesmo de sua população, de outro entre o novo estado sul-americano e as demais potencias politicas.

No interior, em vista mesmo das profundas transformações porque teriam impreterivelmente de passar as suas instituições, era natural que surgisse da parte dos cidadãos da recente nacionalidade um estimulo novo e mais poderoso para as funcções politicas e sociaes, ao lado de um aproveitamento mais equitativo, mais racional e mais completo das actividades individuaes e isoladas.

Em vez do regimen do privilegio e do monopolio, que actualmente caracterisa a nossa vida politica, ao ponto de serem as funcções governamentaes exercidas pelos menos competentes e não pelos mais aptos, como aliás o deveria ser em uma boa organisação social, a massa inteira dos cidadãos veria a sua actividade cuidadosamente aproveitada e a intervenção de cada um, na direcção dos

negocios communs, em vez de ser uma pura ficção, como presentemente acontece, seria uma realidade viva e palpitante.

Ao contrario dessa organisação imperfeita e completamente manca, que hoje possuimos, a constituição governamental do novo estado havia necessariamente de ser um todo perfeitamente homogeneo, com seu departamento executivo, seu departamento legislativo e seu departamento judiciario, claramente discriminados uns dos outros, exercidos por orgams independentes, e solidariamente responsaveis pela promoção do progresso e do bem estar geral da nova communidade.

Outras avenidas, largas e espaçosas, seriam francamente abertas á actividade politica dos cidadãos e a lei fatal da concurrencia, que só faz com que triumphem os mais fortes e os mais competentes, seria o unico criterio que decidiria em ultima instancia da sorte dos pretendentes, na lucta travada por

todos pela posse das funcções publicas ; de sorte que o resultado desse esforço geral não poderia ser outro senão fazer brotar no espirito publico, cheia de energia e de vigor, a plena consciencia de nossa autonomia politica.

O titulo de cidadão, aliás tão significativo, mas que hoje sôa apenas como um echo amortecido aos ouvidos dos paulistas ou como uma simples legenda descorada e corrompida pelo tempo, surgiria como uma poderosa synthese politica, alimentada pelo sentimento collectivo da nova nacionalidade e se tornaria por si só um dos mais energicos estimulos para o alevantamento moral e material da nova patria.

Por outro lado, as relações exteriores com as potencias estrangeiras, estabelecendo uma nova corrente politica entre o estado nascente e os outros povos autonomos, havia forçosamente de chamal-o á comparticipação da vida internacional e, conseguintemen-

te, a tomar parte directa nos grandes banquetes da civilisação moderna. Seria uma dilatação incessante de nossa vida social e, portanto, mais uma fonte de melhoramentos e de progresso para a nossa população.

Em troca dessa vida ingloria e completamente anonyma que leva a provincia no seio da actual organisação monarchica, esterilisando-se de dia em dia nas luctas improficuas que sustenta contra o terrivel minotauro do governo central, receberia ella pelo separatismo a sagração solemne de sua autonomia politica e, conseguintemente, a suprema garantia de seus direitos e da direcção livre e independente de seu destino. Não ha duvida, portanto, que por este lado incalcuaveis seriam as vantagens que para nós poderiam advir do separatismo.

Abrangendo uma extensão territorial superior a de muitos paizes do continente europeu e podendo comportar perfeitamente em seu seio uma população de mais de quaren-

ta milhões de habitantes, ninguem poderá dizer que S. Paulo não possue os elementos necessarios para tornar effectiva a sua autonomia politica. Como estado independente, ou seja isolado, ou seja federado a outros tambem independentes, o seu territorio é mais do que sufficiente para o desenvolvimento de uma grande população, de uma poderosa industria, de um commercio activissimo e de uma civilisação progressiva, liberrima e cheia de vida.

II

Autonomia administrativa

Em seguida á autonomia politica, e como um corollario necessario, vem naturalmente a autonomia administrativa. Desde que o estado de S. Paulo seja uma realidade, a sua funcção administrativa adquire um caracter inteiramente diverso e torna-se, da mesma fórma, separada, independente e autonomica. E não será esta uma grande vantagem para os paulistas? Parece-nos que sim.

E' raro o dia em que não se ouve uma queixa amargamente articulada contra o governo central, pela maneira, pouco airosa para os nos-

sos brios provincianos, com que dirige e zela dos nossos mais importantes interesses. Essas queixas avolumam-se cada vez mais e não obstante nada se faz em beneficio da provincia ; ao contrario, parece até que ha firme proposito do imperio em conserval-a sempre abatida e humiliada, tanto na gerarchia politica, como na gerarchia administrativa.

E para prova de que não estamos phantasiando, medite bem o leitor sobre este trecho, tirado do discurso proferido por um monarchista em plena sessão da camara dos deputados : —

« Negam-nos tudo ! Quando queremos progredir, ostentam-se contra nós os anneis da engrenagem centralisadora ; occupam os nossos empregos com gente estranha á nossa vida, aos nossos meios de acção ; recusam-nos até policia, afugentando para S. Paulo os gatunos e a escoria da população perseguida aqui pelos agentes da autoridade e dando para o policiamento de uma zona exten-

sissima a minguada quantia de tres contos pela verba secreta ; abafam ou recusam no parlamento os projectos que são portadores de qualquer utilidade para nós. »

Ainda este anno (e isto para não citarmos senão um unico exemplo) declarou o ministerio da justiça, em um aviso, que a provincia de S.Paulo deixava de ser contemplada na distribuição do credito para auxilios da força policial das provincias, visto ter o governo imperial resolvido só conceder áquellas que pelo seu estado financeiro não podiam dispensal-o e não achava-se esta provincia em semelhante condição.

Não ha um unico melhoramento na provincia que tenha sido promovido pelos delegados do governo imperial. Tudo, absolutamente tudo quanto aqui se tem feito, tem sido iniciado e realisado pelos proprios paulistas, com seus unicos esforços e até contra os planos e desejos da administração central, que só tem sido solicita em aniquilar o pe-

queno espirito de iniciativa que entre nós ainda se observa.

Os nossos presidentes provinciaes, como já é felizmente bem conhecido de todos, ou primam pelo rigor com que se constituem os defensores das prerogativas do governo imperial, executando e promovendo unicamente medidas centralisadoras, ou então não passam de meros *touristes* mandados de combinação para a provincia, já para passar as ferias parlamentares e gosar de melhores ares, já para esperar que alguma grossa propina lhes seja opportunamente offerecida, como galardão de seus *inolvidaveis* serviços prestados á patria !

A nossa assembléa provincial, apezar das apregoadas franquezas do famoso *acto addicional*, vive inteiramente pêada no desenvolvimento de sua actividade legislativa, sem competencia para cousa alguma, alimentando-se unicamente de insignificantes expedientes e consumindo o seu tempo em discussões

sem importancia e sem proveito algum, quer para si mesma, quer para a provincia.

Interesses pequeninos, insignificantes, mesquinhos mesmo e que só podem quando muito traduzir as pretenções de uma vaidade tola e ridicula, que procura ostentar-se em tiradas oratorias de pura declamação pedantesca e sem fundo, tomam frequentemente o tempo das sessões legislativas provinciaes, sem que d'ahi possa resultar um unico beneficio para os contribuintes ou uma unica medida séria em favor do commercio, da industria, da agricultura ou da instrucção publica na provincia. Tal é o estado a que temos chegado.

Por outro lado, os municipios, apertados em uma organisação acanhada e rachitica, que não lhes reconhece competencia para cousa alguma, ainda mesmo nos assumptos mais triviaes de policiamento das cidades, vivem esmagados completamente pela ferrenha centralisação do imperio e só se movem á custo dentro dos estreitos limites de uma organi-

sação absurda e intoleravel, sem nem ao menos possuirem o direito de organisar por si mesmos os seus orçamentos.

E' evidente, portanto, que as funcções administrativas nas provincias, em vez de favorecerem o progresso, difficultam extraordinariamente toda e qualquer tentativa de reforma que ahi se queira fazer. Tão apertados são os anneis da centralisação, que seria até arrematada loucura o pretender quebral-os. E' por isso talvez que a população desta provincia especialmente já vai entrando no periodo da franca resignação.

Reconhecido, porém, como está geralmente, que estas pêas ao nosso progresso e ao desenvolvimento de nossas industrias resultam todas do regimen funesto da centralisação, em que vivemos ainda hoje no seio da organisação defeituosa do imperio, é evidente que o separatismo seria neste ponto, para nós, um verdadeiro remedio politico, energico e poderoso,e unico capaz de promover no organis-

mo administrativo da provincia uma reacção salutar e benefica.

A experiencia já deve nos ter convencido sufficientemente que o governo imperial nunca poderá empenhar-se pelo estabelecimento de uma reforma geral na constituição governamental das provincias, capaz de collocal-as de uma vez no terreno franco dos melhoramentos, pelas largas concessões feitas pelo governo central. Emquanto continuarmos ligados ao grande corpo do imperio podemos ter certeza de que miseravel será a vida politica e administrativa da provincia. Só o separatismo triumphante, trazendo a nossa autonomia politica, poderá nos trazer tambem a nossa autonomia administrativa e com ella a nossa prosperidade,o nosso progresso e o nosso bem estar geral.

III

Autonomia do ensino

Por uma sequencia natural, por um encadeamento logico, uma vez garantida a nossa autonomia politica e com ella a nossa autonomia administrativa, é manifesto que a provincia entrará francamente n'um periodo de grandes melhoramentos moraes e materiaes, attendendo constantemente e com a maxima solicitude, por medidas de caracter liberal, ás novas exigencias da opinião publica.

No regimen actual como já dissemos e co-

mo o confessa todo aquelle que põe de parte os preconceitos partidarios, é impossivel avançar a provincia um unico passo na vereda das grandes e das mais urgentes reformas economicas e sociaes ; a nossa organisação administrativa. que é defeituosissima, não nos permitte de modo algum, quer por medidas directas ou indirectas, facilitar e desenvolver mesmo certos ramos do serviço publico, ao menos na altura em que seja mais compativel com o nosso estado de vida social.

Ha muito tempo que se diz e não sem muita razão que o progresso moral e intellectual da provincia não corresponde ao espantoso desenvolvimento material que, nestes ultimos tempos sobretudo, tem tido em sua vida puramente economica. As nossas industrias, comquanto ainda novas, têm tomado enorme incremento e já vão, até certo ponto, se transformando em centros poderosos de attracção para o capital que, de

dia em dia, se accumula e procura meios seguros de applicação.

Ao lado, porém, desse progresso material, que é visivel e chega mesmo a encher de admiração todos aquelles que nos visitam, ao ponto de nos considerarem como uma *avis rara* no meio da profunda e geral apathia em que vivem mergulhadas as outras provincias, torna-se saliente, e aviva ainda mais o contraste, o estado de atraso e pode-se mesmo dizer de abandono lastimavel em que se acha a instrucção publica na provincia.

E' uma vergonha para os paulistas e vergonha que os enche de humilhação e de tristeza, ouvirem a cada passo repetida essa falha gravissima que se nota no desenvolvimento da provincia ; mas ao mesmo tempo é uma prova eloquentissima de que ha muita cousa para a qual a nossa proverbial energia e a nossa reconhecida pertinacia são com-

pletamente impotentes, no regimen centralisador do imperio.

Por mais de uma vez têm se levantado em nossa assembléa provincial vozes patrioticas e bem intencionadas, reclamando medidas energicas e promptas, que venham remediar, sinão fazer desapparecer de uma vez este mal que nos envergonha e que nos humilha aos olhos da civilisação do seculo; mas baldadas têm sido todas essas reclamações.

Ainda o anno passado foi apresentado um projecto de lei, reorganisando inteiramente o ensino primario e collocando-o em bases mais livres e democraticas, o qual bem poderia servir de ponto de partida para futuros melhoramentos, até que chegassemos a possuir uma boa organisação escholar, si por ventura fosse tomado a serio pela administração e recebesse o bafejo da protecção official.

Pois bem; foi bastante vir aquelle projecto eivado do *vicio democratico* e com ten-

dencias para descentralisar o ensino, cerceando o quanto possivel a intervenção do presidente da provincia na nomeação e escolha dos professores, para que o delegado do governo imperial, aliás um cidadão geralmente estimado e filho desta mesma provincia, negasse-lhe a sua sancção, sob o frivolo pretexto de que continha disposições contrarias á constituição do paiz !

Entretanto, continua-se a lamentar o nosso grande atraso moral e o completo abandono em que se acham as nossas escholas ! Toda tentativa, porém, que visar descentralisar o ensino publico, affastando-o da esphera official e procurando restituir ao professorado independencia e autonomia, será sempre mal vista pela administração e taxada de anarchica, de inconveniente e contraria aos preceitos da constituição do imperio ! Ninguem se lembra, comtudo, de que assim procede a administração, unicamente para garantia de seus proprios privilegios.

Da maneira por que se acha organisado o ensino em nossa provincia, ninguem ignora que o professorado inteiro, subjeito como se acha aos caprichos peculiares do representante do governo imperial, de quem depende não só pela nomeação como ainda pela manutenção na posse do emprego, não passa de um *viveiro* de eleitores alimentado pelo governo, para as luctas eleitoraes, justamente como outr'ora se fazia com os votantes de *tamanco e de surtun*, em vesperas de eleição.

Ora, é facil de comprehender que, si por um lado é inegavel que semelhante organisação é prejudicialissima ao ensino publico e degrada mesmo moralmente o professor, reduzindo-o á triste condição de um ente sem vontade e sem consciencia, simples executor das ordens do presidente da provincia, por outro lado é tambem incontestavel que é um elemento de força com que sempre pode contar o governo nas luctas eleitoraes.

Nestas condições, parece-nos evidente que semelhante regimen nunca poderá ser radicalmente alterado. Ambos os partidos monarchicos devem ter igual empenho em conserval-o pelo maior tempo possivel, certos de que o mesmo proveito podem delle tirar. Apenas uma ou outra modificação insignificante, incapaz de mudar a indole do systema, será aceita e adoptada, conforme a pressão do momento. Eis tudo quanto se poderá esperar da administração.

Todavia é evidente que a unica reforma que neste assumpto nos poderá conduzir ao caminho do progresso, rehabilitando-nos aos olhos dos verdadeiros amigos da civilisação e reerguendo-nos do baixo nivel moral e intellectual em que nos achamos, será aquella que vier affastar o ensino da esphera da administração, tornando-o independente, livre e francamente autonomico. É isto o que sentem e almejam os verdadeiros patriotas.

Será possivel, porém, a consecussão desse grande desideratum no regimen da monarchia ? Eis o que a experiencia tem se encarregado de responder com uma triste e desoladora negativa. A autonomia do ensino, unico meio de transformar as escholas em elementos de progresso, nunca poderá ser uma realidade, emquanto a provincia se conservar presa ao imperio pelos fortes anneis da centralisação. E' nossa convicção intima e inabalavel que só o separatismo, entregando-nos de uma vez a direcção de nossos proprios interesses, poderá nos trazer esse incalculavel beneficio, rehabilitando a instrucção publica de nossa provincia perante a censura dos estranhos e estabelecendo a justa equação entre o nosso progresso material e o nosso progresso moral.

Isto quanto ao ensino primario. Mas, si em relação ás nossas escholas publicas essa é a conclusão a que chegamos, não obstante a competencia que pelo *acto addiccional* é con-

cedida ás nossas assembléas provinciaes para legislarem sobre o ensino primario, é evidente que nenhuma esperança nos poderá restar de obtermos do imperio medidas que melhorem effectivamente o nosso ensino secundario e superior.

Ha muitos annos que possuimos uma unica academia de direito e que nada mais temos do que essa instituição de ensino superior. A agronomia, a pharmacia e a engenharia, que aqui poderiam ser vantajosamente ensinadas e que constituem hoje as carreiras mais procuradas pela nossa mocidade estudiosa, não encontram na provincia uma unica instituição que as ensine. O paulista que quizer que seu filho seja engenheiro ou pharmaceutico, ha de forçosamente mandal-o á capital do imperio !

E tudo porque ? Unicamente porque o ensino superior não entra na competencia das assembléas legislativas provinciaes. Abun-

dem muito embora os recursos necessarios para a manutenção de instituições dessa ordem e sejam ellas reclamadas instantemente pelo desenvolvimento e progresso da provincia ; ainda assim não as podemos organisar, porque acima da nossa boa vontade e de nossos ardentes desejos está o privilegio do governo imperial !

Não é triste este quadro ? Não é digna de lastima a nossa condição ? De um lado não podemos levantar o nosso ensino primario, porque vamos ferir directamente a administração em um de seus mais poderosos elementos de força nas luctas eleitoraes ; de outro não podemos organisar e manter instituições de ensino superior, facilitando assim a entrada para as carreiras profissionaes, unicamente porque vamos offender os privilegios da administração imperial ! Por toda a parte obstaculos insuperaveis ; por toda a parte o aniquilamento da vitalidade da provincia !

Eis a verdade que um dia ainda ha de calar bem fundo no animo de nossos comprovincianos e que não poderá ter outra consequencia senão a separação.

IV

Autonomia economica

O simples titulo deste capitulo é bastante para indicar que se trata ainda aqui de um corollario importante da autonomia politica e administrativa, que a separação traz inevitavelmente á provincia. Tão importante, que nos parece ser a face pela qual o separatismo mais se impõe á consciencia e ao sentimento das massas populares.

Quasi todos os que se dizem hoje separatistas, sem a verdadeira comprehensão da doutrina, procuram fundar sua aspiração na desproporção que enxergam nas quotas com

que cada provincia concorre annualmente para o orçamento geral do imperio. A face economica da questão é a que mais impressão causa no espirito de nossos comprovincianos, ainda mesmo os mais preparados.

Si é um monarchista quem falla, a sua linguagem é esta : — « Quem dá mais do que recebe, quem paga mais do que deve — é roubado. Só se subordina á injustiça quem não depara na força alvitre que lhe determine procedimento diverso. Eis as verdades que acharam moradia nos raciocinios do contribuinte paulista, após a publicação de dados officiaes concernentes á renda da provincia. O commerciante diz hoje o que não murmurava hontem : — eu pago tres vezes mais imposto do que deveria pagar. Si S. Paulo fosse independente, eu deixaria fortuna e prepararia meus filhos contra a possibilidade da miseria. »

Si, porém, é um republicano, delicia-se com esta adoravel e seductora perspectiva — « Que

estado rico, poderoso e florescente não seria S. Paulo, si em seu proveito fossem applicados os dezesete mil contos que annualmente desapparecem na voragem imperial ? Os dois mil kilometros de estrada de ferro que cortam o seu territorio seriam em breve dez, seriam vinte mil, levando a vida ao inexplorado valle do Paranapanema, ao sul de Minas, ao Paraná, a Goyaz. Novo alento cobrariam o commercio e a industria. Seria possivel diminuir impostos, abaixar tarifas, desenvolver a navegação fluvial, remunerar condignamente os funccionarios publicos, para poder exigir capacidade profissional e exacção no cumprimento do dever. A todas as ambições legitimas, a todas as actividades fecundas abriria carreira a nova patria.»

E' justamente por isso que a propaganda separatista tem feito largo caminho na provincia : ella tem sido conduzida de preferencia para o lado puramente economico, que é precisamente aquelle que mais impressiona o

contribuinte. O egoismo é um forte elemento de resistencia ; e assim como póde ser um obstaculo á realisação de uma reforma, tambem pode ser a causa de uma revolução. E' nelle que residem, em ultima analyse, os verdadeiros propulsores da civilisação. A questão está unicamente na orientação que podem tomar as forças que d'ahi se originam ; e é aqui exactamente que está o segredo do propagandista.

Comprehende-se, portanto, que sendo este livro destinado a favorecer a expansão da idèa separatista na provincia e ao mesmo tempo systematisal-a convenientemente em proveito da democracia, não podiamos deixar esquecido, na enumeração succinta das mais importantes vantagens praticas do separatismo, aquella que mais attractivos offerece ao coração das massas populares.

Eis porque neste capitulo vamos dar uma idéa geral do que é *presentemente* a nossa agricultura, o nosso systema de vias-ferreas, a

nossa industria e o nosso commercio, para que cada um dos nossos leitores depois, de posse dos documentos que vamos apresentar, faça suas conjecturas particulares do que poderemos ser, quando tivermos de facto a patria paulista.

Comecemos pela

Agricultura

Situada entre os parallelos 19°-45' e 25°-15 de latitude meridional, e gozando de um clima temperado, em que não se sente nem os rigores do inverno, nem os rigores do verão, com suas estações chuvosas muito regulares e terras fertilissimas, a provincia de S. Paulo é uma das regiões mais productivas do paiz. O arroz, o milho, o feijão, a canna de assucar, o algodão, o tabaco, o café e muitos outros vegetaes são culturas immensamente productivas e que vão de

dia em dia tomando extraordinario incremento.

Para se poder avaliar mais ou menos o estado da industria agricola na provincia, aqui apresentamos uma estatistica que mostra a producção de alguns dos principaes generos, em um periodo de cinco annos representada, em kilos.

ALGODÃO

1881-82. . .	1.191,222
1882-83. . .	444,437
1883-84. . .	293,960
1884-85. . .	939,004
1885-86. . .	993,332

FUMO

1881-82. . .	344,408
1882-83. . .	1.362,811
1883-84. . .	243,016
1884-85. . .	283,584
1885-86. . .	240,262

ASSUCAR

1881-82. . .	30,180
1882-83. . .	91,490
1883-84. . .	1,920
1884-85. . .	1,170
1885-86. . .	42,628

ARROZ

1881-82 . .	2.609,007
1882-83. . .	2.113,707
1883-84. . .	2.577,139
1884-85. . .	1.854,006
1885-86. . .	2.152,194

Convem observar que estes dados referem-se unicamente aos generos *exportados*, e que, com relação a exportação do algodão e do assucar, como nota o relatorio de onde extrahimos, « as quantidades com que aqui apparecem não dão idéa verdadeira de sua producção na provincia ; pois cumpre recordar, em

bem da exactidão dos factos, que os engenhos centraes e fabricas de tecidos, ja numerosos, têm dado immenso impulso a esses productos, e que elles hoje não só fazem dispensar na importação a parte que vieram substituir, mas tendem visivelmente, segundo os dados, a concorrer mais activamente para a exportação.»

Em relação ao café especialmente, que é o nosso principal artigo de exportação, póde-se fazer uma idéa do desenvolvimento que tem tido a sua cultura pelo quadro seguinte, que representa a sua producção durante um periodo de trinta e seis annos :

(Saccas de 5 arrobas)

1850-1. . .	92,608
1851-2. . .	81,045
1852-3. . .	73,720
1853-4. . .	99,859
1854-5. . .	165,487

1855-6. . .	154,169
1856-7. . .	151,597
1857-8. . .	159,712
1858-9. . .	182,793
1859 60 . .	291,696
1860-1. . .	256,356
1861-2. . .	287,245
1852-3. . .	283,778
1863-4. . .	212,853
1864-5. . .	323,126
1865-6. . .	255,146
1866-7. . .	222,732
1867-8. . .	423,819
1868-9. . .	507,348
1869-70 . .	582,640
1870-1. . .	437,580
1871-2. . .	404,605
1872-3. . .	443,210

(Saccas de 60 kilos)

1873-4. . .	665,949
1874-5. . .	826,426

1875 6. . .	744,997
1876-7. . .	628,898
1877-8. . .	998,952
1878-9. . .	1.210,164
1879-80 . .	1.042,139
1880-1. . .	1.204,328
1881-2. . .	1.534,486
1882-3. . .	1.837,846
1883-4. . .	1 929,029
1884 5. . .	2.165,116
1885 6. . .	1.657,176
Total .	22.464,647

A' vista destes dados, que aliás são muito incompletos, e attendendo-se, que a agricultura em nossa provincia ainda é bastante nova, achando-se, para assim dizer, a maior parte, sinão a quasi totalidade das terras por cultivar-se, é facil de imaginar se o esplendido futuro que nos aguarda, quando a provincia crescer em população, auxiliada

por uma poderosa corrente emigratoria e se achar completamente tomada por uma grande rede de vias-ferreas. E' realmente uma perspectiva que só póde despertar animação e coragem.

O desenvolvimento da agricultura na provincia vae sempre n'uma escala ascendente ; e diante dos dados que a estatistica fornece a ninguem é licito duvidar das bases solidas em que se assenta a nossa prosperidade economica. A propria questão da abolição do elemento servil, que em outras provincias apresenta-se tão temerosa, vae em S. Paulo sendo resolvida pacificamente pela iniciativa particular dos lavradores, como se poderá verificar pelo quadro que abaixo reproduzimos do nosso

Movimento emigratorio

Em 1883 entraram na provincia :

Italianos.	2999

Portuguezes.	1432
Allemães	111
Hespanhoes.	329
Francezes	20
Inglezes.	4
Austriacos	2
Total .	4906

Em 1884 :

Italianos.	2215
Portuguezes	2211
Allemães.	166
Hespanhoes.	163
Austriacos	52
Francezes	32
Suecos	31
Turcos	15
Hollandezes	10
Dinamarquezes . . .	2
Total.	4897

Em 1885 :	
Italianos.	3836
Portuguezes.	2067
Hespanhoes	1471
Allemães.	130
Austriacos	106
Inglezes	8
Succos	6
Francezes	5
Turcos	1
Total .	7630

Em 1886 até 22 de junho :	
Italianos.	2234
Portuguezes.	984
Austriacos	89
Allemães	54
Hespanhóes.	29
Inglezes	27
Norte-americanos . . .	11
Francezes	8

Hollandezes.	3
Dinamarquezes. . . .	1
Polacos	1
Total .	3441

O sr. Martinho Prado Junior, autor de um pequeno guia para os emigrantes, faz, a proposito destes dados estatisticos, as observações seguintes :

« Si é tão pequeno o numero de immigrantes arrolados, muito maior é elle na realidade, pois existem na provincia mais de 80.000 italianos, 50.000 portuguezes, 25.000 allemães, etc. etc. Entre os immigrantes contam-se muitos abastados, que adquiriram fortuna em differentes generos de industrias. Em relação á immigração annual para todo o Brazil, só a provincia recebe cerca da metade della. Espera-se que este anno (1886) o numero de immigrantes para a provincia se eleve a 14,000, entre italianos, portuguezes e allemães. »

Por estatistica que organisamos, com os

dados que colhemos na inspectoria geral de immigração da provincia, podemos calcular que o numero de immigrantes que deverão entrar este anno nunca poderá ser menor de 20,000 ; pois que sómente de 1º de Janeiro á 30 de Maio já haviam entrado 13,305, tendo havido mezes, como os de Abril e Maio, de entrarem mais de 3.200.

Esta proporção, que aliás é bastante elevada, tende, comtudo, a tornar-se cada vez mais consideravel ; de modo que dentro em muito pouco tempo o problema do povoamento, que é o problema capital para nós, terá encontrado nesta provincia, sem a minima intervenção do governo imperial, uma solução tão satisfactoria quanto possivel. Quer dizer : o crescimento proporcional da riqueza publica e individual, o desenvolvimento progressivo das industrias e do commercio, promovidos pelo povoamento do nosso territorio, terão collocado S. Paulo na altura de um poderoso estado.

Precisamos não nos esquecer de que a immigração para nós não é actualmente um simples recurso contra as incertezas geradas pela crise que já começa atravessar a lavoura, na necessidade em que se vê de substituir pouco a pouco o systema do trabalho empregado, como aliás se vae effectuando de um modo verdadeiramente admiravel ; devemos tambem olhar para a immigração como o unico meio de que podemos dispôr para o rapido povoamento da provincia e, portanto, como um factor economico e politico de alta valia.

Ninguem ignora a intima relação que existe entre o desenvolvimento da população e o augmento da riqueza de um paiz. São dois phenomenos que se produzem simultaneamente e que nunca apparecem isolados. Quanto mais rapidamente cresce a população de um paiz, tanto mais sobe na mesma proporção a media da riqueza individual e, conseguintemente, tambem a somma de bem-

estar e de prosperidade de toda a communhão social.

E' por isso exactamente que o problema do povoamento apparece sempre como a primeira necessidade de um paiz novo e ainda em vista de ulteriores desenvolvimentos, principalmente no caso de possuir uma dilatada extensão territorial. E' preciso que se concentre em cada milha quadrada do territorio o maximo da população que ahi se possa conter, si porventura se quizer tambem que o desenvolvimento da prosperidade geral chegue ao seu maximo de intensidade.

Todos conhecem o espantoso incremento que, desde a sua independencia, tomaram os Estados Unidos da America do Norte, tanto em população como em riqueza. Só de 1790 a 1874 entraram para a grande republica 9.554,000 immigrantes. A esse acrescimo de população tem correspondido igualmente um acrescimo da riqueza publica. Assim, a media da riqueza, que era em 1790 de 187

dollars para cada individuo, subio em 1874 a 776,096. Vê-se, pois, que esse estado verdadeiramente febril de prosperidade, que hoje se observa n'aquelle paiz, anda intimamente ligado ao facto do povoamento.

O povoamento é, pois, para nós o primeiro problema a resolver. Só poderemos ser grandes e fortes, quando o territorio de nossa provincia fôr occupado por uma população densa e laboriosa. Ora, a solução do problema está na immigração; e se desde já existe uma corrente immigratoria, regularmente estabelecida para a nossa provincia, que pode ser calculada em 20,000 individuos por anno, graças unicamente a iniciativa dos lavradores paulistas, cremos piamente que não exageramos, affirmando que S. Paulo prepara, por seus proprios recursos e sem um pensamento preconcebido, os elementos indispensaveis para a sua independencia, como um novo, rico e poderoso estado sul americano.

Com o desenvolvimento da população e da riqueza coincide tambem o desenvolvimento do systema de viação publica. Este phenomeno que se tem observado em toda a parte torna-se sobretudo saliente na provincia de S. Paulo. Convem, portanto, examinarmos o estado da provincia com relação especialmente ás suas

Vias ferreas

Póde-se dizer que ao florescimento da agricultura são devidas as grandes modificações que tem soffrido entre nós o systema de viação publica. Emquanto se limitava a nossa actividade agricola unicamente ao plantio da canna de assucar e a cultura de certos generos alimenticios, póde-se dizer que quasi nenhuma era a vida economica da provincia. Produzindo então relativamente pouco, o seu movimento geral de exportação e importação orçava ainda por muito insignificante quantia, em comparação com o de outras provincias do imperio.

Desde, porém, que se foi tornando mais conhecida a propriedade de nossas terras para a cultura do café, que a fertilidade de nosso solo foi se tornando evidente, começaram os nossos sertões a ser invadidos pelos agricultores e as plantações de café foram se alargando mais e mais, á medida que se dilatava a fama extraordinaria da capacidade productiva dos municipios do interior.

Novos centros de producção se constituiram e em numero grandemente avultado; soffreu, portanto, o movimento de exportação da provincia uma alteração consideravel para mais, ao mesmo tempo que cresceram de ponto as innumeras difficuldades para o transporte, com o alargamento extraordinario das distancias. Foi então que começaram a manifestar-se cada vez com mais urgencia as necessidades de uma modificação radical e profunda no nosso systema de transporte.

Ha cerca de vinte annos ainda não havia na provincia uma unica estrada de ferro; con-

struiu-se, porèm á custa de capitaes inglezes, entre Santos e Jundiahy, a primeira linha de caminhos de ferro; e desde então a febre das construcções nunca mais nos largou. Temos hoje felizmente uma rede já bastante consideravel de vias-ferreas, representando um grande capital, funccionando regularmente e dando um magnifico rendimento, como se poderá vêr do quadro que abaixo offerecemos:

COMPANHIAS	EXTENSÃO	CAPITAL
Ingleza.....	139 k.ms	23.555:850$000
S. P. e Rio de Janeiro	231 »	10.665:000$000
Paulista.....	242 »	20.000:000$000
Sorocabana.....	200 »	8.000:000$000
Ituana.	162 »	5.947:304$000
Bragantina.....	52 »	2.400:000$000
Mogyana.....	638 »	15.350:000$000
R.Claro e Araraquara	266 »	5.261:555$000
S. J. do Rio Pardo....	72 »	1.450:000$000
S. Manuel	28 »	
Total.....	2050 »	92.829:790$000

Além d'essas estão ainda projectadas e em construcção mais as seguintes linhas:

Sorocabana a Botucatú. . . 92 k.ms
» » Tatuhy . . . 64 »

Bananal . . . . . 19 k^mr.
Arêas . . . . . 12 »

Assim, calcula-se que até o fim do anno devem estar promptos e entregues ao trafego mais de 2.200 kilometros de linha ferrea, representando um capital superior a 100.000 contos, todo elle, com excepção apenas da Companhia Ingleza, nacional e pela maior parte, sinão na quasi totalidade, paulista. E para avaliar-se do movimento de transporte, é bastante saber que a Companhia Ingleza distribue dividendos aos seus accionistas na rasão de 12 %; a Mogyana na rasão de 14 %; a Paulista na rasão de 11 % e a Rio-Claro e Araraquara na rasão de 10 % ao anno, sobre o capital subscripto.

Ora, quando se pensa que tudo isto se tem feito no curto praso de cerca de vinte annos, sem auxilio nenhum do governo imperial e graças unicamente á iniciativa da provincia, fica-se realmente tomado de admiração, ao vêr que S. Paulo, mesmo no regimen da des-

potica centralisação do imperio, tenha conseguido caminhar tanto no desenvolvimento de seu systema de viação publica.

Uma provincia que realisa prodigios desta ordem, ainda maltratada pela administração central, e que attesta de um modo tão positivo a sua riqueza, é porque tem dentro de si mesma um grande reservatorio de forças progressivas, que, á despeito de quantos obstaculos possam apparecer, tendem necessariamente a manifestar-se. Não é certamente um povo vulgar aquelle que faz milagres desta natureza.

A obra da provincia de S. Paulo espanta principalmente pela singularidade que neste ponto ella offerece com as outras provincias do imperio. Emquanto que por toda a parte são construidas as estradas á custa do thesouro imperial, em nossa provincia são os capitaes particulares que se congregam sob a forma do anonymato e realisam essas grandes emprezas de viação, que vão cortando a provincia

por todos os lados, como outros tantos canaes abertos ao desenvolvimento da industria e do commercio, ao mesmo tempo que facilitam e promovem a expansão de nossas forças civilisadoras. E' realmente admiravel.

Não é nosso proposito fazer a apologia da provincia ; apenas constatamos um facto, que deve ser bem conhecido de todos e fazemos com inteira imparcialidade a critica que naturalmente provoca. O que, porém, ninguem poderá negar é que si os paulistas passam por ser em todo o imperio aquelles em quem mais predomina o espirito provinciano, rasão de sobra existe para esse provincialismo arraigado e intransigente : é uma justa expansão de seu orgulho, como uma população laboriosa, rica, progressiva e independente. E' por isso, talvez, que a aspiração separatista vai nesta provincia assumindo um caracter inteiramente especial e digno da meditação dos patriotas.

Ainda este anno o presidente da provincia

negou sancção ao projecto de lei que concedia privilegio á companhia Rio-Claro e Araraquara para prolongar sua linha até Jaboticabal e d'ahi a Barretos; e assim fundamentou a sua negativa:

«Actos do governo geral firmaram a competencia do mesmo governo para concessões de ferro-vias que interessam a mais de uma provincia. A companhia de estrada de ferro Rio-Claro obteve concessão do governo geral — allegando ter como objectivo a provincia de Matto-Grosso e ultimamente ainda pediu ella privilegio para prolongar a linha principal de Araraquara a Sant'Anna do Parnahyba, naquella provincia, reconhecendo deste modo o objectivo que sempre teve em vista.

« Assim sendo, claro está que o privilegio de prolongamento da linha principal, de que trata o decreto de lei, affecta interesses de mais de uma provincia, não cabendo, por isso, aos poderes provinciaes competencia para deliberarem a tal respeito. O despacho do mi-

nisterio da agricultura de 17 de Janeiro de 1887, lançado na petição supra referida, declara que o prolongamento da linha principal interessaria o melhor traçado de uma ferrovia para a capital de Matto-Grosso, emquanto que o governo ainda não dispõe de dados necessarios para esse traçado. D'esta forma, o presente decreto viria contrariar o pensamento do governo geral, suscitando conflicto de grave natureza.»

Parece incrivel que um homem honesto e bem intencionado seja capaz de escorar-se em motivos tão frivolos, argumentos tão banaes e tão insignificantes, para fazer resistencia ao espirito de iniciativa dos paulistas, que desejam dotar sua provincia de bons e rapidos meios de communicação. E tudo isso, em primeiro logar porque trata-se de uma linha que *interessaria* o melhor traçado de uma ferro-via para a capital de Matto-Grosso; e em segundo, porque é um grande peccado, um crime de lesa-centralisação monarchica

quer se *contrariar o pensamento do governo geral*, ainda mesmo em beneficio e proveito dos povos desta região. E' realmente de pasmar tanta solicitude pelos privilegios do governo imperial.

O jornal de onde extrahimos esta noticia faz ao acto do governo imperial estes commentarios que aqui transcrevemos :

« Para se negar a uma provincia o direito de construir as suas estradas de ferro, não basta allegar que o traçado projectado involve interesse de uma outra ; é preciso demonstrar que o que se condemna fére direitos de outra ou perturba relações juridicas já firmadas por lei ou por contracto. Não é isso o que faz o delegado do governo imperial. De todos esses actos resulta o plano egoistico do regimen centralisador e certo intuito de se conservar livre o campo para favores apreciados de mais alto, que firmem o predominio sobre as influencias que põem os seus meritos pessoaes em jogo, ainda mesmo com

prejuiso da pureza das idéas e dos patrioticos intuitos dos partidos. Soffra embora a provincia em seus legitimos interesses, desde que se abra pela corrupção uma valvula á força esmagadora do centro. Não ha remedio : — ou as provincias rompem corajosamente as pesadas correntes da centralisação, ainda que se conservem unidas, ou reagem cada uma por si, desconjuntando o imperio bragantino. O que está não póde continuar. »

E na verdade : — o que está não pode continuar, precisa ser destruido, totalmente destruido. E o unico instrumento adequado a esta obra de destruição, que é ao mesmo tempo uma obra de regeneração, é o separatismo. Este deve ser o nosso supremo grito de guerra. Digam, muito embora, que a aspiração separatista não passa de uma vã chimera de utopistas imaginosos, que não se coaduna de modo algum com a vida economica e politica da provincia ; mais alto do que os arrasoa-

dos desses prudentes censores fallam as estatisticas do nosso

Movimento industrial

E' verdade que se affirma que a provincia de S. Paulo não tem recursos proprios para poder viver vida a parte e segregada inteiramente do resto do imperio ; diz se mesmo que todos os elementos de riqueza da provincia acham-se representados na cultura do café, unico genero que produz em grande quantidade e constitue sua unica fonte de exportação. E' na lavoura do café que se funda toda a prosperidade da provincia e este exclusivismo de cultura bem denota a nossa pobreza ou pelo menos as bases pouco seguras de nossa vida economica.

Nunca, porém, se viu uma affirmação tão gratuitamente offensiva de nossa extraordinaria pujança economica, nem tão cabalmente contestada pelos factos, como esta que se

faz propositalmente circular lá fóra, com o malevolo intuito de nos deprimir injustamente e de abafar uma aspiração, que tanto tem de rasoavel, quanto de sympathica, patriotica e exequivel. Si ha uma provincia no imperio que tenha se avantajado alguma cousa no caminho da actividade industrial, é seguramente S. Paulo.

A fabricação de tecidos de algodão, por exemplo, é uma industria que vae tomando um desenvolvimento verdadeiramente prodigioso e que já se acha bastante explorada na provincia. Só na capital da provincia existem duas fabricas importantissimas; uma do major Diogo de Barros e outra dos senhores Anhaia & C. A primeira foi fundada com o capital de 500:000$000, conta actualmente 100 teares, que serão em breve elevados a 200, fabrica annualmente 1.500,000 metros de *brim paulista*, que representam um valor de 500:000$000, emprega 143 operarios, que logo ficarão ele-

vados a 286 e é movida por duas caldeiras, sendo uma de força de 90 cavallos e outra de 150. A segunda tem um capital de 550:000$000, 200 teares e fabríca annualmente 2.400,000 metros de algodãosinho de differentes qualidades, que representam um valor approximado de 552.000$000.

Na cidade de Itú ha duas fabricas do mesmo genero, sendo uma de propriedade dos srs. Manuel Guedes & C.ª e que foi fundada em 1883, com o capital de 600:000$000, e outra do sr. Octaviano Mendes, que está se construindo e que breve funccionará regularmente, com o capital de 400:000$000. A primeira tem 105 teares, emprega 190 operarios, fabríca annualmente 1.200,000 metros de panno branco, grosso e fino, riscado, cassinetas, oxfords e casemiras, que representam um valor de 200:000$000 ; a segunda deverá comportar 124 teares.

Além dessas, existem mais tres só no Salto de Itú, sendo uma do sr. França Pacheco,

com o capital de 400:000$, outra do sr. Barros Junior, com o capital de 335:000$, e uma terceira com um capital de 128:000$000. A primeira tem 126 teares, que preparam annualmente 1.200,000 metros de panno, no valor de 240:000$000. A segunda tem 74 teares, que preparam diaramente 4000 metros de panno, elevando-se o valor total da producção annual a 225:000$000; e a terceira tem 80 teares, fabrica annualmente 450.000 metros de panno, no valor de 150:000$ e emprega 80 trabalhadores.

Em Jundiahy existe tambem uma importante fabrica de tecidos, pertencente aos srs. Allen Baggott & C.ª, com um capital de 150:000$000, 50 teares, prepara annualmente 587.140 metros de panno, no valor estimativo de 170:000$000 e emprega 100 operarios. Em Piracicaba ha uma fabrica do mesmo genero, cujo capital não póde ser inferior a 500:000$000 e que prepara tambem excellentes tecidos de algodão; assim

como em Santa Barbara, a pouca distancia de Campinas, existe uma outra de igual importancia.

Além d'essas, existe na capital da provincia uma fabrica de chitas, perfeitamente montada, com um capital de 425:000$000, pertencente ao sr. Frederico Kowarick. Este importante estabelecimento fabrica annualmente 320,000 metros de chita de magnificos desenhos e excellente qualidade, no valor approximado de 400 contos e emprega regularmente 70 operarios.

Já se contam, portanto, na provincia 11 fabricas de tecidos, que representam um capital bastante superior a 4.000:000$000, funccionando todas regularmente e constituindo excellentes fontes de renda para os seus proprietarios. Todo o tecido de algodão que consome-se na provincia é fornecido na maior parte por essas fabricas, que já dão para abastecer sufficientemente o mercado, sendo

de esperar-se que muito breve se generalise a fabricação de pannos finos e de chitas.

Nos arredores da capital existem mais duas fabricas importantissimas, sendo uma de phosphoros e outra de banhas e diversos preparados do porco. A de phosphoros occupa uma area edificada de 2500 metros quadrados, tem um capital de mais de 100:000$, emprega um pessoal de mais de 220 operarios, e fabríca diariamente 250 mil caixas de phophoros, no valor provavel de cerca de 4:000$ Os maquinismos, que são em numero de oitenta peças particulares e independentes, magnifica e artisticamente montados, são movidos por duas caldeiras de força total de 46 cavallos.

A fabrica de banhas é talvez um dos melhores, si não fôr o primeiro estabelecimento neste genero em todo o imperio. Tem um capital de 200:000$ e capacidade para abater diariamente duzentos porcos, preparar quatrocentos presuntos, 8 mil kilos de banha,

duzentos de salchicharia e emprega trinta trabalhadores. Só a maquina de gelo, que custou 70:000$000, fabrica diariamente 15 toneladas de gelo, das quaes 5 são empregadas para o abaixamento da temperatura nas camaras frigoriferas e o resto é entregue á venda. E' um estabelecimento que honra sobremodo a provincia e que affirma eloquentemente o genio industrial que já vae manifestando-se entre nós.

Ha ainda na capital quatro serrarias bem montadas e que fornecem enorme quantidade de madeira para construcções. A primeira e a mais importante pertence ao sr. Elias Chaves.

Este estabelecimento industrial foi fundado por seu actual proprietario o dr. Elias Antonio Pacheco Chaves, no anno de 1882. Achando o mesmo proprietario qne naquelle tempo havia falta de sortimentos de madeiras de boa qualidade e apparencia, e no louvavel intuito de dar maior desenvolvimen-

to á industria e commercio de madeiras da terra, assim como facilitar a melhora de construcções relativamente á qualidade e aperfeiçoamentos technicos, começou desde então a mandar vir do interior da provincia madeiras em tôros para serem preparadas na capital, conforme as necessidades dos constructores, dando assim a primeira iniciativa a essa industria provincial, naquella época tão pequena e hoje tão importante, que em parte supplanta a estrangeira, pois que são as madeiras estrangeiras substituidas com bom exito pelas nacionaes, ficando assim na provincia grandes capitaes que outr'ora procuravam o estrangeiro. Em fins de 1883, entrou como socio do estabelecimento o architecto M. Haussler, que desde então augmentou-o consideravelmente.

Os principaes ramos da industria são: serraria para todas as especies de madeiras; marcenaria e esculptura de obras communs, até as mais finas usadas na terra; commercio

de madeiras estrangeiras ; construcções de casas. Tem a serraria machina de vapor de força de quarenta cavallos e mais outras 26 machinas para trabalhar madeiras, sendo 7 na marceneria, que tambem possue estufa de vapor para o preparo de madeiras para obras de luxo. No deposito de madeiras estrangeiras, encontram-se carvalho, nogueira, bordo (érable) freixo, pinhos de Riga, suecio, americano, hungaro, etc. No escriptorio de engenharia e architectura, incumbem-se de fazer plantas, orçamentos, construir casas por empreitadas ou administração.

O capital empregado é de 315 contos de réis, sendo 250 no estabelecimento e 65 nas diversas construcções. O pessoal que trabalha diariamente na serraria e marcenaria é de 78 operarios e nas diversas construcções é de 157 —total 235 pessoas.

Em segundo logar está a serraria dos srs. Ramalho da Silva & C. Este estabelecimento, que presentemente está em via de completa

installação, destina-se ao trabalho mecanico da madeira em todos os mysteres que constituem hoje a arte aperfeiçoada do carpinteiro. Tem como motor uma machina a vapor semifixa de Robey & C., de força nominal de trinta cavallos e effectiva de cincoenta. As machinas e ferramentas da usina são das mais aperfeiçoadas que se nos depara a industria ingleza. Serão manipuladas por 27 operarios, occupando a usina uma area de cerca de 900 metros quadrados. Dispondo a serraria de vasto espaço livre para recebimento de madeiras, ahi serão feitos depositos, segundo as procedencias, afim de facilitar ao comprador a escolha em grosso. O capital é de 140:000$.

Em 3.° logar vem a serraria do sr. Domingos José Coelho da Silva, cujo capital é de 115 contos de réis. Dispõe de um numero medio de trinta operarios e faz trabalhos mecanicos em madeira e ferro, obras de carpintaria e marcenaria. E finalmente a dos srs. Sydow & C., que emprega uma força motriz de 16

cavallos, tendo em trabalho 36 operarios ; capital : 150 contos de réis. Movimento annual: 180 contos. Importa annualmente cerca de 70 contos de madeiras do estrangeiro.

Além disso contam-se mais : uma fabrica de rendas, uma de luvas e diversas outras de limonadas, aguas gazozas e cervejas, industria esta que vae tomando grande incremento e que já se acha bastante generalisada pelas cidades mais importantes e populosas da provincia. Ha differentes officinas de fundição e fabricas de machinas, das quaes se destaca a dos srs. Lacerda Camargo & C.. com um capital de 300 contos de réis, cujo pessoal eleva-se a 110 operarios.

Em Campinas, que é incontestavelmente uma das cidades mais ricas e mais industriosas da provincia, acham-se as importantes officinas dos srs. Lidgerwood & C., Mc. Hardy & C., Arens Irmãos e V. Faber & Filhos, destinadas a fabricação de maquinas e mais instrumentos agricolas, que representam um

capital talvez não inferior a 1.500:000$ e que empregam cerca de 400 operarios. São officinas montadas em grandes proporções e que têm um movimento de transacções commerciaes bastante consideravel.

Ora, parece-nos que á vista destas informações, apezar de muito incompletas, ninguem poderá negar que a provincia de S. Paulo já tenha entrado em uma phase francamente industrial; e tendo-se em consideração a època ainda recentissima em que iniciou-se essa ordem de commettimentos e que não data de mais de dez annos, é facil de prever-se, sobretudo agora que os capitaes começam a acumular-se, o extraordinario impulso que d'aqui em diante vai receber a nossa actividade industrial. Entretanto, continuam ainda a dizer que nada temos além do café. Vejamos agora o nosso

Movimento commercial

Só temos presentemente na provincia um

porto importante, que serve de escoadouro para os nossos productos, ao mesmo tempo que dá entrada aos generos que consumimos pela importação : é o porto de Santos, aliás até hoje conservado pela administração imperial, não obstante as repetidas e já cansadas reclamações da provincia, em pessimas condições praticaveis. Ha em nossas costas outros ancoradouros, dotados de immensas vantagens naturaes e que com pequenos melhoramentos se tornariam magnificos portos commerciaes, já como pontos seguros de ancoragem, já como centros facilimos de importação e exportação ; o que é verdade, porém, é que se acham em completo abandono e inteiramente desapproveitados. Circumscripto, portanto, como se acha o nosso movimento de exportação e importação ao porto de Santos, a não contar-se com o movimento que se opera pela linha ferrea do norte, é bastante apresentar-se uma estatistica daquelle porto, para poder se avaliar mais ou menos o gráo de nos-

sa actividade commercial. Neste sentido, offerecemos aos nossos leitores os quadros seguintes, que poderão dar uma idéa, não só da quantidade, como tambem do valor dos principaes generos de nossa exportação. Eil-os :

Quadro 1º

Exportação do algodão em rama pelo porto de Santos.

EXERCICIOS	KILOGRAMMAS	VALOR
1862—63	1,470	1.010$000
1863—64	17,522	4.156$281
1864—65	103,296	111.318$718
1865—66	2.900,618	3 346:086$292
1866—67	3.344,898	2.887:982$348
1867—68	8.185,973	5.699:383$193
1868—69	7.176,255	6.116:823$465
1869—70	6 142,228	6 185:968$624
1870—71	5 475,683	3.226:161$000
1871—72	10.204,610	7.155:944$622
1872—73	9 286,250	4 961:760$115
1873—74	9 283,258	5.033:911$44
1874—75	6 127,174	2 618:265$682
1875—76	4.674,965	2.205.282$500
1876—77	2 [illegible]44,670	1.112.601$600
1877—78	5 0,540	251 148$922
1878—79	1.181 391	517.809$275
1879—80	573,262	298.096$240
1880—81	1.004,373	460.632$360
1881—82	1 152,120	483.890$400
1882—83	390,190	163.879$800
1883—84	248,036	123.999$120
1884—85	815,[illegible]23	404.113$900
1885—86	571,608	262.939$680

Quadro 2.º

Exportação de algodão tecido pelo porto de Santos.

EXERCICIOS	KILOGRAMMAS	VALOR
1875-76	42.589	63:883$500
1876-77	44.673	67:009$500
1877-78	80.774	121:161$000
1878-79	70.853	212:559$000
1879-80	42.726	128:178$000
1880-81	6.556	9:834$000
1881-82	39.852	59:778$000
1882-83	16.724	25:086$000
1883-84	49.846	76:609$000
1884-85	59.265	83:764$500
1885-86	193.244	289:866$000
1886 a 31 de Maio de 1887	171.791	257.686$500

Quadro 3.º

Exportação de fumo pelo porto de Santos.

EXERCICIOS	KILOGRAMMAS	VALOR
1858-59	66.468	33:520$512
1859-60	83.355	68:611$827
1860-61	129.727	87:603$833
1861-62	147.602	90:188$560
1862-63	182.588	71:430$499
1863-64	138.973	88:723$123
1864-65	109.941	70:273$750
1865-66	89.728	55:304$593
1866-67	198.597	128:176$232
1867-68	486.474	322:920$660
1868-69	348.725	217:915$500
1869-70	350.751	207.120$527
1870-71	268.620	247 906$782
1871-72	559.543	372.598$582
1872-73	976.405	545.240$651
1873-74	451.271	330.860$994
1874-75	424.467	208.289$078
1875-76	484.397	280.495$500
1876-77	472.302	278.401$500
1877-78	499.361	292.837$308
1878-79	291.299	214.458$800
1879-80	237.919	190.335$200
1880-81	174.175	139.240$000
1881-82	303.561	242.848$800
1882-83	314.743	175.909$400
1883-84	209.852	136.868$800
1884-85	171.985	153.729$400
1885-86	257.450	210.144$000
1886 a 31 de Maio de 87	157.558	163,295$200

Quadro 4º

Exportação de chá pelo porto de Santos.

EXERCICIOS	KILOGRAMMAS	VALOR
1858-59	26.758	43:516$000
1859-60	42.720	80:232$000
1860-61	28.077	52·640$500
1861-62	51.435	90·160$000
1862-63	28.268	54:300$000
1863-64	57.491	62:312$000
1864-65	24.607	50:210$000
1865-66	25.695	52:230$000
1866-67	18.495	30.750$000
1867-68	18.060	30:400$000
1868-69	27.360	41:200$500
1869-70	22.260	36.760$000
1870-71	18.133	36.266$000
1871-72	14.361	28:722$000
1872-73	13.211	26:422$000
1873-74	12.420	24:840$000
1874-75	12.410	24:820$000
1875-76	10.073	20:146$000
1876-77	8.555	17:110$000
1877-78	6.971	13:942$000
1878-79	7.603	15:206$000
1879-80	1.780	3:560$000
1880-81	2.945	5:890$000
1881-82	2.600	5:200$000
1882-83	3.494	6:988$000
1883-84	2.070	4:140$000
1884-85	2.170	4:340$000
1885-86	780	1:560$000

Quadro 3º

Exportação de sola pelo porto de Santos.

EXERCICIOS	KILOGRAMMAS	VALOR
1858—59	48,800	39.040$000
1859—60	56,280	45.024$000
1860—61	33,344	35.57 $000
1861—62	49,064	52:130$500
1862—63	45,810	57:300$000
1863—64	48,536	62:22 $000
1864—65	44,944	56.216$000
1865—66	59,152	69:315$000
1866—67	48,152	63:340$000
1867—68	48,832	64:1[illegible]0$000
1868—69	50,792	66:215$000
1869—70	36,272	45·340$000
1870—71	73,297	72:16[illegible]$000
1871—72	100,600	105:575$000
1872—73	118,672	126.710$000
1873—74	57,308	68.160$000
1874—75	58 464	71.150$000
1875—76	15,510	21.640$000
1876—77	17,765	24.310$000
1877—78	71,265	57.0[illegible]2$000
1878—79	83,200	66.560$000
1879—80	77,715	62.172$000
1880—81	122,889	98.311$200
1881—82	113,334	90.666$800
1882—83	95,660	76.528$000
1883—84	91,576	73 260$800
1884—85	99,945	106 426$[illegible]00
1885—86	113,332	129.788$100
1886 a 31 de de Maio de 87	125,190	150 228$000

Quadro 6º.

Exportação de toucinho pelo porto de Santos

EXERCICIOS	KILOGRAMMAS	VALOR
1858-59	637,740	321:443$694
1859-60	749,744	362:244$091
1860-61	815,232	294:048$848
1861-62	758,152	198:991$039
1862-63	370,660	122:772$162
1863-64	256,573	78:933$086
1864-65	250,620	65:121$382
1865 66	200,169	76:874$862
1866-67	177.220	247:777$573
1867-68	310,252	151.708$198
1868-69	225,183	95.622$643
1869-70	285,512	134.417$220
1870-71	222,719	92.800$379
1871-72	222,008	77.587$298
1872-73	475,502	191.849$515
1873-74	825,239	405.844$751
1874-75	285,755	150.695$209
1875-76	105,309	63.185$400
1876-77	978,472	540.240$500
1877-78	554,517	230.295$950
1878-79	680,074	272.029$600
1879 80	283,135	130.855$200
1880-81	196,207	71.166$400
1881-82	100,449	36.555$900
1882-83	71,820	35.219$150
1883-84	32,668	16.199$700
1884-85	105,416	54.835$680
1885-86	39,567	18:188$400

Quadro 7.º

Exportação de miuças pelo porto de Santos.

EXERCICIOS	KILOGRAMMAS	VALOR
1858-59	381.116	185:680$751
1859-60	374.872	141:929$870
1860-61	386.125	120:754$041
1861-62	351 100	133:826$120
1862-63	326.342	132:466$718
1863-64	331.255	132:601$693
1864-65	388.160	171:351$750
1865-66	305.020	130:575$220
1866-67	366.410	171:459$493
1867-68	580.200	323:240$783
1868-69	314.700	140:562$764
1869-70	281.440	134.174$684
1870-71	173.216	85.591$585
1871-72	314.160	123.088$539
1872-73	400.100	153.235$478
1873-74	927.440	504.936$760
1874-75	378.100	163.963$765
1875-76	466.300	213.977$307
1876-77	411.160	178.165$264
1877-78	764.300	257.354$402
1878-79	686.110	239.192$049
1879-80	488.160	66.046$560
1880-81	417.569	60.467$240
1881-82	246.045	45.445$608
1882-83	164.152	48.699$775
1883-84	109.777	83.999$867
1884-85	313.241	68.944$303
1885-86	507.305	97.988$955
1886 a 31 de Maio de 87	253.586	53,092$560

Quadro 8º

Exportação de couros salgados pelo porto de Santos

EXERCICIOS	KILOGRAMMAS	VALOR
1866-67	76,469	13:764$420
1867-68	90,631	18:126$200
1868-69	78,187	15:627$400
1869-70	81,987	16:395$860
1870-71	42,186	9:196$508
1871-72	24,786	5:403$318
1872-73	78,225	26:643$300
1873-74	99,691	38:171$990
1874-75	86,512	33:307$120
1875 76	160,750	59:232$625
1876-77	288,175	63:010$000
1877-78	278,673	69:692$920
1878-79	296,170	62:166$500
1879-80	288,110	58:042$000
1880-81	226,973	45:394$600
1881-82	275,525	55:105$000
1882-83	$37,019	50:863$840
1883-84	340,707	90:381$220
1884-85	350,972	105:288$600
1885 86	391,973	117:591$300
1886 a 31 de Maio de 1887	151,473	53:717$560

Quadro 9º

Exportação de café pelo porto de Santos.

EXERCICIOS	SACCAS	VALOR
1858-59	182,793	3.750:590$372
1859-60	291.696	7.535:796$392
1860-61	256,356	6.453·574$302
1861-62	287,245	8.615·462$722
1862-63	283,778	8.561:784$692
1863-64	212,853	6.242:741$334
1864-65	328,126	9.822:530$637
1865-66	255,146	7.706:301$092
1866-67	222,732	5.973.662$779
1867-68	423,819	11.047:450$322
1868-69	507,348	14.106:336$188
1869-70	502,640	13.483.019$676
1870-71	437.580	10.974:418$898
1871-72	404,605	13.004:567$170
1872-73	443,210	17.117:415$209
1873-74	666,949	25.542:350$540
1874-75	826,426	26.319:291$055
1875-76	754,997	22.559:618$329
1876-77	628,898	18.275:283$002
1877-78	998,952	28.593:813$203
1878-79	1.210,164	30.941:318$715
1879-80	1.042,139	30.272:313$157
1880-81	1.204,328	29.439:738$948
1881-82	1.524,486	31.787:780$237
1882-83	1.837,846	33.360:227$028
1883-84	1.929,029	47.324:589$911
1884-85	2.165,116	47.599:211$723
1885-86	1.657.176	36,139:203$241

Para melhor comprehensão da importancia commercial do porto de Santos, aqui juntamos mais 2 quadros, sendo um do valor official da importação da provincia, bem como o de sua exportação no ultimo decennio.

Quadro 10º

IMPORTAÇÃO

EXERCICIOS	DIRECTA	CABOTAGEM	TOTAL
1875-76	4.666:761$340	15.624:372$674	20.291:134$014
1876-77	4.313:479$819	15.599:754$243	19.913:234$062
1877-78	4.731:677$307	14.951:248$196	19.682:925$503
1878-79	5.115:327$154	16.345:732$995	21.461:060$149
1879-80	6.253:754$060	14.195:318$009	20.449:072$069
1880-81	8.516:178$314	18.566:178$314	22.083:004$980
1881-82	9.068:190$783	16.832:450$333	25.900:641$121
1882-83	9.522:063$314	14 378:562$725	23.900:626$039
1883-84	12.059:428$632	8 886:443$000	20.945:871$632
1884-85	10.415:856$263	7.374:600$814	17.790:457$077

Quadro 11º

EXPORTAÇÃO

EXERCICIOS	DIRECTA	CABOTAGEM	TOTAL
1875-76	22.661:601$722	2.825:849$112	25.487:450$844
1876-77	17.721:609$911	2.834:521$782	20.556:131$693
1877-78	27.374:577$953	2.512:679$752	29 887:257$705
1878-79	31.084:522$633	1.516:777$306	32.601:299$939
1879-80	29.779:696$315	1.429:295$942	31.208:992$257
1880-81	28.205:458$852	1.625:215$860	30.330:674$712
1881-82	31.345:188$594	1.441:702$351	31.786:890$945
1882-83	32.329:200$494	1.614.200$500	33.943:400$994
1883-84	46.747:688$668	1.182:350$750	47.930:039$418
1884-85	47.164:303$806	1.416:350$300	48.580:654$106

Observando-se agora, como já fizemos notar em outro logar, que ha um movimento de exportação já bastante consideravel presentemente pela linha ferrea do norte, pode-se affirmar sem receio que o valor da exportação da provincia excede de cincoenta mil contos.

A renda, que, sobre este movimento pelo porto de Santos, percebem o governo geral e o provincial, tem sido relativamente enorme, como se deprehende do quadro seguinte :

Arrecadação de direitos geraes e provinciaes no ultimo decennio.

EXERCICIOS	ALFANDEGA (Para o Estado)	MESA DE RENDAS (Para a provincia)
1875—76	3.836:902$827	1.006:545$912
1876—77	3.202 553$398	813 902$064
1877—78	4.399 713$554	1,383.037$598
1878—79	5.469.253$464	1 664.871$120
1879—80	5.583 530$373	1.456.386$331
1880—81	6.002.416$784	1.415 045$314
1881—82	6.232.625$432	1.485 553$605
1882—83	6 403 243$800	1.527.667$962
1883—84	7.475.414$551	2.034.037$480
1884—85	7 243.760$847	2.075.438$404

Acrecente-se agora mais o quadro que se segue, sobre o movimento maritimo, e ter-se-ha uma idéa da importancia commercial do porto de Santos. Eil-o :

Movimento maritimo

Navios sahidos do porto de Santos e tonelagens

EXERCICIOS	Vapores	Navios de vela	Total	Tonelagens
1879—80	276	196	443	33[illegible],474
1880—81	303	208	511	391,403
1881—82	341	296	637	436,950
1882—83	390	293	783	447,511
1883—84	404	323	727	540,189
1884—85	426	291	717	523;845
1885—86	438	287	725	489,535
1886—87 Até 31 de Maio	411	301	712	466,647

Pelos dados estatísticos que ahi ficam facilmente se comprehende que a provincia de S. Paulo é uma provincia rica, prospera e de muito futuro. Tem condições de vida economica que, bem aproveitadas, dentro de um regimen de franca autonomia, podem assegurar-lhe inteira e decidida preponderan-

cia sobre as demais provincias do imperio. Nada, porém, revela tão bem a nossa pujança commercial como o facto, já bastante sensivel na provincia, da constante organisação de instituições bancarias.

Existem funccionando regularmente na provincia oito instituições desta natureza, todas dando lucros admiraveis e realisando um movimento verdadeiramente espantoso. Os dados estatisticos que pudemos colligir neste sentido são imperfeitos e muito deixam ainda a desejar ; comtudo, mesmo assim, auxiliam-nos na formação de um juiso acerca do estado de prosperidade da provincia. Esses dados são os que constam do quadro seguinte :

BANCOS	C NOMINAL	MOVIMENTO ANNUAL
B. Mercantil	1.000:000$	194 065:862$372
B. Nielsen	1 8 0:000$	250 684:225$982
B. C. Real	5.000:000$	
B. Inglez	£ 1.000,000	
N. London	£ 1.000,000	
B. Commercial	2.000:000$	
B. do Brazil	. . . . .	
B. da Lavoura	1 000:000$	

Será pobre uma provincia que tem instituições como estas? Não terá recursos para viver vida separada, independente e autonomica? Acaso morreremos a mingoa no dia em que se constituir de facto a Patria Paulista?

V

Autonomia financeira

E' possivel qe haja quem procure combater a aspiração separatista, imaginando difficuldades futuras para a nossa provincia, caso ella se constitua, segregada do imperio, em estado livre e independente; quanto a nós, porém, é fóra de duvida que o separatismo, trazendo comsigo a nossa autonomia financeira, torna-se por esse lado um poderoso estimulo, quer ao nosso progresso e bem estar material, quer particularmente ao desenvolvimento intellectual e moral de nossa população.

S. Paulo, como é geralmente sabido, não é

uma provincia pobre e que viva das migalhas do orçamento imperial ; ao contrario, collocada no pé de prosperidade em que se acha, é hoje incontestavelmente a unica que ao governo imperial só dá e não recebe. Lembramo nos ainda de uma excellente conferencia que na côrte fez um dos nossos primeiros jornalistas, em que provou exuberantemente que, das tres provincias do imperio que mais chamam a attenção publica—Rio de Janeiro, S. Paulo e Rio Grande do Sul —a unica que tem visto e continúa a vêr suas rendas augmentar-se é S. Paulo. Todas as outras, na opinião daquelle escriptor,fazem progresso para traz.

Ora, si esta provincia, apezar de excessivamente onerada pela administração imperial, ainda tem recursos de sobra para promover o augmento de sua agricultura, de suas linhas de caminhos de ferro, de sua industria e de seu commercio, navegando os rios que cortam o seu territorio, cultivando

e povoando os seus sertões, organisando bancos e montando fabricas, é evidente que, segregada do atrophiante regimen da centralisação monarchica e na plena posse de si, com sua autonomia politica, administrativa e economica perfeitamente garantida, nenhum motivo terá para encher-se de receios ao encarar um futuro que só lhe póderá vir abrir novos horisontes para uma expansão mais franca, mais livre e mais decisiva de sua immensa vitalidade organica.

Segundo as informações que temos colhido, a renda total da provincia, incluindo a geral e a provincial, sobe a cerca de 25 mil contos, sendo para a renda provincial mais de 4 mil contos, segundo o ultimo orçamento e o resto para a renda geral. Quer isto dizer que S. Paulo concorre todos os annos com uma parcella superior a 20 mil contos para a sustentação dos pesados encargos da união monarchica. Um curioso fez á respeito as seguintes observações :

« E' geralmente sabido que a provincia de S. Paulo rende annualmente, para o governo geral, quantia superior a 20 mil contos de reis e os documentos officiaes confessam que as despezas geraes aqui mal chegam á quantia de 3 mil contos. Vale a pena comparar o que S. Paulo paga com o que se contenta em receber. Faço-o para que a historia não conteste aos paulistas o exercicio persistente da mais elogiavel das virtudes : a caridade. A provincia de S. Paulo paga ao governo geral :

Por anno . . .	20.000:000$000
Por mez	1.666;666$666
Por dia	54:794$520
Por hora. . . .	2:283$105

Recebe do governo geral :

Por anno . . .	3.000:000$000
Por mez . . .	250:000$000
Por dia . . .	8:219$178
Por hora . . .	342$465

Só a alfandega de Santos em tres mezes

compensa toda a despeza que o governo geral faz com os paulistas durante o anno. »

A' vista desta terrivel e descommunal disposição entre a quantia com que a provincia concorre para o governo imperial e aquella que recebe annualmente, sem duvida que ninguem quererá mais sustentar que a separação só póderá trazer difficuldades para a provincia, na sua vida puramente financeira. Salta aos olhos que o separatismo, sob o seu aspecto exclusivamente financeiro, só poderá ser extremamente vantajoso para os paulistas. Especifiquemos.

Segundo o orçamento provincial, que regula a receita e a despeza da provincia no exercicio de 1887-1888, ficou calculado que este anno a provincia terá que despender com :

Obras publicas	64:800$000
Penitenciaria	27:135$000
Immigração	413:730$000
Instrucção publica	987:626$700

A simples inspecção destas verbas é bastante para convencer a quem quer que seja de que o separatismo, trazendo comsigo a nossa autonomia financeira, só poderá ser uma fonte de grandes e imprescindiveis melhoramentos para a provincia. Em primeiro logar, imagine-se qual não seria o nosso systema penitenciario, se, em vez dos vinte e sete contos que a provincia emprega na penitenciaria da capital, pudesse construir duas penitenciarias modelos, uma na capital e outra em qualquer outro ponto da provincia.

Ainda mais; imagine-se que na crise por que actualmente vai passando a lavoura na substituição do regimen do trabalho, pela abolição do elemento servil, podesse a provincia dispôr livremente da totalidade de suas rendas; não é evidente que em vez de quatro centos e treze contos, ella empregaria annualmente muito mais de mil, para vêr o seu territorio cultivado e produzindo cada vez

mais ? Entretanto no presente, em que se acha ligada ao imperio, a provincia de S.Paulo tem de vêr escoar-se a sua renda em proveito exclusivo dos encargos da administração imperial e sem ter nem ao menos o direito de queixar-se.

A instrucção publica na provincia está em um estado verdadeiramente deploravel. E como não ser assim, se a provincia só gasta com esse ramo importantissimo do serviço publico apenas nove centos e oitenta e sete contos de réis por anno ! Pois é possivel organisarem-se boas instituições de ensino e manter-se um professorado competente e honesto no cumprimento de seus deveres, si a verba destinada á instrucção publica não chega nem para pagar bons professores ? !

Pudessemos nós elevar aquella verba a dois ou tres mil contos e então haviamos de ter excellentes academias superiores, escolas primarias e secundarias bem organisadas e um pessoal docente distincto pela sua compe-

tencia, respeitavel pela sua independencia e exemplarissimo pelo cumprimento de seus deveres. Nada disso, porém, nos será concedido pela administração imperial. Quanto maior fôr a prosperidade de S. Paulo, maior será a ganancia dos empregados do fisco imperial. Tal é o nosso destino social e politico no regimen da centralisação monarchica.

E' possivel, porém, que espiritos timoratos receiem que a renda da provincia não chegue para a sustentação dos encargos que a separação inevitavelmente ha de trazer, desde que S. Paulo se constitua em estado livre e independente ; a esses responderemos simplesmente que contemplem com attenção e que reflictam maduramente sobre o quadro seguinte:

ESTADO	POPULAÇÃO	RECEITA
Dinamarca	2.000,000	20.000:000$000
Grecia	2.100,000	29.200:000$000
Suissa	2.900,000	17.200:000$000
Uruguay	450,000	16.000:000$000
Venezuela	1.800,000	9.000:000$000
Colombia	3.000,000	11.800.000$000
Equador	1.000,000	7.400.000$000
Bolivia	2.000,000	6.800,000$000
S. Paulo	1.500,000	**24.000:000$000**

A nossa provincia occupa, pois, um logar honrosissimo na lista das nacionalidades, quanto á totalidade de sua receita. Ora, si accrescentarmos agora que a Dinamarca, a Grecia e a Suissa acham-se situadas em um continente em que o terrivel flagello dos exercitos permanentes vai se tornando endemico, sustentando a primeira um exercito de cinco mil homens em pé de paz, que se eleva a 50 mil em pé de guerra ; a segunda um exercito de 29 mil homens e a terceira uma força armada de 205.176 homens, facilmente se comprehenderá que as nossas condições de vida social e politica são extraordinariamente vantajosas.

O que tem concorrido principalmente para estragar as finanças dos paizes europeus são os grandes exercitos permanentes. Aquelle estado de sobresalto constante em que vivem os povos daquelle continente, receiando a cada momento uma conflagração geral e tendo por isso mesmo, cada um de trazer as suas

fronteiras bem defendidas e as suas praças de guerra bem fortificadas e guarnecidas de soldados, ao mesmo tempo que arreda dos campos um numero consideravel de trabalhadores, aos quaes inutilisa completamente para as pacificas luctas da industria, acarreta para os governos um augmento extraordinario de despeza, que pesa fortemente no orçamento, exhaure os recursos da nação, atormenta o contribuinte, anniquila o commercio e depaupera as industrias.

A este estado afflictivo de *paz armada*, em que vivem de ha muito as nações do continente europeu, é que nos parece deverem ser attribuidos em grande parte os colossaes orçamentos que annualmente alli se organisam e se votam, já levados pelo terror, já fulminados pela pressão urgente das necessidades de defesa. Ainda ha pouco foi obrigado o proprio chanceller da Allemanha, o homem que talvez mais influencia exerce hoje na balança da politica internacional na Europa, a

servir-se do panico espalhado de proposito entre os seus compatriotas de uma guerra imminente com a França, para fazer com que o parlamento lhe votasse, não somente os creditos militares de que carecia, como ainda os monopolios de que precisava para fazer face ás enormes despezas do governo.

Eis ahi porque os orçamentos das nações daquelle continente não pode nos servir de termo de comparação ; todos elles sem a minima excepção, são exageradissimos. As condições dos povos são alli verdadeiramente excepcionaes ; de modo que os impostos crescem todos os annos de uma maneira assustadora e augmentam cada vez mais os vexames em que já vivem mergulhadas todas as classes activas e laboriosas da sociedade. Em semelhante situação, não é de admirar-se que os thesouros nacionaes se achem sempre em angustiosas condições e que paguem igualmente os contribuintes muito mais do que realmente deveriam pagar.

No continente americano, porém, as cousas apresentam um fundo e uma apparencia muito diversas. Não ha aqui o flagello dos grandes exercitos permanentes e nem tão pouco a febre das conquistas. Cada paiz possue uma zona territorial vastissima, que antes precisa de ser occupada por uma grande população, que saiba fazel-a produzir e prosperar, do que ser dilatada pelas guerras de conquista. Nações ainda novas e quasi todas ainda na phase primitiva da actividade agricola e pastoril, vivem na mais completa tranquilidade, sem as luctas socialistas das classes para perturbarem-nas no interior, e sem o demonio da ambição e dos interesses dynasticos para atear a conflagração no dominio das relações internacionaes.

Attendendo-se a esta differença, que é capital, vê-se claramente a razão porque um paiz neste continente póde manter-se independente, sustentando airosamente o seu governo e sem os grandes orçamentos das na-

ções européas. O povo não precisa ser acabrunhado, nem pelos impostos do fisco, nem pelos impostos do sangue, para solverem-se muito regularmente os encargos da administração. E estas vantagens por certo que não são insignificantes para um estado ainda novo e que precisa da ordem e da paz para desenvolver-se e prosperar.

E' debaixo destes auspicios que atrevemo-nos a affirmar que os recursos da provincia de S. Paulo são mais do que sufficientes para garantirem a sua independencia nesta parte do continente americano como um estado livre e perfeitamente autonomico. Não somente a população que conta presentemente, como tambem a totalidade de sua renda, são elementos economicos e politicos que lhe presagiam um futuro muito mais prospero e brilhante do que a sorte que tem tido muitas republicas sul-americanas.

Si lembrarmo-nos ainda que com a separação e a constituição autonomica do estado de

S. Paulo, a sua população tenderá a crescer espantosamente, em virtude dos meios que então necessariamente hão de ser postos em jogo para augmentar a corrente immigratoria, desanuvia-se-nos completamente o espirito, dissipam-se todos os receios e sentimo-nos desde logo tomados de confiança, de animação e de coragem, para o grande e nobre emprehendimento de plantar nesta uberrima região a generosa bandeira da futura Patria Paulista.

Aos que descrerem da nossa abençoada *utopia*, pedimos apenas que se deliciem com a contemplação deste pequeno quadro:

« Para o anno financeiro de 1885—1886 a receita (trata-se da pequena Republica de Costa Rica) subiu a 6.400:128$ e a despeza 6.177:888$. Nesta despeza está incluida a somma de 1.005:184$ para pagamento dos juros e amortisação da divida interna, cuja somma, em 31 de Março de 1886, estava reduzida a 1.747:652$. Desde então esta di-

vida tem sido e vai sendo paga n'uma proporção que permittirá resgatal-a no correr do presente anno.

« Os juros da divida externa exigem mil conto de réis por anno. Esta divida é garantida pelos direitos da alfandega, que figuram na receita acima, para 1885—1886, por 1.734:526$, quantia que excede consideravelmente a somma requerida, sem mesmo considerar-se o augmento desta verba da receita durante o anno financeiro corrente. »

Entretanto a Republica da Costa Rica não conta mais de 55,660 kilometros quadrados de superficie, com uma população que não chega bem a 200 mil habitantes. Calcule-se agora o que não poderá ser S. Paulo, que mede uma superficie de mais de 300 mil kilometros quadrados approximadamente e que tem já uma população de 1.500,000 habitantes, no dia em que firmar pelo separatismo a sua autonomia politica administrativa. O pa-

rallello é edificante e instructivo. Vale a pena de certo meditar e reflectir.

Assim, pois, á vista do summario inventario que acabamos de fazer das consequencias politicas, administrativas, economicas e financeiras, que podem resultar para a provincia de S. Paulo da sua separação do resto do imperio, parece-nos que o principio politico do separatismo, já exposto succintamente na primeira parte deste trabalho, encontra na pratica a mais plena comprovação, que é possivel exigir um espirito candido e reflectido. Como, porém, ha outra face da questão a examinar-se e como é nosso fim esplanar tanto quanto possivel a aspiração separatista, para que se propague mais livremente, aqui terminamos a segunda parte da questão e reservamo-nos para completal-a na terceira parte d'este livro, que é a que segue.

PARTE TERCEIRA

CONFRONTO DO SEPARATISMO

COM

A NACIONALIDADE

I

Theoria da nacionalidade

A theoria scientifica da nacionalidade, a nosso vêr só póde ser estabelecida, em face da propria lei da evolução social e politica; fóra deste terreno, nada é possivel de real e positivo. As conjecturas se acumulam e as concepções subjectivas, mais ou menos imaginosas, segundo o temperamento de cada um, formam uma contextura superficial, que será capaz de satisfazer quando muito uma necessidade logica do espirito, mas que será sempre illusoria, por isso mesmo que lhe falta uma base positiva e scientifica. A nacionalidade, como já dissemos, é um proble-

ma politico ; é preciso, conseguintemente estudal-o e resolvel-o, de harmonia com a lei da evolução social e politica.

Ora, as narrações que conhecemos dos viajantes, sobre os habitos e costumes dos selvagens,nos habilitam a reconstruir até certo ponto a phase primitiva dos agrupamentos humanos logo que appareceram no campo da historia.Pode-se hoje affirmar,graças a esses documentos fornecidos pelos estudos e pelas investigações ethnologicas, que nessa primeira phase, o gráo de cohesão social era extremamente fraco, repousando a aggregação, ou no facto do nascimento simplesmente, ou no facto do nascimento ligado á estabilidade local.

O sr. Theophilo Braga partindo destes dois modos de aggregação social, comprehende os agrupamentos humanos primitivos debaixo de duas formas geraes : — o nomadismo e o trogloditismo. Diz elle : —« existe o *nomadismo*, evidente insociabilidade sociavel ; a ag-

gregação faz-se naturalmente pela *tribu*, ligada pelas necessidades da lucta, e sustentando-se, ora pela rapinagem, ora pela cultura dos rebanhos. Existe o *trogloditismo*, em que a aggregação sedentaria desenvolve os instinctos sympathicos, em que se cria o amor da terra, em que o trabalho é exclusivamente agricola, defendendo-se já pela fortificação nos montes (*arx, larissa, byrsa*) ou em estacarias sobre os lagos, chegando ao agrupamento de *cidade*, com os seus muros, suas garantias individuaes e com uma organisação militar absolutamente defensiva. »

Na opinião deste escriptor é, pois, pelo *trogloditismo* que se chega ao agrupamento de *cidade*. Aceitamos o facto, que é incontestavel, mas não podemos deixar de fazer á sua doutrina um pequeno reparo que aliás reputamos indispensavel. Pela sua classificação, poderia talvez se ficar suppondo que a *tribu* é uma forma exclusiva do *nomadismo*, e

que nada tem que vêr com o *trogloditismo* ; parece-nos, porém, que a *tribu* é a fórma primitiva de toda a aggregação, o ponto de partida necessario de todos os agrupamentos humanos. E' d'ahi que surgem essas duas formas secundarias do nomadismo e do trogloditismo, segundo permanecem os agrupamentos na phase pastoril, em que a aggregação se faz unicamente pelo nascimento, ou na phase agricola, em que apparece o facto da estabilidade local, com o novo factor da cohesão social.

Esta distincção nos parece indispensavel, para se chegar a uma verdadeira comprehensão do modo por que se espera a evolução. O trogloditismo, que se caracterisa pela vida sedentaria do agrupamento, representa incontestavelmente um grande progresso sobre o nomadismo, que por sua vez se caracterisa pelo regimen da pesca, da caça e da criação dos rebanhos. Ha todavia, tribus que estacionam na primeira phase e que são incapa-

zes de maior evolução. Os beduinos, entre os arabes, estão neste caso. A maior parte, porém, evolue e progride indefinidamente.

O estudo da constituição social e politica da Grecia e de Roma confirma este nosso modo de vêr. Tanto em uma como em outra, encontram-se o facto do nascimento e o facto da estabilidade local influindo directamente como factores da evolução social e politica. Em Roma temos as *curias* e na Grecia as *phratrias*, que se fundam no facto do nascimento e que, entretanto, persistem no agrupamento de *cidade* ; isto é, os dois factores acham-se aqui reunidos e dão ao agrupamento social um gráo de cohesão e uma certa permanencia, que o distinguem perfeitamente como uma phase superior, no caminho da evolução humana. E' neste sentido que perfilhamos a opinião do eminente escriptor portuguez.

De que modo, porém, opera o facto do nascimento na aggregação da tribu, como factor da evolução social ? Eis uma das questões

mais interessantes que desde logo se destacam desta doutrina e que cumpre resolver, afim de poder-se melhor aprehender os processos de differenciação que entram em jogo, solicitados apenas pelo facto do nascimento ; e o unico meio de estudal-a convenientemente é na geneze e evolução lenta da familia, primeiro agrupamento que d'ahi nasce e bem assim primeiro esboço de differenciação social e definitiva.

Ora, a familia, como já mostramos em algumas rapidas generalisações, que sobre o assumpto fizemos em um outro trabalho anteriormente publicado, é um organismo particular, uma instituição independente, que apparece pouco a pouco no seio dos agrupamentos humanos, á medida que o processo de differenciação se accentua e que evolue naturalmente, espontaneamente, em consequencia das modificações que gradualmente se operam nas suas condições de existencia.

A principio, sem forma especialmente determinada, sem caracteristico algum particular que a distinga, completamente amorpha, absorvida inteiramente na aggregação pouco coherente da tribu, essa instituição apenas se evidencia, em seus primeiros vislumbres de organisação, naquelle estado de promiscuidade de ambos os sexos, em que as relações particulares do par conjugal mal se definem e que tem sido, por isso mesmo collocado por todos, como o primeiro termo da longa serie evolutiva dessa mesma instituição. Não ha ainda aqui cousa alguma a que se possa propriamente denominar de familia ; ha apenas um organismo incipiente, em embryão, ainda sem typo definido e sem forma especial. E' um simples esboço.

Mais tarde, porém, com a acção lenta e prolongada do meio, o embryão se modifica, assume uma forma mais definida e começam a apparecer os primeiros traços de differenciação entre o agrupamento pouco cohe-

rente da tribu e a incipiente organisação domestica. E' a phase em que o regimen primitivo da promiscuidade soffre uma grande limitação, quer pela pratica da polyandria, quer pelo uso posteriormente introduzido da polygamia. Dá-se então um principio de desintegração da tribu, ao mesmo tempo que se opera uma integração correspondente, por meio do organismo particular da familia que se torna mais evidente. O parentesco se estabelece, primeiro pelo lado materno e depois pelo lado paterno, ha uma grande modificação nas relações particulares entre ambos os sexos, mas o par conjugal ainda não existe.

Mais tarde ainda, este processo gradual de integração, tão felizmente iniciado na phase anterior e agora immensamente accelerado pela força natural das circumstancias, e bem assim pela acção cada vez mais complexa e efficaz do meio, accentua-se melhor e opera com mais energia. O embryão, já

então bastante modificado, passa por uma nova transformação; a differenciação entre a organisação dome stica e o agrupamento provisorio da tribu torna-se mais saliente; apparece finalmente o regimen monogamico; o par conjugal se define claramente; as relações sexuaes se regularisam; o patrio poder se institue e a familia se destaca como um organismo particular, como uma verdadeira instituição social, fundada na *potestas*, no dominio absoluto e illimitado do *pater-familias*, cuja autoridade se estende a todos, mulher, filhos, clientes e escravos.

No regimen primitivo da promiscuidade, é visto que o interesse predominante é o da especie. As relações sexuaes não têm, então, outro fim que não seja o da conservação da especie, promovendo e solicitando tão somente o desenvolvimento da população. E' por isso justamente que durante essa phase da evolução da familia, não são os sentimentos e os affectos mais puros de nossa natureza,

sinão os mais grosseiros instinctos de nossa animalidade, que preponderam nas relações sexuaes. Os vinculos domesticos manifestam-se caracterisados por uma tal frouxidão, que aos ajuntamentos passageiros de ambos os sexos não se pode classificar de casamentos, si quizermos dar a este termo a sua verdadeira e geral significação.

Todavia, com o correr do tempo, começa o interesse da especie, já mais garantido pela força das circumstancias, a ser substituido pelo interesse dos paes e a passar conseguintemente, para um plano inferior. E' quando o parentesco se estabelece, quer pelo lado da maternidade, quer pelo lado da paternidade, e os vinculos domesticos se tornam por isso mesmo mais energicos, mais perfeitos, mais elevados e mais puros As ligações de ambos os sexos, em vez de passageiras e momentaneas como antes, tornam-se mais duradouras, mais estaveis e mais permanentes. Os affectos altruistas se dispertam,

desenvolvem-se, adquirem grande energia e a organisação domestica se torna mais definida, graças ao interesse predominante dos paes.

Finalmente, com o desenvolvimento progressivo do parentesco e com as modificações lentamente operadas nas condições existenciaes dos agrupamentos humanos, surgem ao lado dos laços da agnação os vinculos da cognação, firma se o parentesco, tanto dela linha masculina, como pela linha feminina, e accentua-se cada vez mais o interesse dos filhos, passando o dos paes para o segundo plano e o da especie para o terceiro. A familia adquire então muito maior consistencia e estabilidade, não somente porque as relações domesticas se estreitam muito mais, graças a energia proporcional com que sobre ellas actuam conjunctamente as tres ordens de interesse, como ainda porque o organismo da familia, em vez de limitar-se, como o era anteriormente, ao simples par

conjugal, adquire mais amplitude, mais largueza e comprehende em seu seio, ligados todos pelos laços da affeição, da veneração, da bondade e do amor, os paes, os filhos e os parentes. E' precisamente então que se forma pouco a pouco a *gens*, que se organisa a *curia*, que apparece a *cidade*, determinada pelo facto da estabilidade local, e que com ella surge o *Estado*.

Por aqui se verifica que, emquanto operam unicamente o facto do nascimento e o facto da estabilidade local, como factores da evolução humana, a aggregação social passa successivamente, á medida que esses factores vão se desenvolvendo e actuando conjunctamente, da tribu para a familia, desta para a cidade e da cidade para o Estado. Taes são os primeiros estadios da longa e indefinida evolução humana. E' agora o Estado como já foi a familia, a instituição que nos vae servir de ponto objectivo, na sequencia natural das nossas indagações.

Da mesma forma que nessas phases primitivas da evolução cabe a preponderancia ao facto do nascimento, á medida que a familia vae progressivamente adquirindo mais consistencia e estabilidade como um organismo distincto e independente, assim tambem, depois que apparece o Estado, essa preponderancia passa naturalmente ao facto da estabilidade local que, como novo factor da evolução, attinge a um tal gráo de energia que chega a determinar successivamente as diversas formas da organisação politica, emquanto novos elementos de cohesão não se manifestam.

Assim é que, lançando-se uma vista retrospectiva sobre a historia e procurando-se surprehender nessa massa immensa de factos, que constituem a trama persistente do longo passado humano, os germens da evolução politica, verifica-se desde logo que a primeira encarnação do governo, o molde primitivo em

que se vasa a autoridade, o esboço de sua forma rudimentar, a sua placenta, o seu embryão, é a *cidade,* é a communa, em que a aggregação social se faz natural e espontaneamente pelo facto da estabilidade local, que é para assim dizer, o mais energico e o mais preponderante, sinão o unico elemento de cohesão politica então existente.

Um exemplo notabilissimo deste estado primitivo da organisação governamental nos é fornecido pelas antigas e turbulentas republicas da peninsula hellenica, do meio das quaes se destacam principalmente Athenas e Sparta, essas duas eternas rivaes, cujas luctas politicas cheias de episodios interessantissimos, ainda se conservam gravadas em nossa memoria, desde os tempos em que primeiro as estudamos nos bancos das escolas. Alli se vê bem claramente o que era o Estado na sua phase communal. Fóra da cidade, da communa, não havia vestigio algum de organisação politica e cada cidade, não sómente sym-

bolisava um Estado, como tambem exercia de facto a sua inteira soberania com a maxima independencia e liberdade.

Apenas nas occasiões supremas de perigo, quando qualquer inimigo exterior ameaçava-as de uma invasão que lhes poderia ser fatal, como se deu, por exemplo, com as diversas tentativas invasoras dos persas, é que as *cidades*, esquecendo-se por um momento de suas rivalidades e luctas intestinas, ligavam-se pelos laços provisorios de uma confederação imperfeita e temporaria, como eram as amphyctionias, e congregavam suas forças, ora sob o commando de um general atheniense, ora sob o commando de um general spartano, conforme era Athenas ou Sparta que exercia no momento a hegemonia social e politica. A idéa de patria, como essa grande abstracção do sentimento concreto da propriedade, que surge e desenvolve-se lentamente com o poder de generalisação e que abrange a totalidade do territorio occupado

por um unico povo, ainda não existia. A patria era a cidade.

Pouco a pouco, porém, com o desenvolvimento das forças politicas e graças á maior energia e extensão que vai adquirindo o facto da estabilidade local, essa forma embryonaria do Estado se modifica. segmenta-se, differencia-se, evolue e a organisação governamental começa a assumir uma forma mais complexa, mais extensiva, mais generalisada, mais ampla e ao mesmo tempo mais adaptada as novas necessidades da civilisação. Os elementos de cohesão politica, por isso mesmo que já são mais energicos, em vez de se limitarem unicamente á cidade, abrangem o territorio inteiro occupado por tribus affins e produzem então essa aggregação imperfeita, mas inteiramente nova e original, que se chama *povo*.

Um povo, como observa Blantschli « forma-se lentamente, por uma especie de desenvolvimento psychologico, que produz pouco a

pouco uma massa de homens,um caracter proprio e uma communidade de vida,que se affirmapela hereditariedade. Para crear um povo é preciso o lento trabalho das gerações ; o povo não existe definitivamente sinão quando seu caracter proprio tem se tornado hereditario pela perpetuação das familias e pela transmissão de sua cultura de paes a filhos ». Na opinião de Littré, chama-se povo a « uma multidão de homens de um mesmo paiz, que vivem debaixo das mesmas leis. »

O povo, portanto, representa uma encorporação social e politica de individuos que se ligam pela identidade de origem e pela identidade de cultura. Roma é um exemplo frisante desta nova phase da evolução politica. A cultura romana e até certo ponto a sua organisação social, graças a força expansiva e assimiladora do *colonato* pocou a pouco se estendem, se generalisam e se ampliam ás cidades visinhas e abrangem por fim todo o terri-

torio da peninsula, desde os Alpes até a Sicilia, como o territorio do povo romano.

Todavia, ao mesmo tempo que tinha logar esta encorporação puramente social, a organisação governamental se havia conservado, para assim dizer, crystalisada dentro dos muros da *cidade eterna*. O senado que era o centro da constituição politica de Roma, era composto de cidadãos exclusivamente romanos, sem que qualquer outra cidade para lá pudesse enviar um unico representante. Os comicios tinham logar em Roma e só votavam os cidadãos que se achavam dentro dos muros da cidade. Vê-se, portanto, que a organisação politica não se tinha generalisado. E' por isso que consideramos o povo como uma incorporação imperfeita, si bem que de grande alcance social, porque revela a extensão que então adquire o facto da estabilidade local, ao ponto de abranger o territorio inteiro da peninsula.

No tempo das guerras punicas, quando a

unificação territorial já se achava effectuada, porém a assimilação politica ainda não tinha chegado ao seu termo, a cousa que mais devia impressionar Annibal, logo no começo de sua brilhante campanha contra o *povo largamente rei*, não podia ser outra senão a existencia daquelle novo sentimento, para elle ainda ínteiramente desconhecido, que havia transformado cada cidade da parte central e meridional da peninsula em outros tantos centros poderosos de resistencia, como outras tantas Romas que encontrava em seu caminho e que tinha de combater com igual tenacidade e esforço.

Como, porém, ainda nesta phase da evolução do Estado, o unico elemento de cohesão politica que prepondera é o *territorio*, que outra cousa não é mais do que uma ampliação do proprio facto da estabilidade local, e sendo esse elemento por sua propria natureza inconsistente e fraco demais, para conter, dentro da mesma organisação governamental,

populações differentes, já pelos costumes, já pela indole, já pelo estado da civilisação, já pela raça, é facil de prever-se o que havia necessariamente de acontecer á republica romana, desde que o seu territorio se tivesse dilatado consideravelmente e além dos seus limites naturaes.

Eis ahi porque, logo depois da pasmosa expansão militar dos romanos, quando a bacia inteira do Mediterraneo se achava debaixo do jugo governamental daquelle povo começaram a surgir inconscientemente no espirito de seus homens mais eminentes, aspirações separatistas ainda não bem comprehendidas, mas já energicamente sentidas pelas classes dirigentes. O grande facto politico dos triunviratos, que é superficialmente interpretado pela maioria dos historiadores, apparece então em toda a sua luz, como a consequencia de uma aspiração indefinida, por sua vez producto necessario da segmentação politica e administrativa do territorio.

Da mesma forma, o imperio, que costuma ser pintado com côres tão estranhas, uma vez illuminado pelo criterio scientifico da evolução politica, torna-se um facto natural e perfeitamente explicavel pelas proprias leis da historia. Augusto sentiu-se animado como os outros triumviros da mesma necessidade da segmentação do territorio ; mas levado por uma intuição politica admiravelmente lucida a enchergar n'aquella segmentação o proximo desmembramento da antiga republica, e vendo que o unico meio de impedir o desastre era a constituição de uma fortissima dictadura militar, não hesitou um momento em face do perigo e encarnou a sua concepção no imperio.

E' verdade que o plano de Augusto surtio apparentemente um bom resultado, visto como conseguio por algum tempo parar a corrente demolidora ; mas debalde deu elle a Roma mais alguns seculos de penosa e cansada existencia. O probloma politico estava lan-

çado com clareza : ou a organisação governamental havia de modificar-se, pelo apparecimento gradual de um novo elemento de cohesão, ou então a segmentação do territorio havia de se dar fatalmente. Contra a corrente evolutiva da historia são impotentes os esforços mais bem combinados. A obra de Augusto era um dique alevantado contra esta evolução ; devia necessariamente romper-se e rompeu-se para deixar passar a corrente da civilisação.

Apparecem então os barbaros na scena politica do mundo, como negras aves de rapina que vêm colher os despojos do grande corpo que se dissolvia. E em lugar da poderosa Roma de outr'ora coalha-se o occidente inteiro da Europa de pequenas monarchias barbaras, fundadas a esmo, sem plano e sem base, nos logares que antes foram provincias. Na Italia, os ostrogrodos ; na peninsula iberica, os vandalos, visigodos e suevos ; na Gallia, os francos e os burguinhões. A propria lin-

gua latina de Horacio,de Virgilio e de Cicero, foi victima do desastre geral,corrompendo-se e adulterando-se como todas as instituições romanas. Nada escapou. A transformação foi radical e profunda.

Do meio, porém, dessa multidão de monarchias barbaras, com o correr dos tempos e graças ao genio extraordinario de Carlos Magno, surge o grande imperio do occidente. calcado nos moldes do imperio romano, para o mesmo fim social e politico que aquelle havia sido organisado. Carlos Magno sentiu-se ferido pelo mesmo raio de luz que havia illuminado o cerebro de Augusto e como elle tentou oppor á nova ordem de cousas que se impunha a mais tremenda resistencia que se tem visto no campo da historia. Baldados foram, porém, todos os seus esforços ; e o seu imperio, a sua monarchia universal, seu sonho dourado de estadista, desfez-se como uma simples miragem do espirito.

A mesma causa que havia produzido a seg-

mentação do territorio de Roma e que não fôra percebida por Augusto, agora em pleno desenvolvimento, não podia de modo algum sancionar os vastos e temerarios planos de restauração monarchica que Carlos Magno havia concebido e que tentara mesmo pôr em pratica. A segmentação do territorio, apparentemente provocada por necessidades de ordem puramente administrativa, mas de facto produzida pela diversidade de caracteres ethnicos e sociaes das differentes populações amalgamadas no imperio pelo influxo poderoso da dictadura militar, já agora não podia mais ser evitada ou combatida, porque vinha promovida e solicitada pela differença cada vez mais saliente que começava a separar em grupos distinctos aquellas mesmas populações.

Um outro factor, e este mais importante do que os outros anteriores, havia se posto em acção no curso da evolução politica. Esse factor era a differenciação ethnica e linguistica. Durante o reinado de Luiz-o-Bonachão

tres divisões se fazem no imperio. O tratado de Verdum reconhece tres reinos differentes, e finalmente a dieta de Tribur consagra a existencia politica de sete reinos inteiramente independentes. De sorte que a tentativa ingente de Carlos Magno não teve forças para resistir á marcha fatal dos acontecimentos. Mais uma vez a corrente da Historia rompeu o dique da resistencia e a evolução politica seguiu o seu caminho.

Ao mesmo tempo que se constitue monarchias independentes no occidente da Europa, começam as populações a differenciar-se umas das outras, já pelos costumes, já pela indole, já pelas tendencias de sua civilisação. Depois da celebre batalha de Fontanet, em que os exercitos de Lothario foram batidos, Carlos-o-calvo e Luiz-o-germanico prestam aquelle celebre juramento de alliança em que Carlos fallou aos soldados de Luiz em linguagem tudesca e Luiz aos soldados de Carlos em linguagem romana; isto é, á medida que os

francezes se iam separando dos germanos pela raça, ou que os caracteres ethnicos se iam tornando salientes, iam tambem se separando pela lingua. Quer dizer que a differenciação ethnica e linguistica surgia como um elemento poderoso que ia representar na scena politica um papel importantissimo.

O estado, que em Roma apparecera baseado unicamente no territorio e que dera logar a essa integração politica que se chama *povo*, agora apparece, não somente determinado pelos accidentes geographicos, mas ainda profundamente modificado pela desaggregação das raças e pela formação de novas linguas.

Estes novos elementos de cohesão dão ao Estado um caracter que elle ainda não tinha e imprimem-lhe uma feição inteiramente nova. Ao lado do *povo*, que indubitavelmente representa uma incorporação, apparece a *nação*, que representa uma verdadeira unidade social. E' esta a phase terceira da evolução politica.

« A nação, como diz Bluntschli, implica naturalmente communhão de espirito, de caracter, de lingua, de costumes, quando repousa, em seu conjuncto, sobre um *povo*. O que distingue-a sobretudo é a communhão mais completa do direito, a participação no governo, a faculdade de exprimir a vontade do todo e de affirmar em actos, os orgams constitucionaes que possue,em uma palavra, a personalidade publica e juridica. »

Com a differenciação linguistica coincide o apparecimento e a formação de uma litteratura nacional, tendo por base os costumes, as tradições e o sentimento de cada nacionalidade ; e esta cultura litteraria, que surge no seio das novas nacionalidades, concorre para separal-as ainda mais no ponto de vista da differenciação politica. Ao lado do direito romano, brota por toda a parte um direito nacional, forte, vigoroso e cheio de vida. O proprio organismo do Estado nacionalisa-se. E', pois, fóra de duvida que temos

aqui uma nova phase de evolução politica.

As grandes monarchias da idade media, com os seus exercitos permanentes, sua centralisação politica e administrativa, seu poder real absoluto, suas instituições aristocraticas, pertencem a este terceiro periodo da evolução do Estado, periodo em que o unitarismo, por um exagero funesto dos novos elementos de cohesão social e politica, torna-se a caracteristica de toda a vida collectiva da nacionalidade. E' então que brota no coração das massas populares esse amor sagrado da *patria*, como a idealisação mais sublime da terra que foi berço commum.

Mais tarde ainda, depois que as nações já se acham perfeitamente constituidas, dentro dos moldes apertados do Estado unitario, começa a apparecer no seio mesmo do corpo nacional uma nova especialisação territorial, já determinada por accidentes puramente geographicos, já provocada por elementos eth-

nologicos mais ou menos desigualmente distribuidos, já auxiliada por diversidade de interesses. Este novo elemento modificador é o *cantonalismo*.

A organisação centralista do Estado ethnographico vai pouco a pouco sendo combatida, a principio pelas communas que compram os seus privilegios, logo depois pelos parlamentos, pelas côrtes, pelos estados geraes, até que a administração vê-se forçada a consagrar uma divisão *provincial*, uma divisão *departamental*, ou uma divisão *municipal*. Isto é, o territorio nacional segmenta-se e dá logar a novos organismos politicos e administrativos no seio da mesma nação. E' o Estado que passa por mais uma phase em sua evolução e chega ao periodo *cantonalista* ou *federal*.

Quando o *cantonalismo*, como novo factor da evolução politica, chega ao seu maximo ds intensidade, de modo que as circumscripções territoriaes, de puramente administrativas que eram passam a constituir organis-

mos separados e independentes, cada um com sua autonomia politica e administrativa completa, e ligados apenas pelos laços da solidariedade collectiva e dos interesses exclusivamente nacionaes, então o regimen politico e administrativo se concretisa na *federação*. O organismo nacional já não é um todo homogeneo, mas uma synthese suprema de uma serie de orgams particulares. A federação representa, pois, um progresso incontestavel sobre o unitarismo.

E' evidente, portanto, que ha entre o Estado e a nacionalidade uma relação intima e de connexão, tão estreita e tão energica, que pelas modificações operadas em um destes dois organismos é facil prever-se a alteração correspondente que em outro necessariamente se operará. E tão saliente é este parallelismo que um escriptor contemporaneo assim chegou a exprimir-se : « O Estado está para a nacionalidade, assim como o corpo está para o cerebro. E' elle que fornece o esqueleto do

organismo e executa todas as funcções puramente animaes da vida. O Estado é o corpo da nacionalidade. Quanto mais bem constituido fôr o Estado tanto maior será a vitalidade nacional. As funcções intellectuaes competem á nacionalidade, que é um organismo social dotado de vida intellectual e moral.»

Stuart Mill, estudando esta mesma questão, assim escreve : — « Póde-se dizer que ha nacionalidade lá onde se encontram homens unidos por sympathias communs, que não existem entre elles e outros homens, sympathias que os levam a agir de accordo muito mais voluntario do que não o fariam com outros, a desejar viver debaixo do mesmo governo, seja exercido exclusivamente por elles ou por uma parte delles. O sentimento de nacionalidade pode ter sido produzido por diversas causas ; é ás vezes o resultado da identidade de raça e de origem ; muitas vezes a communidade de lingua e a communidade de religião, assim como tambem os limites geo-

graphicos, contribuem para fazel-o nascer. Mas a causa mais poderosa de todas é a identidade de antecedentes politicos, a posse de uma historia nacional e, conseguintemente, a communidade de recordações, o orgulho e a humilhação, o prazer e o pezar collectivos, que se prendem aos mesmos incidentes do passado.»

Eis ahi porque dissemos que o problema da nacionalidade só podia ser convenientemente estudado, em face da lei da evolução social e politica. O proprio Stuart Mill o confessa, quando nos diz que é na identidade de antecedentes politicos que se acha a causa mais poderosa de todas quantas têm contribuido, com o correr dos tempos, para a producção do sentimento de nacionalidade. E' no longo passado historico de cada povo, nas glorias e nas humiliações communs, nas luctas e nas victorias collectivas, que se encontram as suas primeiras e mais fortes raizes. Foi por isso ainda que definimos a nacionalidade, logo

na primeira parte deste trabalho, como um organismo social e politico, que possue o consenso intimo e perfeito de suas funcções.

Esta noção, que assim démos syntheticamente, só póde ser devidamente comprehendida, approximando-a por analogia de um phenomeno mais ou menos identico que se reproduz no organismo individual e que é commummente designado pela noção da personalidade. Esta noção, como já ninguem hoje ignora, é uma noção complexa, que resulta de um sem numero de condições physiologicas, que evolue lentamente e que só apparece em todo o seu esplendor, depois de uma longa elaboração organica, psychica e physiologica,quando o systema nervoso tem attingido o seu maximo desenvolvimento, de modo que as redes do *sensorium*, graças a sua admiravel plasticidade, possam receber, enthesourar e modificar, por sua propria acção metabolica, todos os elementos diffusos

da sensibilidade que para ella convergem, dando-lhes essa forma synthetica de um sentimento unico, que por ser igualmente consciente, produz a noção superior da personalidade.

« E' assim que os phenomenos da percepção consciente, observa Luys, considerados sob o ponto de vista physiologico, entram no quadro natural das funcções nervosas regularmente executadas. E' uma operação vital, um processo normal, que nasce e desenvolve-se, graças ao facto do concurso synergico de todas as forças vivas do systema nervoso postas simultaneamente em contribuição. Como todas as grandes funcções da economia, o processo da noção da personalidade consciente só vive e sustenta-se pelo concurso incessante de todos os apparelhos nervosos que são partes activas ; e esta noção só se torna permanente e estavol pelo facto do jogo continuo das rodas organicas a custa das quaes ella desenvolve-se.»

« A nação, como diz Bluntschli, implica naturalmente communhão de espirito, de caracter, de lingua, de costumes, quando repousa, em seu conjuncto, sobre um *povo*. O que distingue-a sobretudo é a communhão mais completa do direito, a participação no governo, a faculdade de exprimir a vontade do todo e de affirmar em actos, os orgams constitucionaes que possue,em uma palavra, a personalidade publica e juridica.»

Com a differenciação linguistica coincide o apparecimento e a formação de uma litteratura nacional, tendo por base os costumes, as tradições e o sentimento de cada nacionalidade ; e esta cultura litteraria, que surge no seio das novas nacionalidades, concorre para separal-as ainda mais no ponto de vista da differenciação politica. Ao lado do direito romano, brota por toda a parte um direito nacional, forte, vigoroso e cheio de vida. O proprio organismo do Estado nacionalisa-se. E', pois, fóra de duvida que temos

aqui uma nova phase de evolução politica.

As grandes monarchias da idade media, com os seus exercitos permanentes, sua centralisação politica e administrativa, seu poder real absoluto, suas instituições aristocraticas, pertencem a este terceiro periodo da evolução do Estado, periodo em que o unitarismo, por um exagero funesto dos novos elementos de cohesão social e politica, torna-se a caracteristica de toda a vida collectiva da nacionalidade. E' então que brota no coração das massas populares esse amor sagrado da *patria*, como a idealisação mais sublime da terra que foi berço commum.

Mais tarde ainda, depois que as nações já se acham perfeitamente constituidas, dentro dos moldes apertados do Estado unitario, começa a apparecer no seio mesmo do corpo nacional uma nova especialisação territorial, já determinada por accidentes puramente geographicos, já provocada por elementos eth-

nologicos mais ou menos desigualmente distribuidos, já auxiliada por diversidade de interesses. Este novo elemento modificador é o *cantonalismo*.

A organisação centralista do Estado ethnographico vai pouco a pouco sendo combatida, a principio pelas communas que compram os seus privilegios, logo depois pelos parlamentos, pelas côrtes, pelos estados geraes, até que a administração vê-se forçada a consagrar uma divisão *provincial*, uma divisão *departamental*, ou uma divisão *municipal*. Isto é, o territorio nacional segmenta-se e dá logar a novos organismos politicos e administrativos no seio da mesma nação. E' o Estado que passa por mais uma phase em sua evolução e chega ao periodo *cantonalista* ou *federal*.

Quando o *cantonalismo*, como novo factor da evolução politica, chega ao seu maximo ds intensidade, de modo que as circumscripções territoriaes, de puramente administrativas que eram passam a constituir organis-

mos separados e independentes, cada um com sua autonomia politica e administrativa completa, e ligados apenas pelos laços da solidariedade collectiva e dos interesses exclusivamente nacionaes, então o regimen politico e administrativo se concretisa na *federação*. O organismo nacional já não é um todo homogeneo, mas uma synthese suprema de uma serie de orgams particulares. A federação representa, pois, um progresso incontestavel sobre o unitarismo.

E' evidente, portanto, que ha entre o Estado e a nacionalidade uma relação intima e de connexão, tão estreita e tão energica, que pelas modificações operadas em um destes dois organismos é facil prever-se a alteração correspondente que em outro necessariamente se operará. E tão saliente é este parallelismo que um escriptor contemporaneo assim chegou a exprimir-se : « O Estado está para a nacionalidade, assim como o corpo está para o cerebro. E' elle que fornece o esqueleto do

organismo e executa todas as funcções puramente animaes da vida. O Estado é o corpo da nacionalidade. Quanto mais bem constituido fôr o Estado tanto maior será a vitalidade nacional. As funcções intellectuaes competem á nacionalidade, que é um organismo social dotado de vida intellectual e moral.»

Stuart Mill, estudando esta mesma questão, assim escreve : — « Póde-se dizer que ha nacionalidade lá onde se encontram homens unidos por sympathias communs, que não existem entre elles e outros homens, sympathias que os levam a agir de accordo muito mais voluntario do que não o fariam com outros, a desejar viver debaixo do mesmo governo, seja exercido exclusivamente por elles ou por uma parte delles. O sentimento de nacionalidade pode ter sido produzido por diversas causas ; é ás vezes o resultado da identidade de raça e de origem ; muitas vezes a communidade de lingua e a communidade de religião, assim como tambem os limites geo-

graphicos, contribuem para fazel-o nascer. Mas a causa mais poderosa de todas é a identidade de antecedentes politicos, a posse de uma historia nacional e, conseguintemente, a communidade de recordações, o orgulho e a humilhação, o prazer e o pezar collectivos, que se prendem aos mesmos incidentes do passado.»

Eis ahi porque dissemos que o problema da nacionalidade só podia ser convenientemente estudado, em face da lei da evolução social e politica. O proprio Stuart Mill o confessa, quando nos diz que é na identidade de antecedentes politicos que se acha a causa mais poderosa de todas quantas têm contribuido, com o correr dos tempos, para a producção do sentimento de nacionalidade. E' no longo passado historico de cada povo, nas glorias e nas humiliações communs, nas luctas e nas victorias collectivas, que se encontram as suas primeiras e mais fortes raizes. Foi por isso ainda que definimos a nacionalidade, logo

na primeira parte deste trabalho, como um organismo social e politico, que possue o consenso intimo e perfeito de suas funcções.

Esta noção, que assim démos syntheticamente, só póde ser devidamente comprehendida, approximando-a por analogia de um phenomeno mais ou menos identico que se reproduz no organismo individual e que é commummente designado pela noção da personalidade. Esta noção, como já ninguem hoje ignora, é uma noção complexa, que resulta de um sem numero de condições physiologicas, que evolue lentamente e que só apparece em todo o seu esplendor, depois de uma longa elaboração organica, psychica e physiologica, quando o systema nervoso tem attingido o seu maximo desenvolvimento, de modo que as redes do *sensorium*, graças a sua admiravel plasticidade, possam receber, enthesourar e modificar, por sua propria acção metabolica, todos os elementos diffusos

da sensibilidade que para ella convergem, dando-lhes essa forma synthetica de um sentimento unico, que por ser igualmente consciente, produz a noção superior da personalidade.

« E' assim que os phenomenos da percepção consciente, observa Luys, considerados sob o ponto de vista physiologico, entram no quadro natural das funcções nervosas regularmente executadas. E' uma operação vital, um processo normal, que nasce e desenvolve-se, graças ao facto do concurso synergico de todas as forças vivas do systema nervoso postas simultaneamente em contribuição. Como todas as grandes funcções da economia, o processo da noção da personalidade consciente só vive e sustenta-se pelo concurso incessante de todos os apparelhos nervosos que são partes activas ; e esta noção só se torna permanente e estavol pelo facto do jogo continuo das rodas organicas a custa das quaes ella desenvolve-se.»

II

O separatismo e a nacionalidade.

Depois de exposta a theoria da nacionalidade, tal como nos parece aceitavel em face da sciencia e sem nenhuma idéa preconcebida, é natural que entremos agora especialmente no confronto da aspiração separatista com aquella theoria, a vêr si essa aspiração tem um fundamento politico que a legitime e que garanta a sua effectividade, ou si não passa de um sonho, de uma vã chimera do espirito, que convem arredar do caminho da democracia e banil-a para sempre do programma do partido republicano.

Antes de tudo, porém, convem ponderar que o separatismo tem encontrado nesta provincia uma aceitação tão rapida, tão espontanea e tão generica, que só esta circumstancia é um motivo bastante para serias reflexões da parte daquelles que pensam e que observam os phenomenos sociaes com madureza e criterio scientifico. Quando uma idéa ou uma aspiração se generalisa por essa forma, quasi sem nenhum trabalho ou esforço de propaganda, é porque já tem encontrado na consciencia popular um terreno bastante preparado para poder desenvolver-se, expandir-se e fructificar; conseguintemente, é de suppor-se que na collectividade paulista existam poderosos elementos de desaggregação social e politica, que, até aqui abafados pela pressão centralista do imperio, começam todavia a manifestar-se, graças ao acrescimo de energia que com o correr do tempo têm adquirido e á opportunidade do momento historico da vida social e politica do imperio.

De outra forma seria um verdadeiro milagre o progresso que o separatismo tem feito na provincia. Ha forçosamente algum accumulo de circumstancias ou de condições essenciaes, que se entendem directamente com a vida collectiva da provincia e que têm despertado e posto em agitação elementos naturaes e persistentes de desintegração, que de ha muito procuram concretisar-se em uma formula politica clara, evidente e simples, capaz de ser comprehendida por todos e de tornar-se, n'um momento dado, a synthese suprema de uma aspiração commum. E' esta a consideração que desde logo suggere o phenomeno e que de facto encontra nos elementos constitutivos da nossa população a mais plena e cabal comprovação.

Segundo deixamos estabelecido, tão satisfactoriamente quanto possivel, no capitulo anterior, o condicionalismo ethnico representa, na formação das nacionalidades, um papel importantissimo, como um dos mais ener-

gicos factores de differenciação social e politica. E' a influencia biologica da raça que, modificada de mil modos pelas circumstancias exteriores, pelas condições de adaptação, pela selecção e pelo cruzamento, se faz sentir com toda a força de um elemento de desaggregação espontanea e traduz-se praticamente na constituição de novas nacionalidades.

Ora, attendendo-se em primeiro logar a este elemento de differenciação ethnica, verifica-se, pelas condições especiaes em que se deu o povoamento de nossa provincia, que temos aqui um dos fundamentos mais solidos da moderna aspiração separatista. A nossa população, não obstante a communidade de origem que a liga a de outras provincias do imperio, affasta-se e distancia-se de muitas, por caracteres ethnicos secundarios, cuja importancia e energia não podem ser desprezadas.

Os colonos, povoadores da capitania de S. Vicente, eram muito superiores, pela sua

cultura moral e pela sua genealogia, aos outros que eram mandados pelo governo portuguez para as provincias do norte. Estes eram, na maior parte, condemnados deportados, criminosos homisiados e gente de baixa extracção, sem costumes, sem moral e sem escrupulos. Individuos que na sua patria constituiam elementos de perigo e dos quaes Portugal se livrava mandando-os deportados para as provincias do norte principalmente, que sempre foram mais protegidas e mais cuidadas pelo governo portuguez.

O sr. Oliveira Martins, referindo-se a este zelo com que sempre foi tratado o norte do Brazil, emquanto que o sul jazia em abandono e entregue a si mesmo, nos assegura que «a nação brazileira desenvolve-se *colonialmente* ao norte, organica e espontaneamente ao sul. Semi-independente a região de S. Paulo — Minas com a grande bahia do Rio de Janeiro, capital natural do imperio futuro, está na sombra *elaborando uma construcção*

organica emquanto o Brazil official, o Brazil brilhante, opulento, o Brazil dos vice-reis e governadores, *assenta ao norte*, na Bahia e em Pernambuco.» D'ahi a razão de irem quasi todos os deportados e criminosos para o norte.

Nas provincias do sul, o povoamento se fez em melhores condições. O senador Joaquim Floriano de Godoy, em uma noticia historica que escreveu sobre a provincia de S. Paulo, depois de enumerar as tres raças que aqui se encontraram, a raça branca, a raça indigena e a raça mameluca, assim se exprime: «a raça branca, representada pelos colonos e suas familias vindos na armada de Martim Affonso, que foram os primeiros colonisadores de S. Vicente, Santos e Piratininga; colonisação esta que muito avultou posteriormente, com especialidade no dominio hespanhol. A maxima parte destes colonos eram de *origem limpa, pertencendo muitos á melhor nobreza de Portugal e Hespanha*. Estes colonos

formavam para assim dizer, uma sociedade á parte, *não se confundindo com os naturaes* da terra e nem com os mamelucos.»

O sr. Americo Brasiliense, fallando dos desertores e criminosos, que primitivamente foram lançados ao porto de S. Vicente, acrescenta que «a alliança de taes homens á mulheres indigenas deu, como resultado d'esse crusamento, o augmento dos mamelucos. Este nome foi injustamente confundido com o de paulistas, *sendo certo que estes constituiam uma classe differente*. Esta confusão foi devida á ignorancia ou pouco cuidado com que historiadores estrangeiros, desde esses tempos, tratavam dos acontecimentos do Brazil.»

Ao mesmo tempo que este abandono do sul permittia que a sua população se constituisse de modo diverso e em melhores condições, prosperava o norte com a protecção official do governo portuguez, povoando-se rapidamente, fundando engenhos, que se multiplicavam pela cultura da canna de assu-

car, enriquecendo os colonos e attrahindo cada anno novas turmas de exploradores e aventureiros de todas as classes. No norte como no sul, porém, o cruzamento com os indigenas era um phenomeno constante ; lá principalmente, em virtude mesmo da grande quantidade de colonos de baixa condição social, o cruzamento com as populações indigenas adquiria tanto maior desenvolvimento quanto mais se approximava do equador. De sorte que os productos desse cruzamento, que no sul foram pequenos, porque, como em S. Paulo, os colonos brancos e compostos de *gente limpa não se confundiam com os naturaes da terra*, no norte cresceram e multiplicaram-se enormemente.

Ainda mais. A lavoura da canna de assucar, que no norte logo prosperou admiravelmente, graças ás condições excepcionalmente favoraveis do clima, tornou necessaria desde muito cedo a introducção de escravos africanos, que para lá foram importados em

em larga escala, a começar de 1551. Todos os annos milhares de africanos eram desembarcados na Bahia, em Pernambuco e Maranhão ; e muito breve ficaram os engenhos regorgitando de escravos. O trafico, que assim appareceu e desenvolveu-se, motivado pelos progressos da lavoura da canna de assucar no norte, tornou-se, porém, um elemento prejudicial a formação da população.

O cruzamento, que já se operava entre portuguezes e indigenas e que não era util ás provincias do norte, áquellas que formavam o Brazil official e opulento de então, foi reforçado pelo cruzamento com os africanos, não menos prejudicial do que aquelle. Nas provincias do centro, principalmente, onde os engenhos mais se multiplicaram e onde a escravidão africana mais desenvolveu-se, chegando a attingir um algarismo muito elevado, o cruzamento entre portuguezes e africanos tornou-se predominante e chegou mesmo a dar o typo ethnologico da população.

Emquanto isto se dava nas provincias do norte, cousa muito diversa se passava na capitania de S. Vicente. Como observa o sr. Americo Brasiliense, « nas explorações de minas e lavra das terras de Piratininga os indios, quer os captivos dos colonos, quer os de aldeamentos proximos á povoação, eram empregados. Os trabalhos muito pesados e rigorosamente impostos ou exigidos não encontravam lenitivos, pois que os encarregados de funcções publicas não exerciam com efficacia os seus poderes para proteger aquelles infelizes. » A alta linhagem, porém, o orgulho que tinham os colonos de S. Vicente da nobreza de sua genealogia e o sentimento de sua superioridade, ao mesmo tempo que assim os levavam a escravisarem os indios, os conservavam affastados e não os deixavam confundir-se de modo algum com os naturaes do paiz.

Assim, si por um lado o cruzamento com os indios era em S. Vicente extremamente

insignificante, ao ponto de serem os seus productos representados unicamente pela classe dos *mamelucos*, que era pequena e isolada e que por sua natural ferocidade era empregada na caça dos indios, para o trabalho das minas e para a lavra das terras, por outro lado a raça africana, como judiciosamente pondera o senador Joaquim Floriano de Godoy, « era elemento novo e que *não estava então desenvolvida em seus cruzamentos com as outras.* »

Um caso fortuito, porém, como observa o sr. Oliveira Martins, veio mudar a face das cousas. Esse caso fortuito foi a descoberta das *minas*, feitas pelos bravos exploradores paulistas, em fins do seculo dezesete. Este acontecimento veio modificar inteiramente o futuro do sul brasileiro. Como nos diz o mesmo escriptor « os escravos de Africa *iam agora* demandar tambem o porto do Rio de Janeiro com destino ás minas, como no norte demandavam o Maranhão, Pernambuco ou a Bahia

com destino às plantações.» Convem notar, todavia, que ainda assim, apezar de só muito tarde ter sido introduzidos em larga escala africanos no sul, essa corrente procurou de preferencia a região das *minas*. S. Paulo ficou ainda por mais tempo livre do flagello. Do mesmo modo que o trafico procurou o norte, por causa dos espantosos desenvolvimentos da lavoura da canna de assucar, assim tambem procurou a nossa provincia só depois que a lavoura do café começou a se fazer em grande escala; portanto, é evidente que o elemento africano por muito tempo aqui se conservou insignificante.

Por aqui se verifica que Quatrefages não estava bem informado, quando attribuiu a origem dos paulistas, «essa raça cujos homens se têm distinguido de todos os tempos por suas bellas proporções, sua força physica, sua coragem indomavel e suas resistencias ás mais duras fadigas,» ao cruzamento de portuguezes açorianos, vindos do velho mundo, com os

Goyanazes, tribu caçadora e pacifica e com os Carijós, raça bellicosa e cultivadora », facto este que explica porque S. Paulo hoje, como observa Denis, é o centro de um notavel desenvolvimento moral e intellectual.

A' vista do que temos dito, parece-nos que se póde dizer que o Brazil ethnologicamente divide-se em tres grandes regiões : — o norte, o centro e o sul. Na primeira predominou, pelo crusamento, o sangue indigena ; na segunda, o sangue africano ; e na terceira, o sangue branco. Ou, na phrase de um escriptor brazileiro contemporaneo, « em toda a superficie do Brazil o typo branco predominou ; mas si formos distinguir a parte de cada raça nesses crusamentos, é possivel estabelecer a seguinte divisão : as populações do norte do Brazil até Pernambuco possuem um cunho *fortemente indigena* ; da Bahia até o Rio de Janeiro e Minas Geraes o sangue africano ensinuou-se em *larga escala* ; d'esses pontos para o sul as populações apresentam-se me-

nos *mescladas.*» Eis ahi porque S. Paulo hoje se tem constituido o centro de um notavel desenvolvimento moral e intellectual.

O sr. Oliveira Martins reconhecendo, na população de S. Paulo um grão extraordinario de homogeneidade, de cohesão, de originalidade e autonomia nacional, emquanto que nas provincias do norte tudo, no periodo colonial, era artificial, quer na população, quer no regimen do trabalho, dá implicitamente testemunho desta differenciação ethnica que acima constatamos. E' em virtude unicamente deste condicionalismo ethnico, ajudado sem duvida pela benignidade de nosso clima, que se encontra em S. Paulo, em fins do regimen colonial, «a vida de uma nação nova, existindo independente e autonoma, por virtude de uma população fixada e naturalisada no solo sobre que vivia.»

Eis ahi o fundamento scientifico da aspiração separatista. Em vez de ser um sentimen-

to vago e indefinido, uma vã chimera ou uma simples illusão, o separatismo é uma verdadeira synthese politica, que depois de haver dominado a corrente do sentimento, entra agora na sua phase consciente e começa a dominar tambem as idèas e os pensamentos de nossos comprovincianos. E' uma aspiração legitima, que não tendo encontrado plena satisfação no grito hypocrita de 7 de Setembro, em que sentiu-se ludibriada pelos embustes de um despota estrangeiro, agora surge com mais força e energia no scenario politico. E' o proprio sentimento de autonomia nacional que procura uma nova formula, mais adequada e mais livre do que a formula monarchica, para expandir-se e concretisar-se.

Toda a differenciação ethnica, como já vimos, traz comsigo uma certa differenciação psychologica. O condicionalismo ethnico, como acabamos de mostrar, existe ; a aspiração separatista, portanto, como indice da differen-

ciação psychologica, é um phenomeno perfeitamente explicavel. O grupo paulista tende a desaggregar-se fatalmente do imperio por condições ethnicas que não podem ser desconhecidas e despresadas, e encarna essa tendencia na aspiração separatista, que é uma aspiração puramente politica, para o fim da concretisação definitiva do sentimento da autonomia nacional.

Ora, si a aspiração separatista, pela analyse que fizemos da formação da nossa população, escuda-se no condicionalismo ethnico e psychologico, como aliás nos parece evidente; e si esses dois elementos entram como poderosos factores de differenciação na constituição das nacionalidades, cremos ter demonstrado, tão cabalmente quanto nos era possivel, que, do confronto do separatismo com a theoria da nacionalidade, mais uma vez se evidencia a sua legitimidade, como processo natural, espontaneo e necessario de progresso politico. Resta-nos, comtudo, verifi-

car ainda si o condicionamento geographico a ampara com a mesma força. Eis o que vamos fazer no capitulo seguinte, para terminar o nosso confronto e tornar o nosso estudo mais harmonico e systematico.

III

O separatismo e a federação.

Si o imperio póde ser dividido ethnographicamente em tres grandes regiões, nota-se igualmente, por uma coincidencia admiravel, que a ellas correspondem directamente outras tres grandes regiões geographicas. Dir-se-ia que os relevos orographicos do solo haviam servido de plano fatal para o traçado das grandes linhas ethnologicas que haviam de compôr a physionomia do imperio. Nunca talvez se encontrou um accôrdo tão perfeito entre os phenomenos physicos e os phenomenos biologicos.

Como já mostrámos, ethnologicamente com-

preh·nde o Brazil tres immensas regiões: uma ao norte, outra ao centro e outra ao sul. Pois bem. Geographicamente tambem comprehende tres grandes bacias hydrographicas: a do Amazonas, que fica ao norte, a do S. Francisco, que fica no centro e a do Paraná que fica ao sul. Estas tres grandes bacias, que são as principaes, são determinadas pelos relevos naturaes do solo, taes como a serra das Vertentes, a serra do Espinhaço e a serra do Mar. Assim, o extenso e fertilissimo valle do Amazonas fica comprehendido dentro de uma cinta de montanhas, cujo cordão meridional é constituido pela serra das Vertentes. O valle do S. Francisco, incluindo-se outros menores que bem podem ser considerados como suas dependencias, fica cercado pela serra das Vertentes, das Canastras, Mantiqueira e pequenos contrafortes que se ligam á serra do Mar. O valle do Paraná, finalmente, separa-se e distingue-se do valle do S. Francisco pela linha de monta-

nhas que forma a orla meridional deste e do valle do Amazonas, pela serra das Vertentes.

A primeira destas tres immensas bacias hydrographicas com prehende as provincias do Amazonas, Pará, Maranhão, Piauhy, Goyaz, e todo o norte de Matto-Grosso ; a segunda abrange Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espirito-Santo, Rio de Janeiro e todo o norte de Minas ; a terceira comprehende o sul de Minas e de Matto-Grosso, S. Paulo, Santa Catharina, Paraná e Rio Grande do Sul.

E' evidente, portanto, o accordo entre os relevos orographicos do solo e a constituição ethnica das populações que occupam as tres grandes bacias já mencionadas. No valle do Amazonas predomina o sangue indigena, como qualquer observador, ainda pouco attento, poderá verificar se quizer ; no valle do S. Francisco é o sangue africano que dá o cunho, o typo predominante á população ; no

valle do Paraná, porém, o que prevalece, o que salienta-se incomparavelmente e apparece como a caracteristica principal da população é o typo europeu, é o typo branco. Eis ahi como o condicionalismo ethnico se harmonisa com o condicionalismo geographico.

Terminado assim o confronto do separatismo com a theoria da nacionalidade, levanta-se de novo uma outra questão, e que vem a ser : si o separatismo è ou não incompativel com a federação. E' evidente que semelhante questão, á vista do modo porque temos exposto até aqui a theoria do separatismo, é inteiramente descabida e nem merece as honras de uma séria refutação. Comprehendemos que homens incultos, destituidos de todo e qualquer preparo scientifico e completamente alheios á lei particular do progresso politico, tenham duvidas a respeito da compatibilidade ou incompatibilidade do separatismo com a federação ; mas o que nos

espanta, o que nos contrista mesmo e nos enche de verdadeiro pesar, é vêr que nessa mesma duvida e nesse mesmo receio se achem homens experimentados nas luctas politicas, que se dizem chefes do partido republicano, que têm a responsabilidade da direcção da propaganda democratica e que, portanto, tinham o dever de se mostrar mais familiarisados do que os outros com os progressos da sciencia politica e mais na altura de sua missão de propagandistas e directores do novo partido.

Toda aggregação social e politica começa por uma desintegração, que é a phase primitiva e inicial de todo o desenvolvimento dos agrupamentos humanos; é evidente, portanto, que toda federação começa por uma separação. Pretender, como querem muitos, que a federação é que deve ser o caminho para a separação, é entender que a integração deve preceder a desintegração, é pretender um simples absurdo. E admira mesmo como

espiritos mais ou menos lucidos tenham enunciado semelhante conceito, que até o bom senso vulgar repelle com força.

E' preciso que se note que o separatismo é uma phase (a phase inicial) do processo geral de *evolução* ; neste caso é impossivel sustentar-se com seriedade que a federação é que deve preceder ao separatismo. No processo de *dissolução*, que é justamente o inverso daquelle, é que a desintegração apparece depois de já se achar completa e determinada a integração. A dissolução começa onde acaba a evolução. Quer dizer que o primeiro termo de uma das series é o ultimo da outra. ou uma serie é o mesmo que a outra invertida. Como, pois, affirmar se que o separatismo deve vir *depois* da federação ? !

Deixemos, porém, de parte esta confusão, que é um verdadeiro desproposito politico, indigno até de occupar a attenção de um espirito bem formado e que se alimenta na grande corrente scientifica dos tempos con-

temporaneos e passemos para estas paginas a lucida concepção que, sobre o assumpto, externou um distincto e modesto republicano nas columnas da *Democracia*. Eis o artigo a que nos referimos :

« Separação é o caminho para a federação. Quem quer a união de estados deve começar por fazer estados. Ora, não sendo de esperar que desta tarefa se encarreguem o imperio ou a divina providencia, cumpre que cada provincia (e não só a de S. Paulo) trate de libertar-se. Assim pensaram os Inconfidentes, cujo projecto era proclamar a republica em Minas Geraes, e, se possivel, em S. Paulo e Rio de Janeiro.

Pernambuco pretendeu em 1817 libertar-se conjunctamente com algumas das provincias visinhas. Plano mais vasto foi o da Confederação do Equador, mas estava longe de comprehender todas as provincias, ou a sua maioria.

A republica rio-grandense não procurou nem teve adhesão nas outras provincias, posto que declarasse que se ligaria pelos laços da federação áquellas das provincias do Brazil que adoptassem a mesma forma de governo. Em todos os grandes movimentos politicos a separação era ponto assentado, primeiro marco a firmar ; a federação vinha depois, como aspiração, mal definida a principio, e só chegando á formula do manifesto de 1870 após numerosos ensaios e tentativas. Em nosso conceito não é preciso repudiar o passado para satisfazer os novos ideaes democraticos. A evolução é harmonica, todos os sacrificios e aspirações generosas são fecundos. Os homens da conjuração mineira só por extraordinaria intuição entreviram o principio federalista, de que tinham vaga noticia pela constituição dos Estados-Unidos, de que obtiveram um exemplar, e mandaram traduzir.

Em 1817 e 1825 já era mais lucida a no-

ção do federalismo, graças à propaganda iniciada por alguns homens superiores nas provincias do norte desde o começo do seculo, e pela constituição da Columbia.

Em 1835 o illustre italiano Zambicari pregou o federalismo aos rio-grandenses do sul e conseguiu deixar na revolução os vestigios de sua doutrina. O instincto popular, porém, sempre comprehendeu que a federação não ha de apparecer subitamente, peça fundida de um só jacto nos moldes do imperialismo. Das vinte escravas libertem-se as que tiverem forças para o fazer, e as outras não ficarão no captiveiro. Quando todas, ou o maior numero, ou as que quizerem, se acharem livres, os interesses communs, os sentimentos de familia, as tradições, o exemplo da America do Norte, hão de fazer a federação.

Levantem-se as populações que ainda tem vida, e a monarchia perecerá de inanição.

Os que a todo o transe querem uma patria

grande como a Russia, e unida como a China clamam que é preciso esperar a restauração das provincias atrasadas, reduzidas *a ruinas deploraveis*. Podemos assegurar que o imperador é da mesma opinião. Sua magestade se confessa republicano, mas é de parecer que a monarchia ainda é necessaria por cem annos para preparar o povo. Moysés foi menos exigente. Contentou se com quarenta annos de preparação no deserto para entrar na terra promettida. E quando a monarchia chegasse a formar um povo livre, forte, instruido e feliz, teria realisado tão grandioso monumento, que fôra ingratidão a mudança de forma de governo. Que viria fazer a republica ? Para que a federação ?

Ter-se-ia realisado o sonho de Benjamin Constant. Estaria descoberta a pedra philosophal em politica. Infelizmente a preparação já tem seculos, a contar do dominio portuguez, e o resultado é este : Mais de dez milhões de analphabetos.

A monarchia não pode prescindir da centralisação, e a centralisação é a ruina e o avillamento. »

Para nós, a federação que se formar, depois da separação de S. Paulo, não poderá ser sinão sulista. O valle do Paraná será o seu corpo geographico. E' esta a nossa convicção e este o nosso vaticinio. Os relevos orographicos do solo, por um lado, e a constituição ethnica da população, por outro, nos impoem aquella convicção. Eis o que representa para nós a Patria Paulista.

IV

O separatismo e os chefes do partido republicano.

Excepção feita do sr. Ubaldino do Amaral, cujas opiniões por diversas vezes temos referido no correr deste trabalho, apenas se manifestaram francamente sobre a questão do separatismo os srs. Saldanha Marinho e Campos Salles. O velho democrata brazileiro, apezar de ter o corpo alquebrado pelos annos e pelas longas fadigas de sua trabalhosa vida de advogado, ainda conserva no espirito a virilidade de um talento robusto, lucido bastante para conceber as graves e complexas questões politicas que se agitam

no paiz, ao contrario de muitos moços, que intellectualmente já parecem ter chegado ao periodo da senilidade. Comprehendendo o alcance da aspiração separatista em relação ao advento do governo democratico e pesando bem a sua immensa responsabilidade, como o vulto mais eminente da democracia brazileira, o distincto chefe republicano claramente enunciou-se sobre o separatismo, como se verá do documento politico que aqui registramos. Eil-o:

« Constituidas as cousas publicas em estado normal, respeitados os direitos das provincias, applicadas as suas rendas ao que lhes é indispensavel, animadas todas por um centro que lhes proporcione desenvolvimento e prosperidade, limitadas, ao menos racionalmente, ás exigencias desse centro, e não sendo elle jamais o principal promotor de decadencia no presente e de infallivel e geral desastre no futuro, respeitados os direitos

de todos os brazileiros : seria uma loucura pensar em separação ; essa idéa não teria em tal hypothese, razão de ser.

Mas a situação do paiz não é essa. Tudo é anormal !

Desde o fatal estabelecimento do imperio, tudo se centralisou, e sem razão, nas faculdades dos poderes moderador e executivo, dos quaes são as camaras legislativas simples chancellarias, e por isso sempre promptas a desempenharem um triste mandato, que não é do povo, mas do governo, que domina as eleições.

E si porventura rarissimas excepções se dão, e por ellas têm entrada no parlamento brazileiros que professam dignidade e patriotismo, estes apenas podem luctar, mas sem proveito do paiz, pois que suas vozes são sempre abafadas por maiorias convencionaes.

A necessidade de dar ás provincias a sua indispensavel autonomia actuou poderosa-

mente na unica constituinte que tivemos, a que nos deu o Acto Addicional.

E mesmo esse Acto Addicional não foi, nesse sentido, completo. Deixou de estabelecer a elegibilidade dos presidentes pelas proprias provincias, subjeitando, entretanto, os actos das assembléas provinciaes á sancção de um delegado do centro, isto é, ao mesmo centro. Apezar de incompleto, o Acto Addicional foi mal recebido pela monarchia, e esta, com o desassombro com que ostenta, e sempre desastradamente, o seu dominio, fez revogar por uma lei ordinaria (a da interpretação) quanto de mais importante se achava estabelecido nessa lei constitucional, a unica que temos com esse caracter.

Todas as attribuições dessas assembléas foram cerceadas, e essencialmente ; e sob a insidiosa distincção de — *geral e provincial* — nunca definida, mas sempre a arbitrio do centro, tem sido nullificada a acção desses corpos, reduzidos a acanhado circulo admi-

nistrativo. O centro quer dominar absolutamente, e domina as provincias, as quaes nem de seus legitimos interesses podem ser as supremas directoras.

O centro atribue-se a qualidade estupenda de ser a *unica entidade pensante* no imperio ! As provincias necessitam de viação franca, de instrucção, de desenvolvimento de industria, de edificios publicos indispensaveis e de mil outras cousas urgentissimas, e só obtêm (e por excepção e mal) alguma pequena fracção do que lhes é indispensavel. Os empregos publicos, a magistratura, o magisterio superior, a força publica, a administração de suas rendas, a regularisação de suas despezas fóra do insignificante a cargo das assembléas, mas sempre sob a tutella de um delegado do centro, tudo lhes è vedado ! De suas rendas, da que se chama geral, a mais avultada, só fica nas provincias o indispensavel para os vencimentos dos empregados denominados geraes e soldo ás tropas lá desta-

cadas *para manter a ordem*, ou antes para manutenção do *systema que felizmente nos rege*.

Além disso, e só por especial favor, feito a algum amigo, são applicadas mesquinhas importancias a algum mister quasi sempre util ao que obteve a concessão. O mais, e é quasi tudo, vem para a côrte e é gasto em aformoseamentos, grandes edificios, dispendiosissimos, quasi sempre em favor de felizes empreiteiros, abastecimentos de aguas, até hoje sem resultado satisfactorio, e o mais que exige sempre a côrte, que, com o imperador á frente, é a senhora absoluta do Brazil; e cumpre dizel-o, sendo a côrte o lugar onde os sentimentos politicos são supplantados pelo egoismo mercantil, e onde o elemento commercial e estrangeiro é o dominante. Nem se quer são as rendas das provincias repartidas equitativamente com ellas!

O centro faculta-lhes de quando em quando alguma *esmola*, mas no jogo que faz com ellas,

lucra sempre, e sempre deixando-as a arcar com as maiores difficuldades. A força policial, que é indubitavelmente de interesse geral, pesa totalmente em suas despesas, as parcas rendas deixadas ás provincias. E o centro consome tudo ! Não se farta com o que tem, empenha a nação em enorme divida, que cresce de anno a anno, permanecendo entretanto um *deficit* assustador, e fazendo pesar, sobre todas as provincias que compõem o imperio, a responsabilidade por acto que não praticaram e para o qual nem consultadas foram ! E' geral o clamor das provincias contra os males já manifestos e provados da odiosa centralisação que as esmaga.

Nestas angustiosas circumstancias e desattendidas sempre em todas as suas reclamações, certas de que, além de sua propria iniciativa e a sua custa particular, nada obterão; a braços com urgentissimas necessidades, e vendo escoarem-se suas rendas nas mãos prodigas do um centro esbanjador, sem consci-

encia e sem patriotismo, — que fazer ? Chamarem a si o que é seu ; assumirem os seus direitos soberanos. tratarem por si mesmas, independente de qualquer tutella, de acautelarem seu futuro, promoverem o seu engrandecimento e libertarem-se do jugo, já insupportavel, de um centro que as flagella. Mas dirão aquelles a quem interessa o *statu quo* : a desunião é a fraqueza, e o grande imperio se nullificará.

Mas essa lamuria apenas provoca o riso. O que é o imperio ? O que serão os Estados-Unidos da America do Sul ? A revolução ha de vir e quanto mais breve, mais vantajosa e de melhores resultados. E ha de vir das provincias. Da côrte, paiz estrangeiro, e, em geral, de gente que vive da monarchia, não irá remedio ás provincias e nem reparação dos males a que têm estado sujeitas. Venha a verdade. A autonomia das provincias será a morte do Imperio. E' mister, pois, que das provincias parta o primeiro brado

de independencia do actual systema de governo.

Todas ao mesmo tempo não estão preparadas para isso, e portanto iniciem a revolução as que têm possibilidade para ella. Salve-se a que puder. A' proporção que se forem libertando, irão se confederando, e dados os primeiros passos, o desideratum geral não se fará esperar e o Brazil será livre.»

Depois deste notavel documento politico, em que o corajoso publicista republicano não trepida mesmo em aconselhar — « que das provincias parta o primeiro brado de independencia do actual systema de governo » — documento que, ao mesmo tempo que faz honra aos seus acrysolados sentimentos patrioticos, legitima ainda mais a sua comprovada competencia para o alto posto que occupa no seio da democracia brazileira, appareceu um projecto de manifesto, que o sr. Campos Salles leu em uma das sessões do

Congresso Republicano, que teve logar em fins de Maio ultimo e que aqui reproduzimos, concebido nestes termos :

« Tendo-se agitado na imprensa e levantado na tribuna das conferencias republicanas a importantissima questão da separação da provincia de S. Paulo, para ser constituida em Estado livre e independente, corre ao Congresso Republicano o dever de intervir na grave controversia para traçar lealmente a sua norma de conducta perante o paiz e particularmente perante os seus correligionarios politicos.

Esta questão, de tão vasta complexidade, tem sido no entanto agora examinada quasi que exclusivamente pelo seu aspecto menos attrahente e conciliador, qual seja o dos preconceitos e prevenções, de que se têm servido simultaneamente os que a combatem e os que a sustentam, conforme o ponto de vista em que se collocam. Cumpre portanto

antes de tudo afastal-a desse terreno ordinariamente cheio de asperezas para assentar a sua solução sobre as bases largas do patriotismo e dos puros principios da politica democratica.

E desde que prejuisos existem, é essencial começar por destruil-os, para que a consciencia moral do povo paulista possa manifestar-se com a maxima isenção. A historia contemporanea registra um precedente que indubitavelmente muito tem concorrido para fazer gerar fortes prevenções contra a aspiração separatista, proscrevendo-a de todas as bandeiras politicas. Ella appareceu na grande União Americana como o sinistro grito de guerra do escravismo sulista, que a levantou como força de resistencia contraposta á abolição. Tomando-se por ponto de partida para as luctas mais energicas da escravidão a campanha presidencial de 1840, vê-se que ahi surgiram a um tempo do proprio seio da União e desde então caminharam parallela-

mente em progressivo e rapido desenvolvimento, mas tambem na mais ardente e implacavel hostilidade, os dois principios que se destinavam a produzir a mais tremenda conflagração civil, que nos nossos dias se ha presenciado — o abolicionismo e o separatismo. Aos progressos da força abolicionista, revelados na eleição de 1884, as legislaturas do Mississipi e da Carolina do Sul, que eram a representação mais genuina da escravidão, responderam, convocando uma Convenção desunionista, na qual se propoz a fundação de um governo para os « Estados-Unidos do Sul. »

Após esta manifestação, que punha totalmente em evidencia os intuitos e as tendencias do Sul, foi apresentada por um dos chefes do partido ultra-esclavagista no Congresso Federal uma emenda á Constituição, propondo que fossem nomeados dois presidentes, um para os Estados livres, outro para os Estados esclavagistas ; isto é, um para o

Norte, outro para o Sul. A emenda consagrava tambem que todos os actos do Congresse devessem receber a sancção deste duplo poder executivo, que assim se tornaria a representação constitucional do antagonismo que dividia as duas grandes regiões da União.

Collocada a luta neste terreno, os acontecimentos precipitaram-se de tal modo que, na memoravel campanha de 1860 Abraham Lincoln pôde ser elevado á suprema magistratura da União por 1.875,610 suffragios. O partido do solo livre tinha triumphado. Cahia o predominio do Sul no governo da Federação. Surgia o tremendo conflicto. Apenas foi conhecido este resultado, a Carolina do Sul declarou-se separada da União. Logo após mais 11 Estados vieram successivamente trazer o concurso da sua adhesão armada á causa da separação.

O separatismo transformou-se, portanto, nessa bandeira negra, que conduziu os defensores da escravidão aos campos de bata-

lha. Ahi foi que se originou o sentimento de repugnancia, que ainda hoje influe para excluil-o do corpo das aspirações politicas.

No entanto não se trata senão de um preconceito, que calou fundo na consciencia universal pela grandeza dos acontecimentos que o geraram, mas que por isso mesmo deve ser combatido para dar logar á acção benefica da razão popular.

O separatismo, examinado á luz dos verdadeiros principios da democracia moderna e do valor real dos precedentes historicos, é inelludivelmente uma causa patriotica, porque é um principio benefico.

E' preciso accentual-o desde logo ; a separação não exclue a federação, nem tão pouco a integridade territorial é indispensavel para a applicação do principio federal, consagrado na organisação republicana. Assim tambem, a *patria grande* não é condição essencial de vida nacional e de prosperidade dos povos.

O exemplo dos Estados-Unidos não destroe, antes confirma estes conceitos. Quando as 13 colonias inglezas, após uma lucta gigantesca e tão cheia de heroismos, constituiram-se em uma nação livre e independente, já ellas se achavam cordialmente ligadas entre si pela cohesão dos sentimentos e pelos mais apertados laços na ordem triplice das suas relações politicas, sociaes e economicas.

Tinham todas ellas combatido sob a mesma bandeira, impulsionadas por um só estimulo na defesa da dignidade e do direito, tinham contribuido por igual com o sangue e com o dinheiro, tinham contrahido os mesmos compromissos, a divida publica era de todas as colonias, tinham experimentado os mesmos soffrimentos, tinham adquirido as mesmas glorias, a patria era commum, pois que era a obra de todos.

Para que dividil-a? De resto, o acontecimento se dava em uma epoca em que todos os povos tinham, na sua maxima intensida-

de, a preoccupação da guerra externa. Era por isso que Washington nas suas expansões profundamente patrioticas, dizia aos seus concidãos :

« — Diminuirmos os poderes da União é expormo-nos a ser o ludibrio da politica europêa. »

Nestas circumstancias, manter a União, isto é, formar a patria grande, era um facto natural, uma condição essencial na vida d'aquelle povo. Serão porventura as mesmas as circumstancias em que se acham neste momento as provincias brazileiras ? Eis a questão. A independencia da patria que devera ter sido aqui, como lá, a obra exclusiva dos nacionaes, foi no emtanto, por uma manobra desleal do imperialismo, transformada em um acto de benemerencia e alto favor de um principe.

A gloria da independencia deixou portanto de ser o patrimonio do povo, o laço de affecto entre os brasileiros que habitam as diver-

sas circumscripções da nação, porque fôra traiçoeiramente arrebatada pelo despota. Mas, por isso mesmo, a fundação da nação foi aqui o ponto de partida para a centralisação, isto é, para o despotismo. D'ahi o antagonismo dos interesses, avigorado pela preponderancia malefica e por um funesto predominio politico de umas regiões sobre outras, destruindo o sentimento de cohesão entre as provincias: d'ahi esse gravoso regimen de injustiça e de iniquidade, engendrando intuitos e aspirações rivaes: d'ahi finalmente as tendencias oppostas o contraste das ambições, o afrouxamento de todos os laços da união.

Como são diversas as circumstancias! Lá, a obra da independencia foi o primeiro e tambem o mais vigoroso laço da união. Aqui, o acto da independencia creou o germen do desmembramento.

Por outro lado a situação dos povos em suas relações internacionaes, sobretudo na America, é bem diversa hoje, comparada com

o que era no fim do seculo passado. Não temos motivos para temer, como Washington, que sejamos o ludibrio da politica estrangeira. Não ha perigo de absorpção, porque está passada a época das conquistas. A existencia das pequenas republicas do Prata e do Pacifico ao lado do colossal imperio americano, affirma, por certo, a possibilidade de viver a *patria pequena* separada da *patria grande*.

Nem deve impressionar a attitude actual dos estados republicanos da America em relação ao Brazil. A ausencia de uma cordialidade completa entre nós e os nossos visinhos deve ser antes attribuida aos erros governamentaes do que aos sentimentos reciprocos dos povos.

Não pode inspirar receios esse estado de quasi permanente inquietação, que não é senão mais um producto funesto da politica imperial. A diplomacia monarchica, mais propensa a colher conselhos da politica ambiciosa

e desleal dos soberanos europeus, do que a levantar a honra, o brio nacional, afastando-se sempre da grande e generosa politica internacional essencialmente americana, tem por isso mesmo feito nascer as prevenções e irritar as susceptibilidades dos povos visinhos, creando-nos uma situação excepcional na America, collocando-nos sob a ameaça perpetua de desavenças e luctas e retardando o desenvolvimento do progresso nacional. Essa não ha de ser, por certo, a direcção da diplomacia da *Patria Paulista*, lançada sobre os moldes democraticos.

A patria grande, isto é. a patria de vasta extensão territorial, pode, pois, constituir uma aspiração nobre e legitima, mas não é com certeza uma condição essencial de existencia no continente americano, nem mesmo de grandeza ou de prosperidade nacional. A' separação pode-se portanto fazer a applicação deste principio de mechanica : — « o que se perde em força, ganha-se na rapidez.

Cumpre, entretanto, assignalar que o separatismo não exclue a federação ; é antes um ponto de partida para ella. Esta aspiração não vem, portanto, suggerida pelo sentimento do egoismo, como um meio de desaggregação absoluta e perpetua. Ella deve ser, ao contrario, tomada como o inicio e primeiro passo para uma aggregação completa, harmonica, solida e estavel sob o regimen salutar da federação.

Ha disto um exemplo na historia da Suissa. Foram somente tres os cantões que, no seculo XV, primeiro levantaram o grito de revolta contra a oppressão, proclamando a sua independencia e autonomia pela separação. E no emtanto, logo após mais cinco cantões vieram se juntar a estes, formando-se a Confederação Helvetica, paiz privilegiado que no meio das convulsões européas vê desenvolver-se o seu progresso á sombra das instituições mais amplamente democraticas, e que são a um tempo a poderosa egide da li-

berdade no interior e da paz no exterior. Do mesmo modo, desaggregando-se do imperio, a provincia de S. Paulo nãs quererá fechar o accesso ás adhesões das outras provincias, para fundar com ellas uma patria nova com instituições tambem novas.

O seu intuito não é, não pode ser a selecção total, perpetua, porque ao espirito paulista, previdente, generoso e nobre, não ensombram condemnaveis prejuisos nem antagonismo de interesses.

De resto,o regimen federal é um remedio de indisputavel efficacia para os males que resultam das differenças economicas.

Debaixo desse salutar regimen cada provincia ou cada circumscripção, mantendo a sua autonomia na esphera da mais ampla competencia, viverá dos seus proprios recursos e encontrará na amplitude dos seus poderes meios seguros de dar expansão ao seu progresso, aos seus elementos peculiares de riqueza e prosperidade.

E' por isso que a separação deve ser acceita, não com o intuito exclusivista de uma desaggregação absoluta, mas como meio de chegar á federação. Isto importa affirmar que o separatismo conduz direito á applicação do principio republicano.

Portanto, oppôl-o á centralisação do imperio *é levantar em face da democracia cesariana a doutrina, os direitos, as queixas e as incompatibilidades da democracia leal.*

E comtudo, a idéa se acha ainda na sua primeira phase, convem não arrebatal-a ao trabalho de elaboração geral e espontanea do espirito e do sentimento paulista, para collocal-a no terreno exclusivista e constrangedor da propaganda partidaria ou da fé politica.

Cumpre não esquecer que existe nesta questão uma certa solidariedade de interesses, que não convem neutralisar por preconceitos de qualquer ordem. O que é preciso é evitar os choques que produzam as incompatibilidades. E' indispensavel que possa con-

correr a favor da obra grandiosa a cooperação livre e espontanea de todas as forças da nossa sociedade, como para um fim commum — a formação da *Patria Paulista*.

Esta é a concepção do principio separatista que o Congresso adopta e aconselha aos republicanos paulistas. »

A leitura deste manifesto (é preciso dizel-o para honra do partido e vergonha dos chefes que a elle se oppuzeram) foi recebida com grande enthusiasmo por todos os membros do Congresso que se achavam presentes, exceptuando-se apenas duas ou tres vozes discordantes, que o impugnaram mais por capricho do que por convicção e sciencia. Viu-se então uma verdadeira anomalia no seio da democracia paulista. O corpo do partido manifestou-se mais adeantado e mais preparado para resolver a questão do que algum dos seus chefes. Dura licção, que sem duvida terá calado bem fundo no animo dos emperrados !

O estadista dos tempos modernos, é pre-

ciso dizel-o, o homem que comprehende devidamente a sua complexa funcção social, como orgam vivo das forças politicas, aquelle que se acha na posição de guia e conselheiro de seus concidadãos, para bem dirigir e encaminhar as diversas manifestações do pensamento e do sentimento popular, precisa de impôr-se á consideração, ao respeito e á admiração de seus contemporaneos, não pelo seu prestigio pessoal ou pelo prestigio que lhe empresta a sua posição official, mas pela competencia provada do seu saber, pela sua grande força de previsão, e pela sua reconhecida experiencia na direcção dos negocios. Desde que lhe falta o preparo necessario para resolver e decidir as questões politicas que surgem á cada momento, na medida das exigencias da moderna sciencia politica, falta-lhe a principal condição para o exercicio consciencioso e util de sua funcção.

Foi debaixo desta dolorosa impressão que o Congresso Republicano, á vista da maneira

superficial e sem criterio por que foi impugnado aquelle projecto de manifesto, resolveu addiar a sua discussão para a sessão futura e não porque tivesse julgado, como aliás se procurou fazer acreditar, que seria mais politico deixar as cousas no mesmo pé em que antes se achavam. O *statu quo* só póde ser o ideal dos espiritos atrasados, incultos e pervertidos pela vaidade, mas nunca uma bandeira que honre a um partido democratico e progressista.

A questão do separatismo tem corrido á revelia, mais por ignorancia e vaidade, do que por falta de importancia e adhesão. O espirito publico acolhe-a espontaneamente e os seus adeptos já são hoje bem numerosos. Entretanto, somente tres chefes repulicanos têm tido a coragem de enfrental-a de perto. A imprensa, porèm, que tinha o restricto dever de elucidal-a, emmudeceu-se nas columnas editoriaes e deixou o debate correr descuidado pela *Secção livre*, talvez com o plano

preconcebido de tirar-lhe a importancia que poderia ter aos olhos do publico. Não é assim, todavia, que se amesquinha um problema politico grave e complicado como este, que póde servir até de padrão para aferir-se da capacidade e do tino politico dos chefes.

Aquelle que tiver percorrido estas paginas poderá ter visto que nunca faltámos á sinceridade qne nos caractrisa ; parodiando, portanto, a epigraphe que tomamos para este livro, poderemos dizer sem receio : — embora nos accusem, nos condemnem, nos prendam e nos enforquem, havemos de publicar sempre os nossos pensamentos. O fazel-o não é um direito, é antes um dever ; obrigação restricta para todos os que têm idéas, é communical-as aos outros para o bem commum. A verdade inteira pertence a todos : — publicamos aquillo que entendiamos que era util aos nossos concidadãos.

INDICE

A' imprensa, ao congresso, etc. 5

PARTE PRIMEIRA

O Problema 21
A lei do progresso em biologia . 29
Analogia entre o organismo biologico e o organismo social . 39
A lei do progresso em sociologia 49
Consequencias politicas da lei estabelecida 57
Comprovação historica . . . 69
O separatismo. 81

PARTE SEGUNDA

Autonomia politica 99
Autonomia administrativa . . 107
Autonomia do ensino. . . . 115
Autonomia economica . . . 127
Agricultura. 131
Movimento emigratorio. . . 137
Vias ferreas 145
Movimento industrial . . . 155
Movimento commercial . . . 166
Movimento maritimo . . . 180
Autonomia financeira . . . 183

PARTE TERCEIRA

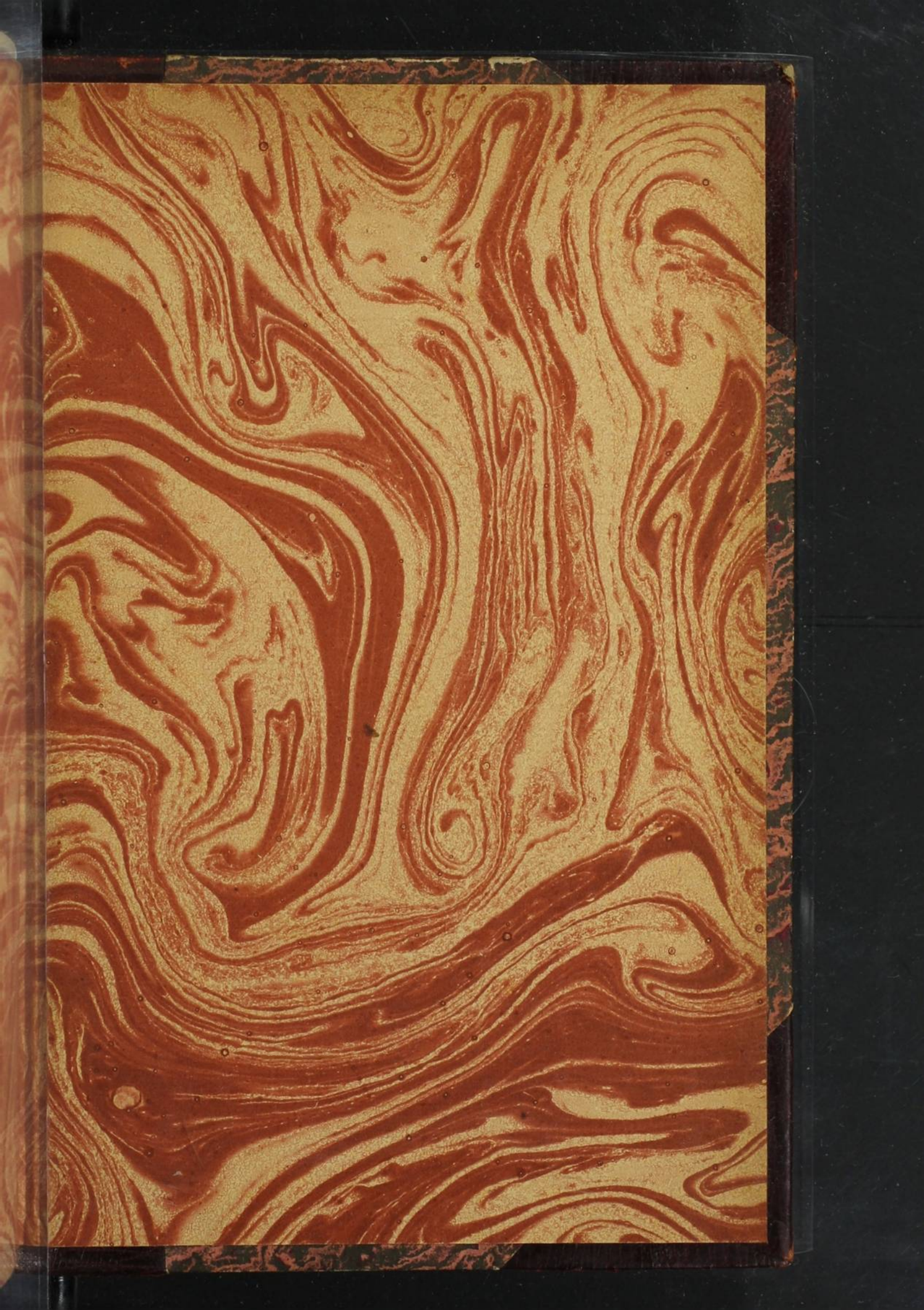
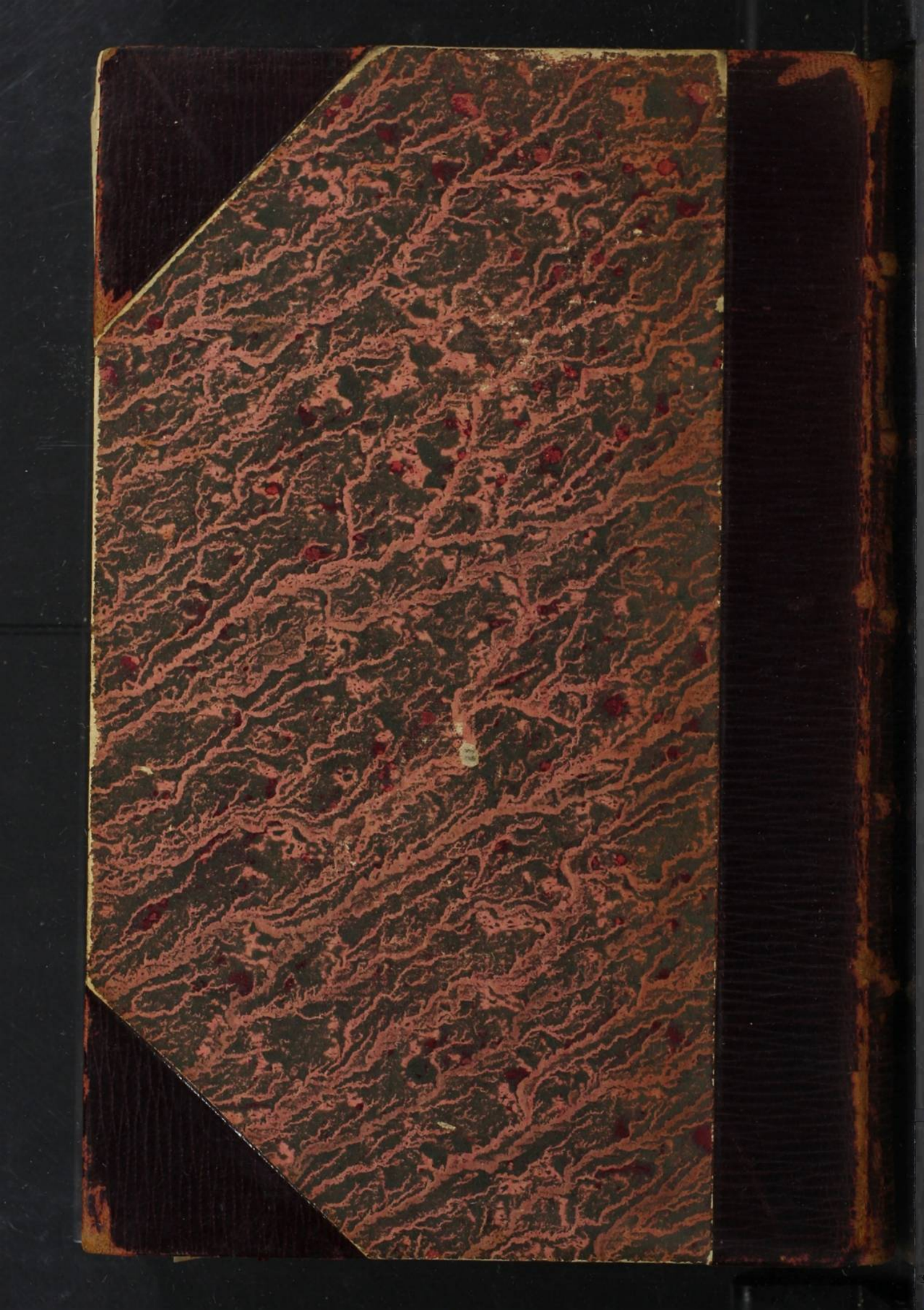
Theoria da nacionalidade . . 201
O separatismo e a nacionalidade 243
O separatismo e a federação. . 261
O separatismo e os chefes do partido republicano . . . 273

TYPOGRAPHIA A VAPOR

DA

Gazeta de Campinas

2—RUA DO DOUTOR QUIRINO—12

CAMPINAS—30-7-87.

011838